BORAT

OS SEGREDOS E AS CENAS INÉDITAS DA COMÉDIA MAIS INFAME DESDE O FIM DO MONTY PYTHON

HEROES

LOST? COISA DO PASSADO. O NOVO FENÔMENO DA TV CHEGA AO BRASIL MISTURANDO X-MEN, AÇÃO E REALISMO

SET

cinema [illegible] entretenimento

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Fevereiro, 2007 • Ed. 236 • Ano 20 • R$ 9,90
EDITORA PEIXES

ROCKY BALBOA

O GARANHÃO ITALIANO VOLTA AOS RINGUES (E AOS CINEMAS) EM PLENA FORMA

OSCAR 2007

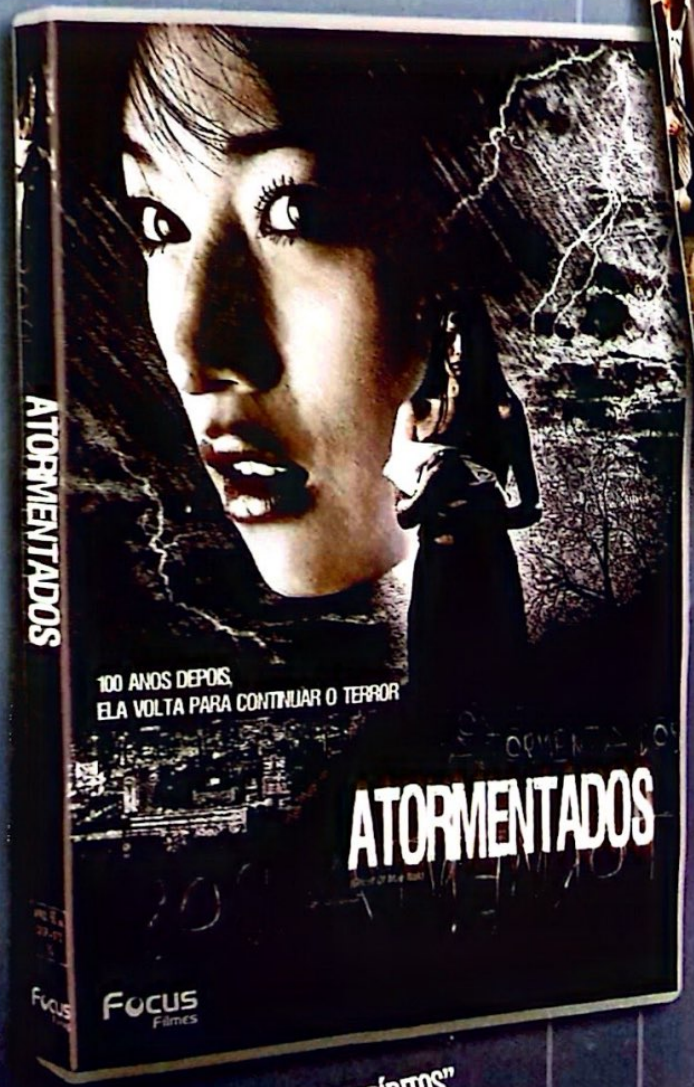
CLINT EASTWOOD VS. MARTIN SCORSESE

DIRETORES BUSCAM REVANCHE! TODOS OS INDICADOS! OS ESQUECIDOS!

LANÇAMENTOS IMPERDÍVEIS

QUE VOCÊ SÓ ENCONTRA EM SUA LOCADORA

100 ANOS DEPOIS,
ELA VOLTA PARA
CONTINUAR O TERROR



CADA PEÇA CONTA UMA
HISTÓRIA DIFERENTE

"VISUALMENTE IMPRESSIONANTE"
SPINNINGSTIR.COM

NA MESMA LINHA DE "O GRITO" E "ESPÍRITOS"

focusfilmes.com.br

BASEADO NO BEST-SELLER "O CAMINHO DO GUERREIRO PACÍFICO"
"ESSE FILME É UMA REFLEXÃO CLARA E SIMPLES. EU APROVEITEI CADA MOMENTO."
JIM CARREY - ATOR
"A ATUAÇÃO DE NOLTE COMO UM GUERREIRO ESPIRITUAL É FANTÁSTICA."
SHERI LINDEN - HOLLYWOOD REPORTER
UM FILME SOBRE ESPIRITUALIDADE E SUPERAÇÃO
NICK NOLTE SCOTT MECHLOWICZ AMY SMART
PODER ALÉM DA VIDA
NADA É POR ACASO
UMA HISTÓRIA REAL
poderalemdavida.com.br
LIONSGATE
NOS CINEMAS
CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME
Focus Filmes

NESTA EDIÇÃO

8 CARTAS

11 TAKES

19 OSCAR 2007
Todos os indicados e os detalhes da maior premiação do cinema

30 UM SONHO A MAIS
O musical *Dreamgirls* salva a carreira de Eddie Murphy e revela um par de novas atrizes

34 O REI E A RAINHA
Forest Whitaker e Helen Mirren consagram-se depois de interpretar monarcas

36 UMA CRIATURA DIVINA
Se não é a melhor, Kate Winslet é a atriz mais ocupada de Hollywood

42 TOURO INDOMÁVEL
Por essa ninguém esperava: Sylvester Stallone resgata um ícone pop em *Rocky Balboa* e não decepciona

50 O HOMEM TRIPLO
O diretor Richard Linklater abre o jogo sobre a genial e problemática animação *O Homem Duplo*

54 EVOLUÇÃO HERÓICA
***Heroes* desbanca *Lost* no coração dos nerds e torna-se o novo fenômeno da televisão**

58 BORAT
As cenas perdidas e as artimanhas da comédia mais chocante do século

62 UM PLANO INFALÍVEL?
Será que a Turma da Mônica quebrará a maldição das bilheterias com *Uma Aventura no Tempo*?

65 FILTRO

66 CINEMA

72 DVD & VÍDEO

80 TELEVISÃO

84 MÚSICA

86 LIVROS & HQS

87 GAMES

88 EQUIPAMENTOS

90 PONTO FINAL

NA CAPA Sylvester Stallone em *Rocky Balboa* (Fox)

FEVEREIRO

30

Mi[illegible]ortudo: Beyoncé prova que não é só um "corpinho bonito" em *Dreamgirls*. Ela é bonita também

EXISTEM MILHARES DE MANEIRAS
DE AUMENTAR A ADRENALINA.
HOJE, ELE PRECISARÁ DE TODAS ELAS.
JASON STATHAM AMY SMART
ADRENALINA
CRANK
WWW.ADRENALINAFILME.COM.BR
CALIFORNIA FILMES
PROCURE NAS LOCADORAS

EDITORIAL

Foi uma briga. Desde que Sylvester Stallone anunciou que ia retomar seu personagem mais emblemático em *Rocky Balboa*, cantei a bola: "Isso pode dar capa". Só faltou chamarem o pessoal legal com uma camisa-de-força. O tempo passou, Sly liberou imagens do filme, exibiu sua (boa) forma na filmagem do clímax de *Balboa*, e eu continuava lembrando: "Isso pode dar capa". Quando ele apresentou o trailer, a idéia de que o sexto *Rocky* não seria uma piada, e sim um bom filme, foi fortalecida. Eis que, no final de 2006, o pessoal da Fox me liga na redação: "Chegou uma cópia de *Rocky Balboa*, quer assistir?". Eu fui. E *Rocky Balboa* mostrou-se como seu criador: cheio de falhas, às vezes engraçado, por outras patético, poderoso, triste, emocionante e, por fim, triunfal. É o mesmo espírito de *Rocky, Um Lutador*, que revelou Sly Stallone para o mundo em 1976. Com uma entrevista exclusiva com o astro em mãos, e dando uma olhada em sua carreira ímpar, cantei de novo: "Isso pode dar capa". E deu.

Enquanto *Rocky Balboa* defende o que é seu no ringue, outra "disputa" esquenta os papos cinematográficos do mês e, se os prognósticos e os resultados de algumas premiações se confirmarem, o Oscar 2007 será o mais pulverizado da história. O que não é de todo ruim – significa que grandes filmes e performances não faltaram. SET dá a você uma geral em cima dos embates mais acirrados, lembrando os longas indicados que já estrearam e os que chegam aos cinemas este mês – isso para você acompanhar a cerimônia afiado. Acima de tudo, a festa do próximo dia 25 pode corrigir uma injustiça histórica. É, você *sabe* do que estou falando.

Roberto Sadovski
Diretor de Redação roberto.sadovski@edpeixes.com.br

AFOGANDO EM NÚMERØS

A edição de SET que você tem em mãos em estatísticas nada comprovadas

"Aaaadrriiiaaann": nosso Stallone de plantão mostrou a (falta de) forma ao subir no prédio de SET para gritar ao mundo que havia conseguido convencer a todos de que a capa com o Rocky era sensacional. Tentamos empurrá-lo logo depois. Não deu certo.

7 páginas com a matéria de *Rocky* saíram atrasadas. Resumo: toda a matéria

2 frases "cada segundo aqui é um segundo a menos no editorial" foram proferidas por Sadovski

3 dias além do recesso foram tirados pela diagramadora. Descontamos no salário

1 vinho foi o suborno utilizado pela diagramadora para não perder a grana

12 pratos no restaurante chinês do bairro foram consumidos no mês

18 funcionários da editora compareceram à pré-estréia de *Borat* feita por SET

EDITORA PEIXES

SET

PRESIDENTE
Angelo Rossi

REDAÇÃO *(E seus esquecidos pelo Oscar 2007)*
Diretor de Redação: *Roberto Sadovski (Vôo United 93)*
Editor-Chefe: *Rodrigo Salem (Filhos da Esperança)*
Editora de Arte: *Marcia Chicaoka (Nacho Libre)*
Editor Especial: *Ricardo Matsumoto (Borat)*
Editor: *Alessandro Giannini (Mais Estranho Que a Ficção)*
Diagramadora: *Denise Gariani (Shortbus)*
Assistente de Redação: *Silvana Soares (WTC)*
Colaboraram nesta edição: (texto) *Alfredo Sternheim, André Barcinski, André Gordirro, Carlos Helí de Almeida, Eduardo Torelli, Fábio Santana, Roberto Pujol, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê* **(ilustração)** *Allan Sieber, Fernando Gonsales* **(revisão)** *Marisa Ribeiro*

PUBLICIDADE
Diretora: *Cidinha Cabral (cidinha.cabral@edpeixes.com.br)*
Gerentes: *Debora Leopoldo (debora.leopoldo@edpeixes.com.br), Sandra Garcia (sandra.regina@edpeixes.com.br)*
Executiva de Negócios: *Silvana Magalhães*
Executiva de Contas: *Stella Maris Bovino*
Coordenador de Publicidade: *Jorge Luiz Trinca*
Gerente de Marketing Publicitário e Eventos: *Monique Marie O.L. Otenio*
Assistente de Marketing Publicitário e Eventos: *Marcelo Rodrigues Silveira*

GESTÃO E CONTROLE OPERACIONAL
Diretor: *Carlos Romualdo*

ASSINATURAS
Gerente: *Orlando Palialol*
Gerente de Processos: *Robson Cerqueira*

MARKENTING/CIRCULAÇÃO
Gerente: *Sidnei Lubianco*
Planej. e Contr. Produção: *Wagner Pinheiro (supervisor)*
Gerente de Vendas Diretas: *Miguel Abdulack*

JURÍDICO
Diretor: *Djair Rosa*

PUBLICIDADE REGIONAL
Paulo Soares (paulo.soares@edpeixes.com.br)

REPRESENTANTES
Brasília: *Brasília Promotion* – Tel./Fax (61) 3322-5511
Rio Grande do Sul: *Zigon Comunicações* – Tel./Fax (51) 3228-7300/ 8166-4140
Minas Gerais: *SBF Publicidade* – Tel./Fax (31) 2125-2923
Santa Catarina: *By Speranza* – Tel./Fax (48) 3232-0519
Paraná: *Tunitec Editora* – Tel. (48) 3338-9493
Espírito Santo: *Dicape Representações e Serviços Ltda.* – Tel./Fax (27) 3229-1986
Ceará, Piauí e Maranhão: *AGHolanda Comunicação* – Tel. (85) 3224-2267
Representante Internacional: *Multimedia, Inc. (USA)* – Tel. (1) 407-903-5000 – Fax (1) 407-363-9809

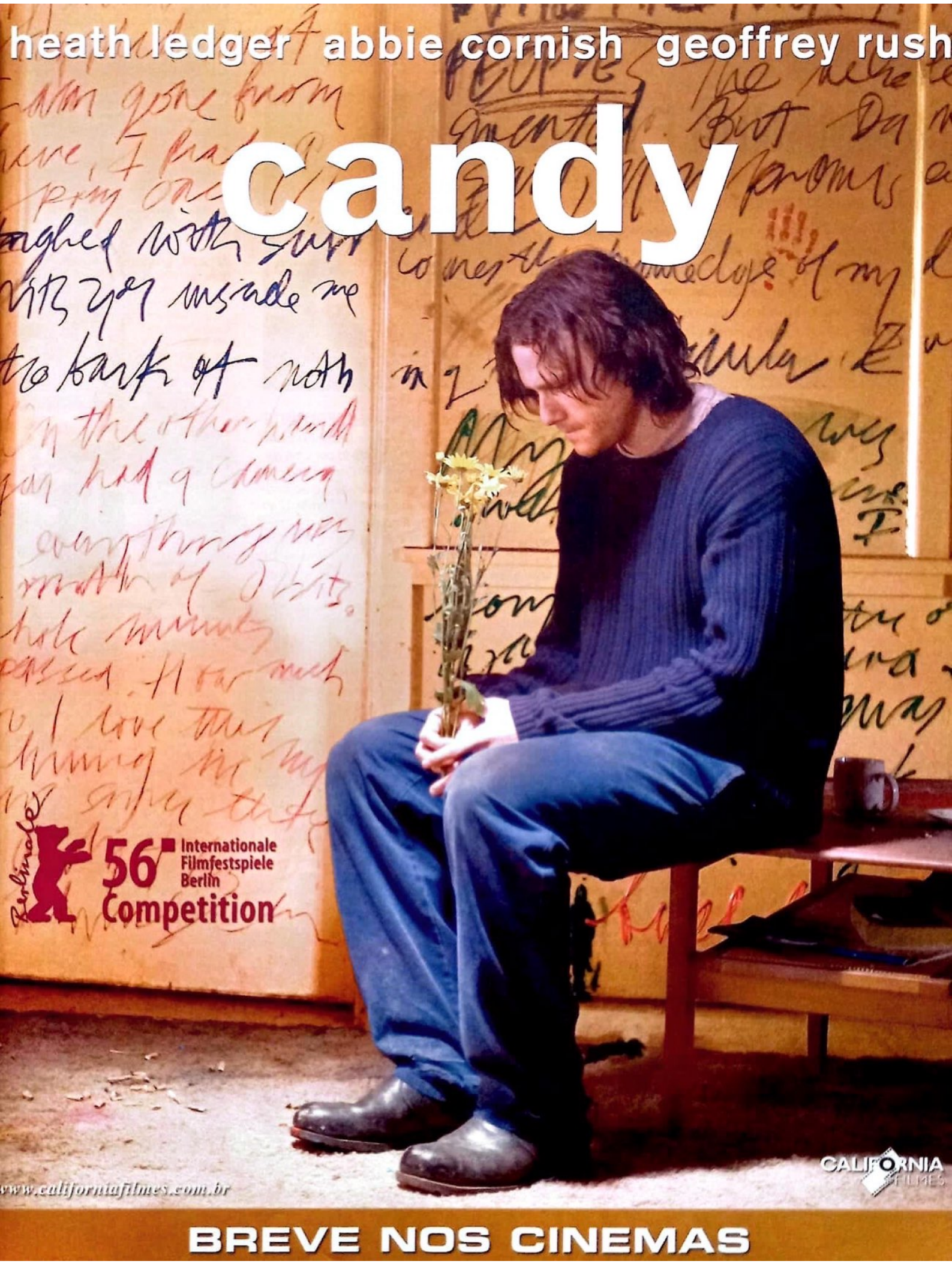
SET, Edição 236, fevereiro de 2007, é uma publicação da Editora Peixes S.A. ISSN 0104-1592. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050 tel. (11) 3049-3149. Publicidade: tels.: (11) 3049-3159/3049-3162/3049-3160. Distribuição: SET é distribuída com exclusividade no País pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações. Números atrasados: Podem ser solicitados, ao preço da última edição em bancas mais despesas de envio, à Sorvey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Baixa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300, fone/fax (011) 4151 2481, de segunda a sexta-feira das 8h às 17h40; na internet acessando www.lojaspeixes.com.br; ou através do jornaleiro ou distribuidor Dinap da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

UOL www.setonline.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(0xx11) 3038-8080
De segunda a sexta-feira das 8 às 20 horas
e aos sábados das 9 às 15 horas
E-mail: assinapeixes@teletarget.com.br
ou acesse: www.assinepeixes.com.br

PRE-PRESS: VOX
IMPRESSÃO: GLOBO COCHRANE GRÁFICA E EDITORA LTDA.

IVC ANER


heath ledger abbie cornish geoffrey rush
candy
56 Internationale Filmfestspiele Berlin
Competition
www.californiafilmes.com.br
CALIFORNIA FILMES
BREVE NOS CINEMAS

AMANHÃ É HOJE

Uns batem, outros afagam, mas o *Preview 2007* foi o grande campeão de audiência este mês

Vocês já tentaram escrever na calçada de um café quando a temperatura está negativa? É chique, mas não é fácil... De qualquer forma, ainda estou aqui, pronto para sanar suas dúvidas mais cruéis e persistentes. E com um revés: este mês não temos carta-Madonna. Nenhuma! A mulher perdeu a força?

CARTAS: 87 • E-MAIL: 58 • FAX: 6 • TELEFONEMAS: 39
Correspondência recebida entre 21/12 e 19/1

TOTAL 190

DE OLHO NO FUTURO

Gostei muito do *Preview 2007*. Mal posso esperar para pôr os olhos em alguns lançamentos, principalmente *Homem-Aranha 3* que com certeza será um dos maiores filmes da história. E quem tem a coragem de fazer o pessoal da revista perder tempo lendo cartas sobre de quem é a barriga no pôster do *Homem-Aranha 3*? Os leitores têm de entender que o espaço é para tirar dúvidas realmente importantes.

Felipe Salvador
Americana-SP

Ô se é...

DE OLHO NO... AH, VOCÊ SABE

Parabéns pelo *Preview 2007*. O único senão: a capa um tanto preguiçosa e pouco criativa. Eu sei do apelo que o personagem tem, e estou curioso pelo filme. Mas o trailer é fraco. Os efeitos do Aranha ainda são péssimos, pois ele parece não ter peso. Pode até ser o Blockbuster do ano, assim como *Piratas do Caribe: o Baú da Morte* foi em 2006, mesmo tendo sido bem ruinzinho, como prova a nota 3 de SET para o lançamento em DVD. A capa do *Preview* poderia ter sido menos óbvia e trazer *300* ou *Transformers*, cujos trailers dão de 10 no do Aranha.

Edmilson Rocha
Curitiba-PR

Ô se dão...

ACTION MAN!

Desejo saber em que pé estão as seqüências *Rocky VI* e *Rambo IV*. Aproveitando a oportunidade gostaria muito de saber da possibilidade para um novo *Máquina Mortífera*, já que Mel Gibson está com tudo e todos depois do sortudo *A Paixão de Cristo* e agora *Apocalypto*.

Rodrigues Capelli
Belo Horizonte-MG

Bom, você deve estar pipocando de alegria com nossa capa, não? Máquina Mortífera *5? Deve sair com* Titanic *2.*

SUBORNO!

Durante os últimos seis meses de 2005 vocês deram várias notícias sobre *As Crônicas de Nárnia*. Este mês estréia *Eragon* e vocês não publicaram nada sobre o filme durante o último semestre. O desempenho de *As Crônicas de Nárnia* foi ruim? Isso tem a ver com a não publicação de bastidores acerca de *Eragon* nos últimos meses? E mandem o nome de sua cerveja preferida, que eu envio a grana para comprarem alguns barris, ok?

Sérgio Magalhães Cardoso
São Miguel do Guaporé-RO

Nárnia *foi um tremendo sucesso. Mas, convenhamos,* Eragon *não está com esse moral todo. Ainda assim, o pessoal de SET publicou uma matéria! Já a cerveja, pode mandar a meus cuidados mesmo...*

EXTERMINADOR DE DEFUNTO

Após assistir a *Exterminador do Futuro 3* fui assaltado por uma dúvida. Como Sarah Connor pode ter sucumbido ao câncer e ter aparecido no futuro apocalíptico de *T2* ao lado do filho adulto?

Rinaldo Pereira de Carvalho Silva
Brasília-DF

Bom, eu já vi T2 *pelo menos um milhão de vezes e garanto que Sarah Connor não aparece no futuro. Nem uma vez. Nada. Nicas.*

CÁLCULO MORTAL

Gostaria de saber quantos filmes fazem parte da série *James Bond*. Segundo meus cálculos são 22. Porém a mídia coloca *Cassino Royale* como o 21º. Na reportagem sobre a série restaurada são mencionados vinte filmes. E *007 – Nunca Mais Outra Vez*?

Márcio Gley Santos da Rocha
Rondon do Pará-PA

Nunca Mais Outra Vez *não faz parte da série oficial, embora hoje seus direitos pertençam aos donos de Bond. O novo* Cassino Royale *é, de fato, o Bond 21.*

É ASSIM...

Desejo saber como um cineasta é avaliado para concorrer ao Oscar de melhor diretor.

Marcos Silva Ribeiro
avlissocram@yahoo.com.br

Marcos, eu adoraria responder, mas acabou o espaço. Até março!

Tudo o que você quiser saber sobre filmes, lançamentos, seu artista preferido, fale com a gente

POR TELEFONE: (0xx11) 3049-3172 POR FAX: (0xx11) 3049-3166 POR E-MAIL: set@edpeixes.com.br

POR CARTA: Rua Helena, 260 - 4º andar CEP 04552-050 / São Paulo - SP

ASSINATURAS SET
POR TELEFONE: (0xx11) 3038-8080
POR FAX: (0xx11) 3038-1415
E-MAIL: assinapeixes@teletarget.com.br
ou ACESSE: www.assinepeixes.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

Nº 235 – Janeiro 2007

De *Homem-Aranha 3* a *Transformers*, passando por novos *Harry Potter* e *Duro de Matar*, os filmes que vão esquentar o ano; Mel Gibson fala sobre *Apocalypto*; Leo DiCaprio faz o social em *Diamante de Sangue*; a estréia de *Mais Estranho Que a Ficção*; em DVD, *Macunaíma*

Nº 234 – Dezembro 2006

Daniel Craig dá início a sua carreira como Bond em *007 – Cassino Royale*; Três diretores mexicanos entregam os melhores filmes do ano; *Eragon* é a dose de fantasia do mês; *Nacho Libre* e os longas esquecidos pelos estúdios; um bate-papo com Cameron Diaz

Nº 233 – Novembro 2006

Hugh Jackman domina o mês com as estréias de *Fonte da Vida* e *O Grande Truque*; o drama de guerra de Clint Eastwood, *A Conquista da Honra*; a consagração de *O Céu de Suely*; Al Gore tenta salvar o planeta em *Uma Verdade Incoveniente*; em DVD, *Napoleão Dinamite*

Nº 232 – Outubro 2006

Martin Scorsese volta à forma em *Os Infiltrados*, com Matt Damon e Leo DiCaprio; *Dália Negra* descobre os escândalos da antiga Hollywood; o que aconteceu com a versão estendida de *O Senhor dos Anéis*?; nos cinemas, *Pequena Miss Sunshine*; em DVD, *Grease*

Nº 231 – Setembro 2006

Os dois lados da tragédia do 11 de Setembro são abordados em *As Torres Gêmeas*, de Oliver Stone, e *Vôo 93*, de Paul Greengrass; *Serpentes a Bordo* vem acompanhado da lista de 30 filmes cults; O desfile infernal de *O Diabo Veste Prada*; *Tudo pela Fama* chega em DVD

Nº 230 – Agosto 2006

Michael Mann ressuscita *Miami Vice* com a ajuda de Colin Farrell e Jamie Foxx; M. Night Shyamalan em superentrevista sobre carreira, crítica e *A Dama na Água*; Os 25 anos da morte de Gláuber Rocha; Casseta e Planeta em nova produção; em DVD, *Capote*

NÚMEROS ATRASADOS: Edições anteriores podem ser solicitadas, ao preço da última edição em banca mais despesas de envio, a Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300, tel./fax (11) 4161-2481, de segunda a sexta-feira, das 8h00 às 17h40, na internet acessando www.lojapeixes.com.br ou através do jornaleiro ou distribuidor DINAP da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque

NUM MUNDO CHEIO DE SUJEIRA,
ELE É NOSSA ÚNICA ESPERANÇA.
LUCY LIU
CEDRIC THE ENTERTAINER
NICOLLETTE SHERIDAN
OPERAÇÃO LIMPEZA
www.californiafilmes.com.br
CALIFORNIA FILMES
BREVE NOS CINEMAS

PROMOÇÃO

PRISON BREAK X BONES

QUAL DAS DUAS SÉRIES É A SUA FAVORITA?

JUSTIFIQUE SUA ESCOLHA E CONCORRA A PÔSTERES AUTOGRAFADOS DE *PRISON BREAK*, CAMISETAS AUTOGRAFADAS DE *BONES* E BOXES COM A PRIMEIRA TEMPORADA DE SUA SÉRIE FAVORITA.

REGULAMENTO: 1. Participação: 1.1 - O premiado será o autor da criação. 1.2 - Só terão direito aos prêmios as cartas com todos os dados do autor (nome, endereço completo e e-mail quando houver) preenchidos de forma legível, com letras de fôrma ou impressa, enviadas pelo correio para Caixa Postal 27.020 – CEP 04007-990 - São Paulo, pelo e-mail: promoset@edpeixes.com.br 1.3 - Ou pessoalmente na Rua Helena, 260, 4º andar - Vila Olímpia - São Paulo; até o dia 02/03/2007. 2. Critérios: 2.1 - Para participar, o concorrente deverá enviar pelo e-mail de Promoções da revista SET, utilizando no máximo 10 (dez) linhas, a resposta à pergunta: "Qual das duas séries é sua favorita?" Justifique sua resposta. 2.2 - O texto deverá ser apresentado obrigatoriamente em língua portuguesa. 2.3 - A avaliação será baseada nos seguintes critérios e pela ordem: criatividade e adequação ao tema. 2.4 - A avaliação final e a escolha definitiva dos ganhadores acontecerá no dia 05/03/2007. 3. Premiação: 3.1 - Serão escolhidas as 5 (cinco) melhores respostas, dependendo da série escolhida pelo ganhador. Para quem escolher *Prison Break* – 1º e 2º lugar: um pôster autografado pelo ator Dominic Purcell e um boxe com a primeira temporada da série. Do 3º ao 5º lugar: um boxe com a primeira temporada da respectiva série. Para quem escolher *Bones* – 1º e 2º lugar: uma camiseta autografada pelo elenco e um boxe com a primeira temporada da série. Do 3º ao 5º lugar: um boxe com a primeira temporada da respectiva série. A colocação será estabelecida pela comissão julgadora. 3.2 - Os prêmios serão enviados pelo correio até 45 dias após a publicação dos resultados. 4. Divulgação: 4.1 - Os ganhadores serão notificados por meio de um anúncio, publicado na revista SET de abril de 2007. 4.2 - Os participantes vencedores desse concurso autorizam automaticamente a Editora Peixes a usar suas imagens, nomes e vozes em: fotos, cartazes, filmes e/ou spots, e em qualquer outro tipo de mídia e peças promocionais para a divulgação do resultado da promoção, além de concordarem automaticamente com a cessão dos direitos autorais eventualmente existentes sobre os textos premiados à Editora Peixes e à Fox Home Entertainment, sem nenhum ônus para que os organizadores desse concurso possam fazer uso desse material livremente e da forma que melhor lhes convier. 5. Considerações: 5.1 - Esse concurso tem caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produtos, nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio (art. 30 do Decreto-Lei Nº 70952/72). 5.2 - Quaisquer dúvidas, divergências ou situações não previstas nesse regulamento serão julgadas e decididas de forma soberana e irrecorrível pela comissão julgadora. 5.3 - É vedada a participação de funcionários (parentes e familiares) da Editora Peixes, e de quaisquer outras pessoas envolvidas na organização desse concurso.

PROMOÇÃO: 20th Century Fox Home Entertainment | Editora Peixes

TAKES

bastidores ▪ novidades ▪ gente que faz

- QUATRO NOMES DE HOLLYWOOD DISPUTAM PROJETOS SEMELHANTES
- EXCLUSIVO: DIRETOR DE *O ÚLTIMO SAMURAI* ADIANTA SEU PRÓXIMO FILME
- DULCE DAMASCENO RELEMBRA O SAUDOSO JACK PALANCE
- *EM CENA* TRAZ GWYNETH PALTROW EM *HOMEM-DE-FERRO*

DOWNTOWN

PROFISSÃO DE RISCO

Selton Mello vive traficante de classe média em *Meu Nome Não É Johnny* Por André Gordirro

É madrugada da noite de premiação do Globo de Ouro, mas ninguém na produção de *Meu Nome Não É Johnny* está preocupado com as glórias dadas a *Babel* ou *a Dreamgirls*. A equipe comandada pelo diretor Mauro Lima (*Tainá 2*) só quer saber de encerrar o último dia de filmagens no Brasil e rumar para a Europa. É para lá que segue a história de João Guilherme Estrella, vivido por Selton Mello, um notório traficante saído da classe média carioca nos anos 80. SET visitou as filmagens do longa- >>

SET sem fio

Tenha TAKES em seu celular Receba em primeira mão as novidades e tudo sobre os bastidores do cinema. Envie uma mensagem com o texto LIG TAKES para o número 46937 (Vivo) ou 55000 (Oi, BrT ou CTBC) e tenha TAKES em seu celular. R$ 0,15 por mensagem (Oi, BrT e CTBC) e R$ 0,10 por mensagem (Vivo)

DOWNTOWN

Selton como João Estrella: avião sofisticado

metragem, baseado no livro homônimo do jornalista Guilherme Fiúza, em um prédio antigo, daqueles sem elevador, no bairro do Jardim Botânico (RJ). Ali foi recriada a casa da mãe do protagonista, interpretada por Julia Lemmertz, que descobre, pela TV, o envolvimento do filho com o tráfico internacional de cocaína.

Enquanto espera por ajustes técnicos no aparelho de televisão cenográfico, Mauro Lima fala sobre a etapa seguinte da produção, a ser rodada em Veneza e Barcelona. "É o momento de expansão internacional do João e ele leva a namorada (*interpretada por Cléo Pires*) para uma lua-de-mel louca, bem alternativa. João torra tudo o que ganha na viagem", explica o diretor. Ele vê um traço comum entre a história do traficante carioca e a contada em *Blow – Profissão de Risco* (2001), com Johnny Depp no papel de George Jung, outro sujeito real de classe média que enveredou pelo mercado da cocaína uma década antes. "Ambos eram rapazes oriundos de uma esfera social com opções. É o excesso de juventude que leva um cara bem-nascido como João a embarcar nessa. Nos anos 50 foram os pegas e outras boçalidades do gênero. É muita testosterona", analisa Lima. Admirador dos filmes brasileiros policiais dos anos 70, como *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia* e *O Caso Cláudia* – ambos roteirizados por José Louzeiro –, o cineasta pretende retomar o gênero: "É um tipo de dramaturgia que precisa de resgate, até por ser muito atual". Triste verdade. *Meu Nome Não É Johnny* está previsto para chegar aos cinemas em novembro.

FORÇAS EM CHOQUE

Corrida por projetos semelhantes colocam quatro forças de Hollywood em conflito

JOHNNY DEPP *VS.* MICHAEL MANN

Ninguém duvidava de que a trama hitchcockiana que culminou com a morte do agente russo, Alexander *Sasha* Litvinenko, assassinado por envenenamento radioativo, poderia gerar um filme de intriga internacional. O que ninguém esperava era que dois dos grandes talentos de Hollywood brigassem para poder levar a história às telonas. Mas é o que deve acontecer. A Warner obteve os direitos de filmagens do livro *Sasha's Story: the Life and Death of a Russian Spy*, do correspondente londrino do *New York Times*, Alan Cowell, para Johnny Depp desenvolver e estrelar. Um dia depois, a Columbia anunciou que havia comprado a opção para filmar *Death of a Dissident*, co-escrito por Alex Goldfarb e a viúva do espião, com Michael Mann (*Miami Vice*) à frente da brincadeira. Segundo os ternos de Hollywood, a briga teve momentos de suspense e ação, com os estúdios tentando atrapalhar as negociações adversárias e leilões milionários na Inglaterra.

JAMES CAMERON *VS.* M. NIGHT SHYAMALAN

A possibilidade de James Cameron sair da aposentadoria voluntária desde *Titanic* com a ficção científica *Avatar* era conhecida há alguns meses. Mas não deixa de ser uma coincidência estranha que, no exato dia em que a Fox bateu o martelo e anunciou oficialmente o início dos trabalhos na megaprodução, a Paramount liberou o segredo do próximo (ou próximos) filmes de M. Night Shyamalan (*O Sexto Sentido*), também chamado *Avatar*. Na verdade, enquanto Cameron trabalha numa obra em 3D completamente realizada por computadores (utilizando cenários hiper-realistas e captura de movimentos, cortesia da Weta, de *O Senhor dos Anéis*), Shyamalan prepara a adaptação live-action em forma de trilogia do desenho de fantasia *Avatar: A Lenda de Aang*, exibido pelo canal Nickelodeon. A sorte de Shyamalan é que seu concorrente só aparece nos cinemas em 2009.

DO CRIADOR DE *O CHAMADO*

SANGUE & CHOCOLATE

BLOOD AND CHOCOLATE

A tentação aparece
em diferentes formas.

14 NÃO RECOMENDÁVEL PARA MENORES DE 14 ANOS
Tema: Historia de Lobisomens
Contém: Consumo de Drogas Licitas, Assassinato e Agressão Física

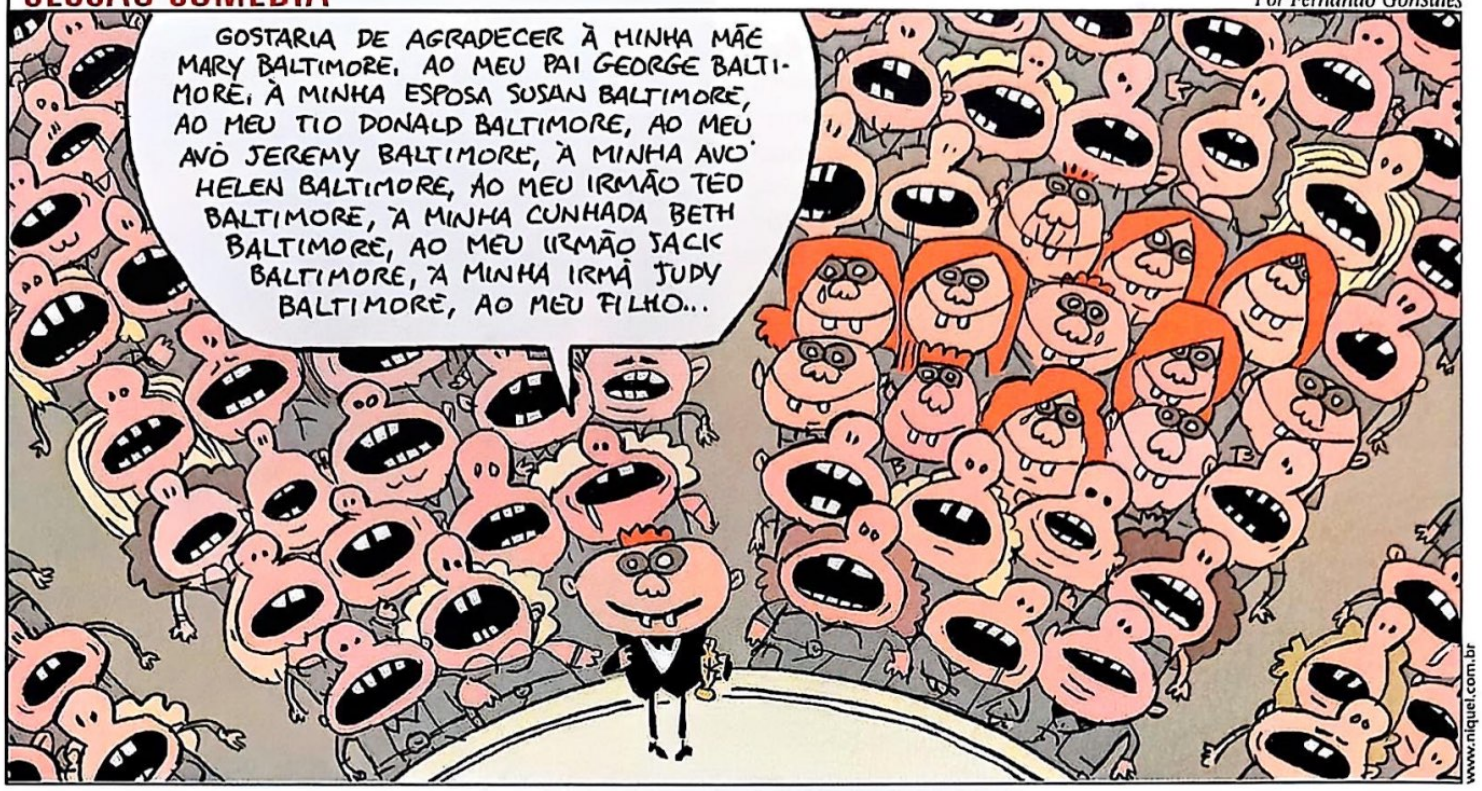
FEVEREIRO NOS CINEMAS

www.imagemfilmes.com.br

Imagem Filmes

SESSÃO COMÉDIA

Por Fernando Gonsales



em cena

■ **PHILIP SEYMOUR HOFFMAN** será o bendito entre as mulheres. Catherine Keener, Michelle Williams, Samantha Morton e Tilda Swinton juntam-se ao ator em *Synecdoche*, estréia na direção de Charlie Kaufman, roteirista de *Quero Ser John Malkovich* e *Adaptação*.

■ Prepare-se para um revival do Abba. **MERYL STREEP** topou viver a protagonista do musical *Mamma Mia!*, versão cinematográfica da peça homônima de sucesso. A diretora Phyllida Lloyd, que também era responsável pela obra original, assume o comando do longa, todo intercalado por 22 sucessos do grupo pop sueco.

■ Os dois primeiro filmes da franquia de ***A MÚMIA*** foram divertidíssimos, mas ficaram a perigosos passos da imbecilidade. Bem, há grande chance de isso acontecer com o terceiro longa, que terá Brendan Fraser de volta, mas não o diretor Stephen Sommers, que passa a tocha para Rob Cohen, de *Stealth – Ameaça Invisível*.

■ **GWYNETH PALTROW** vai usar seus dotes shakespearianos em... *Homem-de-Ferro*. A atriz oscarizada fará o papel de Virginia *Pepper* Potts, assistente do milionário Tony Stark (Robert Downey Jr.), identidade do herói de armadura.

VOLTA NO TEMPO

Edward Zwick assume a direção de romance histórico

Depois de encarar um drama contemporâneo e realista em *Diamante de Sangue*, o diretor Edward Zwick vai experimentar uma fantasia com pano de fundo histórico. Em entrevista exclusiva, de Los Angeles, ele confirmou que está trabalhando na adaptação de *The Lions of Al-Rassan*, de Guy Gavriel Kay, ambientado durante a reconquista cristã da Espanha moura. O roteiro acompanha a disputa de dois príncipes de origens diferentes pela mesma mulher. Zwick, que vai seguir o lançamento de seu filme na Europa, disse que o projeto ainda está muito no início e não tem mais detalhes a revelar. "Só posso dizer que é um livro de que gosto bastante", confessa. "Ele me dará a oportunidade de voltar a cuidar de uma história de época, depois de mergulhar em um drama contemporâneo. Mas ainda estamos trabalhando no roteiro." De qualquer forma, a informação de que se trata de um novo projeto é verdadeira? "Em Hollywood, nada é certo...", desconversa.

DO PRODUTOR DE
"INDEPENDENCE DAY"
E "O PATRIOTA"

Os filmes deveriam ser assim.
Um espetáculo.
Houston Chronicle

JAMES FRANCO JEAN RENO

FLYBOYS

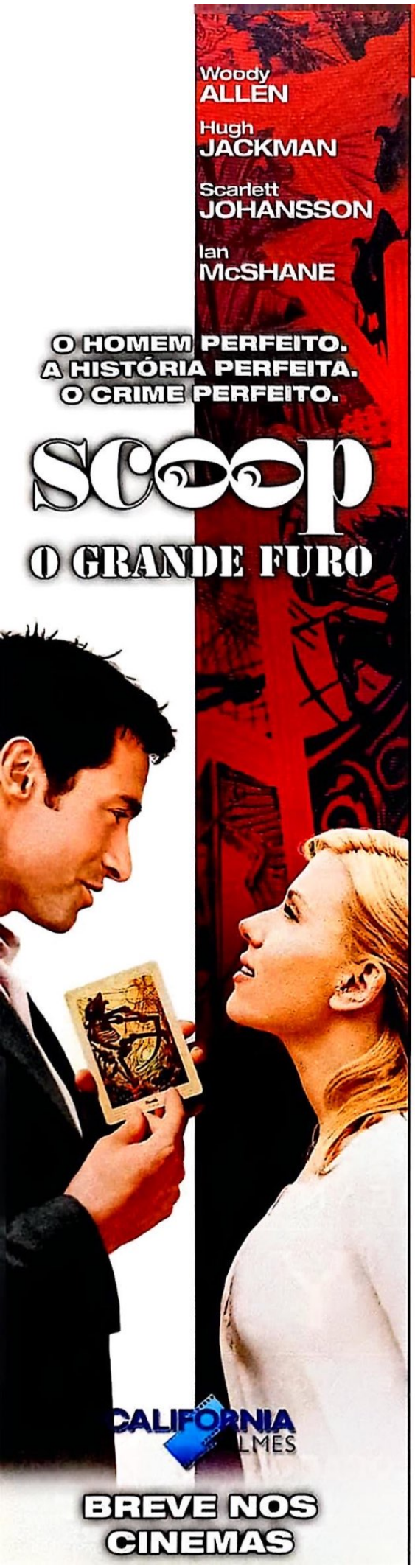
AMIGOS PELO DESTINO, HOMENS PELA CORAGEM

14 NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS
Tema: Pilotos de Guerra
Contém: Assassinato, Agressão Física e Mutilação

15 DE FEVEREIRO NAS LOCADORAS

www.imagemfilmes.com.br/flyboys

Imagem Filmes



HOLLYWOOD BOULEVARD

Por Dulce Damasceno de Brito

O OUTRO LADO DE JACK PALANCE

Os rumores em torno desse ator americano que se consagrou vivendo personagens violentos eram bem menos sangrentos

Quando vivi em Hollywood, existiam muitos rumores sobre a homossexualidade de vários atores. Quase todos tinham fundamentos. Mas, por temer reações negativas dos estúdios e também por falta de comprovação, nenhum jornalista se atrevia a publicar algo a respeito. Eu mesma só mencionei a conduta gay de Rock Hudson no meu livro *Hollywod Nua e Crua*, quando já estava morando no Brasil. Muitos não acreditaram. Anos depois, a verdade surgiu de forma triste, quando se anunciou que Hudson estava doente, vítima de Aids.

Ao ler a notícia da morte de Jack Palance, em 10 de novembro de 2006, lembrei-me do que rolava a seu respeito. Em 1957, quando fui conhecê-lo, não queria acreditar que aquele homem sempre rude na tela, herói condecorado da Segunda Guerra Mundial, pudesse ser gay. Eu era mais ingênua então. Foi tendo em mente as suas vigorosas atuações em *Os Brutos Também Amam* e *A Grande Chantagem* que entrei no estúdio da Metro para entrevistá-lo. Mas assim que surgiu, fiquei chocada: estava maquiadíssimo. Já havia encontrado atores bem pintados, mas não tinha visto ninguém como ele. Nem havia justificativa para o exagero, pois a produção que fazia, *A Casa dos Homens Marcados*, era um filme noir no qual Palance vivia irmãos gêmeos, um deles criminoso detido na prisão de San Quentin. Simpático, ele falou de seu trabalho e da recente felicidade de ter ganho o Emmy por *Réquiem para Um Lutador*. Papel sob medida, afinal esse americano de origem ucraniana tinha sido boxeador na juventude.

Diziam, entre outras coisas, que Palance se tornou gay por causa de seu desastrado casamento com a ex-atriz Virginia Baker. Desculpa que, antes, acreditaria. Hoje, acho esfarrapada. Como um amigo meu disse na ocasião, Palance casou-se para manter as aparências. De qualquer maneira, esse outro lado de sua vida não atrapalhou a carreira. Desde a estréia, em 1950, foram mais de 120 atuações. Uma delas, a de *Amigos, Sempre Amigos*, possibilitou-lhe o Oscar de melhor coadjuvante de 1991. Ao recebê-lo, exibiu-se em flexões no palco, extraordinárias, levando-se em conta que estava com 72 anos. Por conta desse filme, veio ao Brasil. Seu último trabalho deu-se em um longa para a TV, em 2004, como o marido de Blythe Danner, a talentosa mãe da apática Gwyneth Paltrow. Foi perto de Hollywood, na casa de uma de suas três filhas, que Palance morreu. Volodymir Ivanovich Palanyuk (seu nome verdadeiro) estava com 87 anos.

Amigos, sempre amigos: Palance e Dulce

ELE TEM APENAS 88 MINUTOS PARA IMPEDIR O PRÓPRIO ASSASSINATO.
AL PACINO
88
MINUTOS
DO MESMO DIRETOR DE "JUSTIÇA VERMELHA" E "TOMATES VERDES FRITOS"
FLASHSTAR HOME VIDEO
PROCURE NA SUA LOCADORA
VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

Lançamentos Fevereiro de 2007

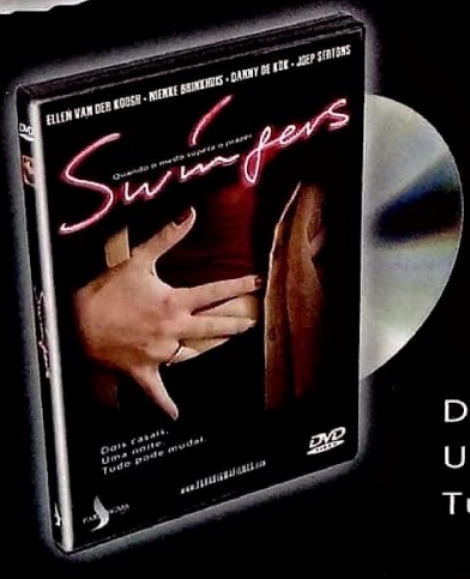
Solicite o seu representante

DANNY ROMO · RAUL JULIA, Jr. · DAMON WHITAKER · ERLINDA OROZCO
DANIEL VENEGAS · LORENZO DE LA CRUZ

Veiculação em TV.
Canais abertos e pagos

Quando o medo supera o prazer

Sumfers



Dois casais.
Uma noite.
Tudo pode mudar.

PARADIGMA FILMES

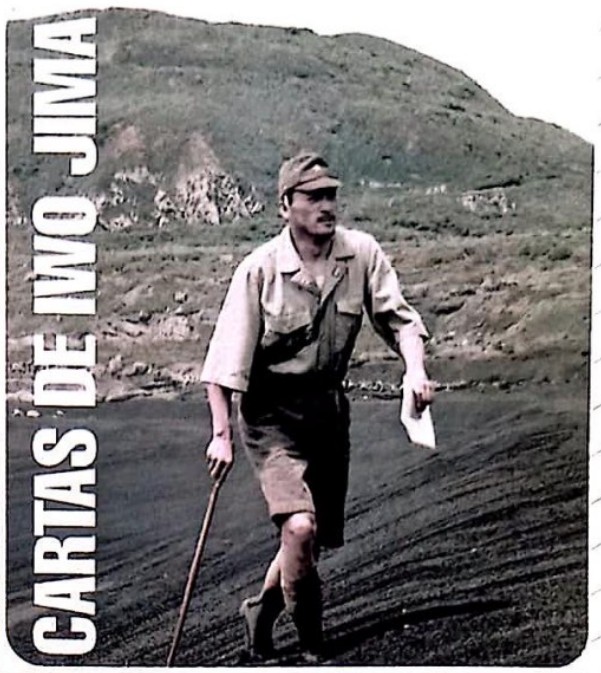
www.paradigmafilmes.com
vendas@paradigmafilmes.com
R. Cristiano Viana, 380 - Jd. América - São Paulo - SP

(11) 3898-2273
(11) 3062-9933

OSCAR 2007

Babel! *Os Infiltrados*! E onde foi parar *Dreamgirls* entre os indicados para melhor filme? Não tem jeito. A cada ano, quando chega o momento de descobrir quem concorre a uma estatueta dourada (a festa será no próximo dia 25), sobram surpresas. Não importa o que os "especialistas" apontem, nem sempre os cinco nomes são os mais óbvios, os mais festejados, os que mais merecem. Mais engraçado ainda é ver as notícias online, segundos após a divulgação dos indicados, mostrando *Dreamgirls* como "favorito" só pelo número de indicações (foram oito, inclusive três na categoria de melhor canção, nenhuma para os prêmios mais "nobres" da noite). Se fosse para assinalar um favorito, seria *A Rainha* (filme, diretor, atriz e roteiro original, entre outros). Ou até mesmo *Os Infiltrados* (filme, diretor, roteiro adaptado). Na verdade, se um filme levar todos os Oscar a que foi indicado, seriam no máximo seis estatuetas para enfeitar seu pôster – o que pode acontecer com *A Rainha*, com *Babel*, com *Dreamgirls* ou com a grande surpresa da festa: *O Labirinto do Fauno*. Ou melhor, surpresa nenhuma, já que o longa de Guillermo Del Toro foi um dos poucos que mais bem representou o poder da narrativa cinematográfica em 2006. *Arriba!*

OS INFILTRADOS



CARTAS DE IWO JIMA

FOTOS: DIVULGAÇÃO

BABEL

A RAINHA

PEQUENA MISS SUNSHINE

melhor filme

OS INFILTRADOS

Filmes policiais pesadões dificilmente passam das indicações quando o assunto é melhor filme. E, *Marcas da Violência*, esquecido no ano passado, sabe muito bem disso. Contudo, *Os Infiltrados* é bem mais que apenas um thriller sensacional. Nas mãos de Martin Scorsese e do roteirista William Mohanan, a disputa entre os espiões dos mafiosos de Boston e da polícia ganha contornos tensos, atuações sublimes, traumas psicológicos e cenas de ação diretamente importadas dos anos 70. Nem deixa saudades do original chinês.

CARTAS DE IWO JIMA

Quando resolveu recontar a história tomada da ilha de Iwo Jima pelos americanos durante a Segunda Guerra Mundial, Clint Eastwood não imaginava ir mais além de *A Conquista da Honra* – que chegou a ganhar força para o Oscar, porém perdeu gás. Mas o cineasta viu uma trama mais rica do outro lado das trincheiras e filmou, quase simultaneamente e em japonês, *Cartas de Iwo Jima;* que reconstrói o lado perdedor e a vida do general Kuribayashi (Ken Watanabe) de maneira delicada e única, superando até mesmo o (bom) longa "americano".

BABEL

O quebra-cabeça multicontinental arquitetado pelo mexicano Alejandro González Iñárritu é um dos poucos filmes a sustentar uma pré-disposição ao Oscar desde antes de seu lançamento nos Estados Unidos. Afinal, os elementos que fazem a festa da Academia estão todos lá: elenco de famosos em papéis inusitados, roteiro que divaga sobre os problemas do mundo moderno e a tão saudável crítica aos sistemas governamentais, em moda desde 2002. Obviamente nada disso daria certo se o mosaico internacional não se transformasse em um longa de verdade, que conquista desde os primeiros minutos e emociona (e revolta) em todas as suas subtramas (Brad Pitt desespera-se quando a mulher, vivida por Cate Blanchett, é alvejada em pleno interior do Marrocos; uma empregada chicana que se envolve com as crianças do patrão e o sobrinho impulsivo; uma adolescente japonesa muda em busca de amor; e uma família marroquina de criadores de bodes).

e o esquecimento da Academia vai para...

FILHOS DA ESPERANÇA – O responsável pela divulgação desse filme em todo o mundo deveria ser demitido. Sério. É inacreditável que a visão alarmante e realista de Alfonso Cuarón de um futuro estéril tenha sido prejudicada por um estúdio que não compreendeu a própria obra – uma das jornalistas mais importantes dos EUA só conseguiu ver o longa, na semana seguinte à divulgação de sua lista de melhores do ano, incluindo *Filhos da Esperança* como "décimo" de maneira informal na revista *Entertainment Weekly*. Brilhante e feito para ser visto por todos.

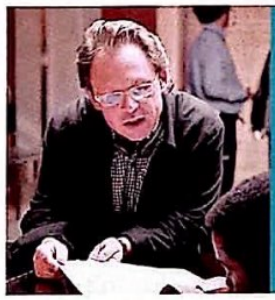
A RAINHA

Talvez o mais inusitado de todos os indicados, *A Rainha* surgiu aos poucos (destacou-se no Festival de Veneza, estreou na Inglaterra e, só depois, foi percebida pelos críticos americanos) e chega ao Oscar com forte pinta de estraga-festa. O que não deixa de ser extraordinário se levarmos em conta que a obra de Stephen Frears é um retrato íntimo da família real britânica nas semanas que sucederam à morte da ex-princesa de Gales, Diana. Cortesia do diretor de fotografia, o brasileiro Affonso Beato.

PEQUENA MISS SUNSHINE

Grande surpresa do verão americano, essa deliciosa comédia de humor negro engana pelo jeito fofo e incapaz de machucar uma mosca. Mas não vire suas costas para ela, porque *Pequena Miss Sunshine* tem um apelo grande entre os votantes da Academia, que adoram obras familiares com pitadas de excentricidade e elenco afiadíssimo. Desta vez, a viagem da pequena Olive não vai terminar em lágrimas.

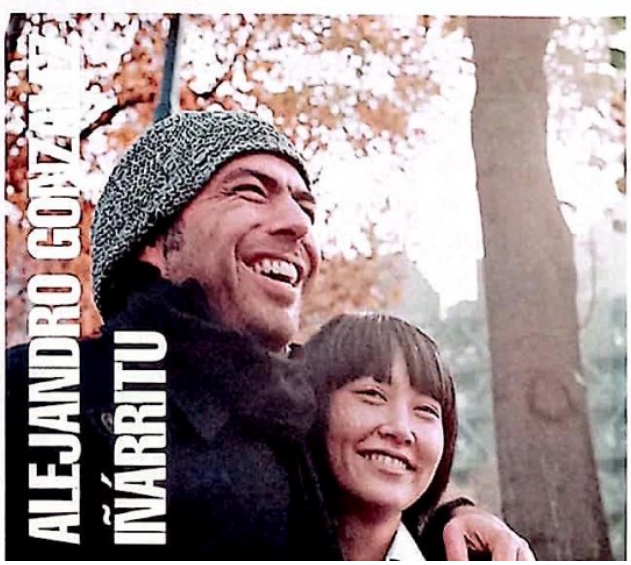
CLINT EASTWOOD



e o esquecimento da Academia vai para...

Bill Condon (*Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*) – Embora não fosse uma aposta alta, o nome de Bill Condon estava em muitas listas de prováveis indicados para o prêmio de direção. Afinal, faz tempo que ele vem dando provas de competência em filmes como *Deuses e Monstros* e *Kinsey*. Mas parece que os eleitores preferiram arriscar nos dramas e deixaram a combinação de cores e canções de Condon de lado.

PAUL GREENGRASS



melhor diretor

MARTIN SCORSESE
por *Os Infiltrados*

Leonardo DiCaprio acha "uma piada" Martin Scorsese não possuir um Oscar. Robert De Niro nem queria saber de concorrer ao seu lado ("Só quero que ele receba logo esse prêmio.") por *O Bom Pastor*. A Academia já teve diversas desculpas para entregar essa maldita estatueta para o que talvez seja o maior diretor americano vivo. Algumas eram ótimas (*Touro Indomável*), outras eram questionáveis (*Gangues de Nova York*), mas ninguém acredita que Scorsese ainda não tem o prêmio máximo da indústria cinematográfica. Bem, a hora finalmente chegou. Se nenhuma zebra do tamanho do Amazonas não surgir pelo caminho, o baixinho desengonçado que ama blues e Bob Dylan vai levar para casa o Oscar de melhor diretor por sua orquestra de violência e psicologia em *Os Infiltrados*, seu maior sucesso comercial em anos. Se era o carimbo do povão que faltava, então aí está.

Indicações anteriores: melhor diretor por *Touro Indomável* (1981), *A Última Tentação de Cristo* (1989), *Os Bons Companheiros* (1991), *Gangues de Nova York* (2003) e *O Aviador* (2005); e melhor roteiro adaptado por *Os Bons Companheiros* e *A Época da Inocência* (1994).

Clint gosta de surpresas e adora derrotar Martin Scorsese. Claro que o cineasta de 76 anos vai precisar de muita influência e sorte para conseguir vencer a premiação neste ano. Mas quem coloca os olhos em *Cartas de Iwo Jima* sabe que o veterano não é carta fora do baralho e nem passa perto de ser azarão. Eastwood chegou à noite da festa com apenas um longa, apenas metade de um projeto que iniciou em *A Conquista da Honra*. Quem, em sã consciência atinge essa idade dirigindo um filme de guerra tecnicamente perfeito e ainda resolve fazer outro quase ao mesmo tempo? Clint Eastwood, amigos.

Prêmios anteriores: melhor diretor e melhor filme por *Os Imperdoáveis* (1993) e *Menina de Ouro* (2005).
Indicações anteriores: melhor ator por *Os Imperdoáveis* e *Menina de Ouro*; melhor diretor e melhor filme por *Entre Meninos e Lobos* (2004).

CLINT EASTWOOD
por *Cartas de Iwo Jima*

A janela de lançamento de *Vôo United 93*, muito distante da época da votação, não ajudou muito no marketing do filme junto aos eleitores da Academia – houve até quem apostasse numa daquelas grandes injustiças. Mas os votantes não se esqueceram do feito de Paul Greengrass neste longa subestimado pela crítica e pelo público: narrar um tema explosivo com final anunciado, tocar na ferida do 11 de Setembro sem apelar para a patriotada e ainda fazer o espectador se segurar na cadeira.

PAUL GREENGRASS **por *Vôo United 93***

STEPHEN FREARS
por *A Rainha*

Stephen Frears parecia ter superado essa história de Oscar. Indicado somente uma vez, há dezesseis anos, o inglês estava quietinho em sua ilha, moldando pequenas obras intimistas e potentes, porém sem apelo "oscarizável". *A Rainha* não sai do esquema montado por Frears, mas seu estilo documental, apoiado numa direção feita para os atores, ultrapassou fronteiras e destruiu rótulos. Será força suficiente para desbancar os favoritos? Difícil... Nunca impossível.

Indicação anterior: melhor diretor por *Os Imorais* (1991).

ALEJANDRO GONZÁLEZ IÑÁRRITU
por *Babel*

Os críticos de Alejandro González Iñárritu adoram falar que o cineasta arranjou uma fórmula e apenas a repete com um foco maior. Bem, pode até ser. No entanto, não há como negar que seus filmes têm personalidade e podem ser encarados muito além da superfície. Não demoramos 15 minutos para saber que estamos diante de um puro exemplar Iñárritu. *Babel* é a consagração da narrativa quebrada e da preocupação social que marcam suas obras, confundindo e esclarecendo, preparando o terreno e jogando gasolina por cima do chão. Se não tivesse um Scorsese no caminho, partiria na frente.

Expressando uma fúria que o astro não exibia há anos, o traficante de pedras preciosas de Leonardo DiCaprio em *Diamante de Sangue* poderia virar um herói antipático nas mãos de outro. Mas DiCaprio consegue usar seu charme para utilizar vários sotaques durante a trama (mudando de acordo com a exigência) e conquistar não apenas a confiança do pobre Djimon Hounsou, como de toda a platéia. Teria mais chances se o filme fosse melhor.

Indicações anteriores: melhor ator coadjuvante por *Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador* (1994) e melhor ator por *O Aviador* (2005).

LEONARDO DICAPRIO

por *Diamante de Sangue*

Will Smith hoje é o maior astro do cinema americano. Independentemente de raça, credo e sexualidade, o ator é o único nome que consegue atrair multidões para qualquer um de seus projetos. Quando ele ainda acerta em um projeto feito para a platéia ir às lágrimas, o resultado é uma nova indicação para o Oscar. Para viver Chris Gardner, Smith emagreceu, pintou o cabelo de branco, deixou o bigode crescer e se vestiu de uma fragilidade inédita. A indicação já foi suficiente.

Indicação anterior: melhor ator por *Ali* (2002).

WILL SMITH

por *À Procura da Felicidade*

O ator canadense que foi notado pela primeira vez no fraquinho *Cálculo Mortal* (2002), ao lado de Sandra Bullock e Michael Pitt, emociona pela crueza e profundidade de seu papel como o professor viciado em crack de *Half Nelson*. É bem verdade que a Academia adora esses tipos desajustados, necessitados de ajuda e redenção. Mas desde que o filme estreou nos Estados Unidos, os críticos são unânimes em afirmar a potência da interpretação de Gosling. Quem assistiu no Festival do Rio e na Mostra de São Paulo confirmou.

RYAN GOSLING

por *Half Nelson*

A Academia já havia desistido de Peter O'Toole. Após sete indicações, concedeu o Oscar pelo conjunto da obra para o ator de *Lawrence da Arábia*. O irlandês aceitou, mas não gostou nem um pouco da homenagem – concedida para figuras em fim de carreira. Em *Vênus*, ele faz um idoso que renova a energia ao receber a amizade de uma garçonente. Elegante, O'Toole dá um tapa nos burocratas do cinema.

Prêmio anterior: Oscar honorário pelo conjunto da obra (2003).

Indicações anteriores: melhor ator por *Lawrence da Arábia* (1963), *Becket, o Favorito do Rei* (1965), *O Leão no Inverno* (1969), *Adeus, Mr. Chips* (1970), *A Classe Dominante* (1973), *O Substituto* (1981) e *Um Cara Muito Baratinado* (1983).

PETER O'TOOLE

por *Vênus*

melhor**ator**

Dono da Palma de Ouro de Cannes, recebida em 1988 por seu papel como o músico Charlie Parker em *Bird*, de Clint Eastwood, Forest Whitaker chega à noite do dia 25 de fevereiro disposto a superar o feito do passado. E não será difícil. Completamente submerso no corpo e na mente insana do ditador ugandense Idi Amin no drama *O Último Rei da Escócia*, o ator pretende seguir os passos de Sidney Poitier, Denzel Washington e Jamie Foxx e colocar as mãos na estatueta do Oscar de melhor ator. Essa fase final pode parecer emocionante, porém, em comparação a sua dedicação ao personagem, é fichinha: Whitaker viajou para a África semanas antes da produção, aprendeu a falar suaíle (ou fingiu bem), entrevistou familiares ligados ao ex-presidente e andava pelo set sempre uniformizado. Ator, diretor e produtor, a Academia parece festejar uma estrela tarde demais. Bem, até aí nenhuma novidade.

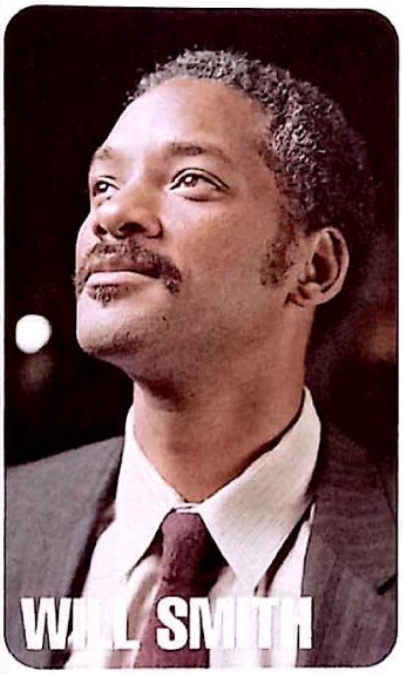
FOREST WHITAKER

por *O Último Rei da Escócia*

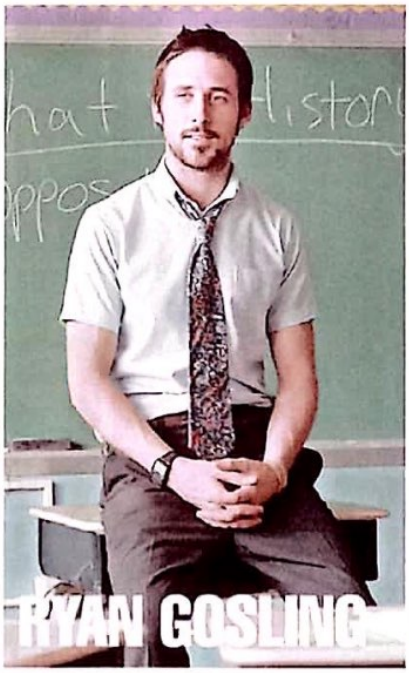
e o esquecimento da Academia vai para...

Ken Watanabe (*Cartas de Iwo Jima*) – Somente o fato de os acadêmicos não falarem japonês para explicar a ausência de Watanabe na festa. No papel do general Kuribayachi, o nipônico consegue expressar bondade, rigidez e bom senso com apenas um olhar. Ao contrário de sua atuação em *O Último Samurai*, em *Cartas de Iwo Jima* ele consegue passar pacificidade e inteligência no meio do caos da guerra.

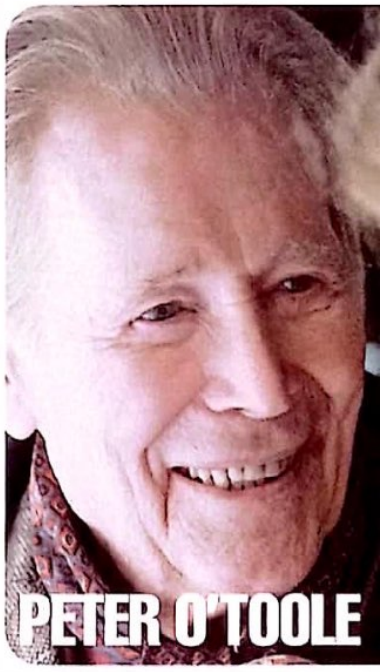
LEONARDO DICAPRIO



WILL SMITH



RYAN GOSLING



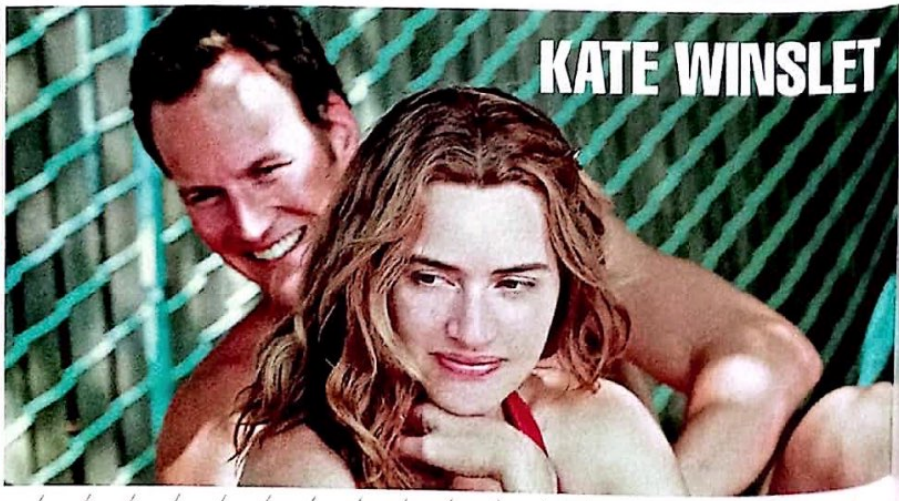
PETER O'TOOLE

FOREST WHITAKER

FOTOS: DIVULGAÇÃO

OSCAR 2007

FOTOS: DIVULGAÇÃO



melhor atriz

Se os eleitores da Academia seguirem a cartilha, é muito difícil que Meryl Streep leve a estatueta pela terceira vez. Agora, só um prêmio honorário pelo conjunto da obra ou algo parecido. De qualquer forma, sua composição da megera editora da revista de moda parece ter eclipsado inclusive as atrizes que trabalham ao seu lado, Anne Hathaway e Emily Blunt, verdadeiras protagonistas do filme.

Prêmios anteriores: melhor atriz coadjuvante por *Kramer versus Kramer* (1979); melhor atriz por *A Escolha de Sofia* (1982).

Indicações anteriores: melhor atriz coadjuvante por *O Amargo Regresso* (1979) e *Adaptação* (2002); melhor atriz por *A Mulher do Tenente Francês* (1981), *O Retrato de Uma Coragem* (1983), *Entre Dois Amores* (1985), *Ironweed* (1987), *Um Grito no Escuro* (1988), *Lembranças de Hollywood* (1990), *As Pontes de Madison* (1995), *Um Amor Verdadeiro* (1998), *Música do Coração* (1999).

MERYL STREEP

por *O Diabo Veste Prada*

Ganhadora do Globo de Ouro de melhor atriz em filme dramático, Helen Mirren talvez seja a única unanimidade em um Oscar marcado pela indefinição. Seu retrato da rainha Elizabeth II não se restringe à impressionante semelhança física com a personagem real. Ela realmente incorporou a majestade da monarca inglesa, uma mulher que renunciou a tudo para se dedicar à família real e jamais aceitou o fato de que sua ex-nora pensasse de forma diferente. Sinal de que talvez este seja o ano de Helen foi o Emmy que ela conquistou pelo telefilme da HBO, *Elizabeth I*, no qual fez a personagem-título. E a enxurrada de prêmios concedidos pelos sindicatos classistas.

Indicações anteriores: mellhor atriz coadjuvante por *As Loucuras do Rei George* (1994) e *Assassinato em Gosford Park* (2001).

HELEN MIRREN

por *A Rainha*

Onde Helen Mirren se consagrou, Dame Dench já se consagrara antes, no papel de uma Elizabeth I temperamental. Como Bárbara, professora obcecada pela personagem de Cate Blanchett, ela mostra que tem recursos de sobra para interpretar tipos mais contemporâneos e ambíguos, como os que povoam a atualidade.

Prêmio anterior: melhor atriz coadjuvante por *Shakespeare Apaixonado* (1998).

Indicações anteriores: melhor atriz coadjuvante por *Chocolate* (2000); e melhor atriz por *Sua Majestade, Mrs. Brown* (1997), *Íris* (2001) e *Sra. Henderson Apresenta* (2005).

JUDI DENCH

por *Notas sobre Um Escândalo*

e o esquecimento da Academia vai para...

Annete Bening (*Correndo com Tesouras*) – A mulher de Warren Beatty saiu na frente quando se iniciaram as especulações sobre o Oscar, mas bastou o filme estrear, para as reações negativas começarem a se empilhar. Isso não quer dizer que a interpretação dela seja digna de esquecimento. O problema é a Academia, muitas vezes, atrelar excelência artística a sucesso comercial. Sempre quem sai perdendo são os talentos...

Na terceira colaboração entre Pedro Almodóvar e Penélope Cruz, a atriz, cujo sucesso extrapolou as fronteiras da Espanha, está irresistível. Mais madura, tanto na beleza quanto na interpretação, ela mostra do que uma mulher abandonada por todos os homens de sua vida é capaz quando chega ao limite. Não é nem por um decreto o melhor filme do diretor espanhol, mas Penélope e seu belíssimo colo estão em estado de graça.

PENÉLOPE CRUZ

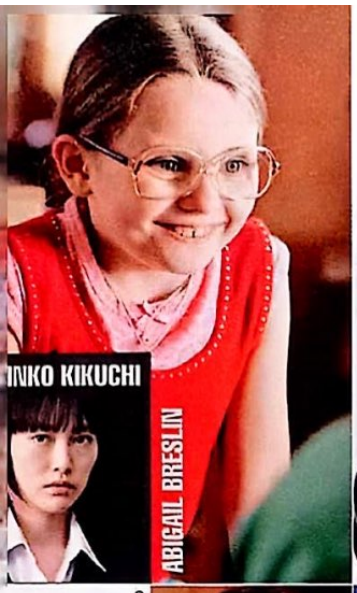
por *Volver*

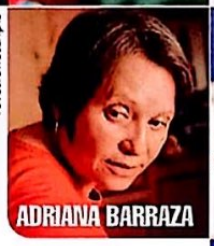
KATE WINSLET

por *Pecados Íntimos*

Por mais que tenham reconhecido sua capacidade, fazendo dela a mais jovem atriz a conquistar quatro indicações para o Oscar antes dos 30 anos, os votantes da Academia de Hollywood jamais lhe deram uma estatueta. Embora seja muito difícil bater Helen Mirren, se o prêmio fosse parar em suas mãos a surpresa estaria de bom tamanho. No papel de uma jovem suburbana, casada e infeliz, ela reafirma algumas qualidades: a versatilidade, a facilidade de transmitir emoções e uma empatia absurda com a personagem.

Indicações anteriores: melhor atriz coadjuvante por *Razão e Sensibilidade* (1995) e Íris (2001); e melhor atriz por *Titanic* (1997) e *Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças* (2004).





FOTOS: DIVULGAÇÃO

OSCAR 2007

atriz

ADRIANA BARRAZA por *Babel*

Diretora de televisão no México e *acting coach* em produções americanas, esta talentosa mexicana começou tarde a carreira como atriz. E está arrasadora como a babá dos filhos de Brad Pitt e Cate Blanchett.

ABIGAIL BRESLIN por *Pequena Miss Sunshine*

A Academia adora crianças e Abigail Breslin realmente está irresistível como a esperançosa concorrente de concursos de beleza infantis em *Pequena Miss Sunshine*.

CATE BLANCHETT por *Notas sobre Um Escândalo*

Lembrada pelas revistas especializadas, a interpretação da atriz australiana como a professora que tem um caso com um de seus alunos adolescentes em *Notas sobre Um Escândalo* é considerada um azarão.

Prêmio anterior: melhor atriz coadjuvante por *O Aviador* (2004).

Indicação anterior: melhor atriz por *Elizabeth* (1998).

JENNIFER HUDSON por *Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*

Vitoriosa no Globo de Ouro, Jennifer Hudson é a grande aposta de todos os analistas para repetir a dose na festa do Oscar. A temperamental cantora de *Dreamgirls* é um dos maiores trunfos do filme.

RINKO KIKUCHI por *Babel*

Mesmo um tanto anacrônico, seu retrato da problemática adolescente surda-muda que se sente rejeitada pelo pai e pelo mundo inteiro chamou a atenção dos votantes, mas provavelmente só fará número na festa do dia 25.

melhores coadjuvantes

ALAN ARKIN por *Pequena Miss Sunshine*

Há muito esquecido pela Academia, Alan Arkin faz sua volta em grande estilo, como o avô junkie de Abigail Breslin. Arkin some de cena no meio, mas é lembrado até o final.

Indicações anteriores: melhor ator por *Os Russos Estão Chegando* (1966) e *Por Que Tem Que Ser Assim?* (1968).

EDDIE MURPHY por *Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*

Egresso do *Saturday Night Live*, Eddie Murphy nunca tinha sido notado pela Academia. Mas sua performance como o cantor de soul James Early não deixa espaço para um esquecimento desse porte.

DJIMON HOUNSOU por *Diamante de Sangue*

Justiça seja feita, Djimon Hounsou tem tanto ou mais peso do que Leonardo DiCaprio em *Diamante de Sangue*. Não só pelo tempo que passa na tela, mas também pela importância de seu personagem na narrativa e pela força de sua interpretação.

Indicação anterior: melhor ator coadjuvante por *Terra de Sonhos* (2002).

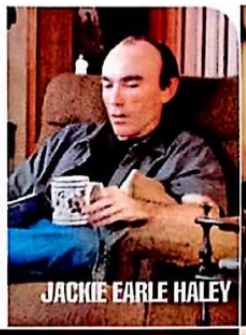
JACKIE EARLE HALEY por *Pecados Íntimos*

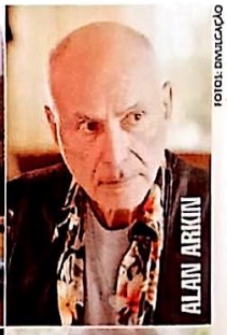
Longe das telas desde 1993, o responsável por seu retorno foi Steve Zaillian, que o convidou para um papel na nova versão de *A Grande Ilusão*. Logo depois, surgiu o papel do maníaco sexual Ronnie. Se ganhar, o troféu estará em boas mãos.

MARK WAHLBERG por *Os Infiltrados*

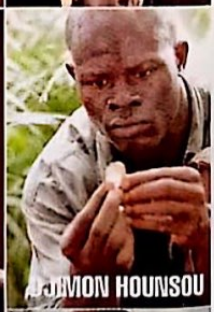
Embora as previsões não o descartassem, as apostas recaíam mais em Jack Nicholson do que em Mark Wahlberg nessa categoria. Os votantes, no entanto, foram mais justos e deram ao policial sarcástico do ator o reconhecimento que merecia.

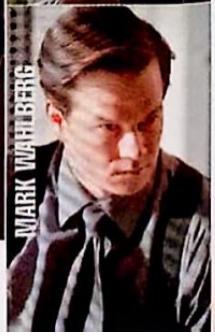
ator





FOTOS: DIVULGAÇÃO





outras categorias

FILME ESTRANGEIRO

• *After the Wedding* (*Efter Brylluppet*), de Susanne Bier – Dinamarca • *Dias de Glória* (*Indigènes*), de Rachid Bouchareb – Argélia • *A Vida dos Outros* (*Das Leben der Anderen*), de Florian Henckel von Donnersmarck – Alemanha • *O Labirinto do Fauno*, de Guillermo Del Toro – México • *Water*, de Deepa Mehta – Canadá

LONGA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO

• *Carros*, de John Lasseter • *Happy Feet – O Pingüim*, de George Miller • *A Casa Monstro*, de Gil Kenan

ROTEIRO ADAPTADO

• *Borat, o Segundo Melhor Repórter do Glorioso País Cazaquistão Viaja à América*, por Sacha Baron Cohen, Anthony Hines, Peter Baynham, Dan Mazer e Todd Phillips • *Filhos da Esperança*, por Alfonso Cuarón, Timothy J. Sexton, David Arata, Mark Fergus e Hawk Ostby • *Os Infiltrados*, por William Monahan • *Pecados Íntimos*, por Todd Field e Tom Perrotta • *Notas sobre Um Escândalo*, por Patrick Marber

ROTEIRO ORIGINAL

• *Babel*, por Guillermo Arriaga • *Cartas de Iwo Jima*, por Iris Yamashita e Paul Haggis • *Pequena Miss Sunshine*, por Michael Arndt • *O Labirinto do Fauno*, por Guillermo Del Toro • *A Rainha*, por Peter Morgan

FOTOGRAFIA

• *A Dália Negra*, por Vilmos Zsigmond • *Filhos da Esperança*, por Emmanuel Lubezki • *O Ilusionista*, por Dick Pope • *O Labirinto do Fauno*, por Guillermo Navarro • *O Grande Truque*, por Wally Pfister

MONTAGEM

• *Babel*, por Stephen Mirrione e Douglas Crise • *Diamante de Sangue*, por Steven Rosenblum • *Filhos da Esperança*, por Alex Rodríguez e Alfonso Cuarón • *Os Infiltrados*, por Thelma Schoonmaker • *Vôo United 93*, por Clare Douglas, Christopher Rouse e Richard Pearson

DIREÇÃO DE ARTE

• *Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*, por John Myhre e Nancy Haigh • *O Bom Pastor*, por Jeannine Oppewall, Gretchen Rau e Leslie E. Rollins • *O Labirinto do Fauno*, por Eugenio Caballero e Pilar Revuelta • *Piratas do Caribe – O Baú da Morte*, por Rick Heinrichs e Cheryl A. Carasik • *O Grande Truque*, por Nathan Crowley e Julie Ochipinti

FIGURINO

• *Curse of the Golden Flower*, por Yee Chung Man • *O Diabo Veste Prada*, por Patricia Field • *Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*, por Sharen Davis • *Maria Antonieta*, por Milena Canonero • *A Rainha*, por Consolata Boyle

MAQUIAGEM

• *Apocalypto*, por Aldo Signoretti e Vittorio Sodano • *Click*, por Kazuhiro Tsuji e Bill Corso • *O Labirinto do Fauno*, por David Marti e Montse Ribe

DOCUMENTÁRIO

• *Deliver Us From Evil*, de Amy Berg e Frank Donner • *Uma Verdade Inconveniente*, de Davis Guggenheim • *Iraq in Fragments*, de James Longley e John Sinno • *Jesus Camp*, de Heidi Ewing e Rachel Grady • *My Country, My Country*, de Laura Poitras e Jocelyn Glatzer

DOCUMENTÁRIO – CURTA

• *The Blood of Yingzhou District*, de Ruby Yang e Thomas Lennon • *Recycled Life*, de Leslie Iwerks e Mike Glad • *Rehearsing a Dream*, de Karen Goodman e Kirk Simon • *Two Hands*, de Nathaniel Kahn e Susan Rose Behr

TRILHA SONORA

• *Babel*, por Gustavo Santaolalla • *O Segredo de Berlim*, por Thomas Newman • *Notas sobre Um Escândalo*, por Philip Glass • *O Labirinto do Fauno*, por Javier Navarrete • *A Rainha*, por Alexandre Desplat

CANÇÃO

• "I Need to Wake Up" (*Uma Verdade Inconveniente*), de Melissa Etheridge • "Listen" (*Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*), de Henry Krieger, Scott Cutler e Anne Preven • "Love You I Do" (*Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*), de Henry Krieger e Siedah Garrett • "Our Town" (*Carros*), de Randy Newman • "Patience" (*Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*), de Henry Krieger e Willie Reale

EDIÇÃO DE SOM

• *Apocalypto*, por Sean McCormack e Kami Asgar • *Diamante de Sangue*, por Lon Bender • *A Conquista da Honra*, por Alan Robert Murray e Bub Asman • *Cartas de Iwo Jima*, por Alan Robert Murray • *Piratas do Caribe – O Baú da Morte*, por Christopher Boyes e George Watters II

MIXAGEM DE SOM

• *Apocalypto*, por Kevin O'Connell, Greg P. Russell e Fernando Camara • *Diamante de Sangue*, por Andy Nelson, Anna Behlmer e Ivan Sharrock • *Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*, por Michael Minkler, Bob Beemer e Willie Burton • *A Conquista da Honra*, por John Reitz, Dave Campbell, Gregg Rudloff e Walt Martin • *Piratas do Caribe – O Baú da Morte*, por Paul Massey, Christopher Boyes e Lee Orloff

EFEITOS VISUAIS

• *Piratas do Caribe – O Baú da Morte*, por John Knoll, Hal Hickel, Charles Gibson e Allen Hall • *Poseidon*, por Boyd Shermis, Kim Libreri, Chaz Jarrett e John Frazier • *Superman – O Retorno*, por Mark Stetson, Neil Corbould, Richard R. Hoover e Jon Thum

CURTA-METRAGEM

• *Binta Y La Gran Idea*, de Javier Fesser e Luis Manso • *Éramos Poços*, de Borja Cobeaga • *Helmer & Son*, de Soren Pilmark e Kim Magnusson • *The Saviour*, de Peter Templeman e Stuart Parkyn • *West Bank Story*, de Ari Sandel

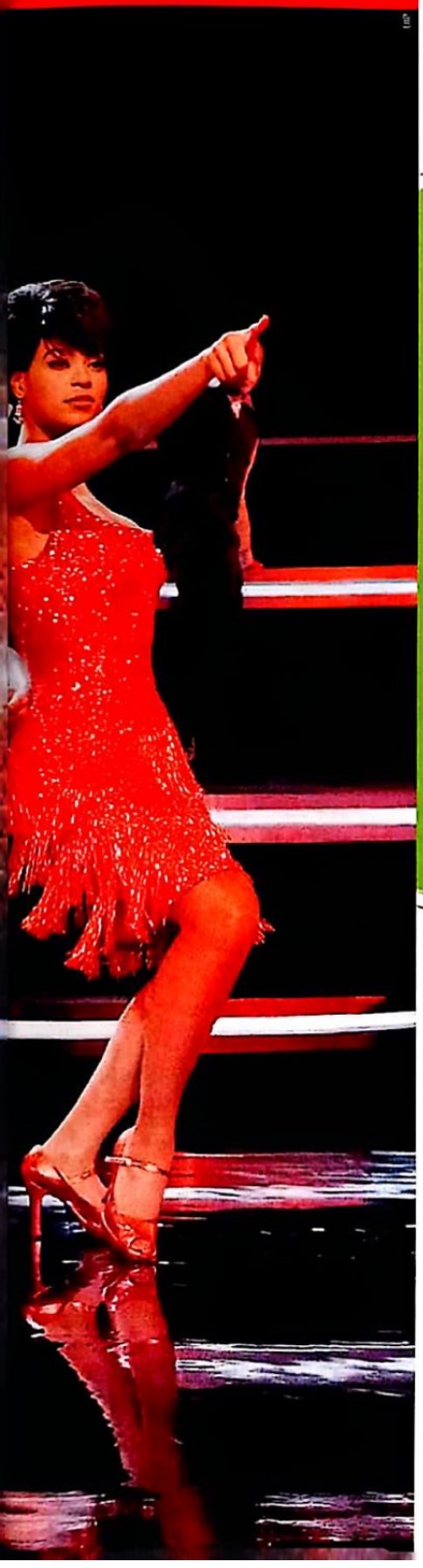
CURTA DE ANIMAÇÃO

• *The Danish Poet*, de Torill Kove • *Lifted*, de Gary Rydstrom • *The Little Matchgirl*, de Roger Allers e Don Hahn • *Maestro*, de Geza M. Toth • *No Time for Nuts*, de Chris Renaud e Michael Thurmeier

UM SONHO A M

Jennifer Hudson • Anika Noni Rose • Beyoncé e Eddie Murphy

AIS



"Eddie Murphy é uma aberração!", grita Jamie Foxx para meia dúzia de jornalistas durante uma entrevista para a divulgação de *Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*, musical de sucesso na Broadway no começo dos anos 80 que ganha agora versão em celulóide. Mas Foxx está longe de desdenhar o companheiro de cena: "Se ele estivesse aqui, em meia hora conseguiria imitar cada um de vocês, o timbre da voz, a expressão corporal, vocês ficariam boquiabertos". A empolgação de Foxx com Murphy não só é genuína, como também reflete o espírito do filme dirigido por Bill Condon, que, entre outros triunfos, fez o ator ser reconhecido com um Globo de Ouro como melhor coadjuvante este ano. Ou teria sido o efeito inverso?

Eddie Murphy é uma parte – importante, diga-se – do sucesso de *Dreamgirls*. E não só financeiro (o filme já faturou 70 milhões de dólares só nos EUA). É também um triunfo de estilo, coleção de ótimas canções e a consagração do elenco e de um diretor traduzidas em uma produção de franco otimismo. "Este trabalho foi uma viagem no tempo", ressalta Danny Glover, que surge como um empresário musical da velha guarda. "Nova York nos anos 70 tinha suas trupes, os atores ajudavam-se, havia um sentimento de camaradagem mais real. *Dreamgirls* é sobre esse sentimento, e acerca de como ele foi sendo dilacerado à medida que fama e fortuna cobriam o espaço da amizade, da confiança e do amor. É um reflexo da arte em nossa era."

Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho é uma celebração musical que devolve nossa fé em Eddie Murphy e revela o talento bruto de Jennifer Hudson

Por Roberto Sadovski, de Nova York

E é, também, a romantização da trajetória de outro supergrupo, desta vez de verdade: The Supremes, que lançou a carreira vitoriosa de Diana Ross e, tragicamente, acelerou a morte da cantora Florence Ballard, que cometeu suicídio em 1976, aos 32 anos. Embora à época do lançamento do musical na Broadway, seus autores, Henry Krieger e Tom Eyen, tenham negado qualquer semelhança com a trajetória do grupo da gravadora Motown – até para evitar ações legais de seus executivos e da própria Diana Ross – as coincidências são extremas, e ficam evidenciadas pelo novo filme, que chega a trazer reproduções fiéis de imagens das Supremes nas capas e apresentações do trio fictício. "O grupo no longa é The Dreams, e não The Supremes", desconversa Bill Condon, que escreveu o roteiro de outro musical, *Chicago*, e tem no currículo como diretor os ótimos *Deuses & Monstros* e *Kinsey*. "Nós nunca encaramos *Dreamgirls* como biografia das Supremes. Talvez existam similaridades nas histórias, mas, se nossa trama resvala na tragédia, ainda é uma história sobre triunfo."

UMA NÃO-BIOGRAFIA

Dreamgirls mergulha com fôlego no cenário musical ianque dos anos 60, quando a molecada descobria o rock'n'roll e sua mistura com o soul e outros ritmos negros. É nesse cenário, mais especificamente nos bastidores de um concurso para novos talentos, que o trio The Dreams – formado por Deena Jones (Beyoncé Knowles), Lorrell Robinson (Anika Noni Rose) e Effie White (Jennifer Hudson) – chama a atenção de um aspirante a empresário, Curtis Taylor Jr. (Jamie Foxx), e em pouco tempo as meninas estão acompanhando o explosivo James *Thunder* Early (Eddie Murphy) e descobrindo o lado menos glamouroso do >>

mundo da música. Logo fica claro que Effie, com sua voz de trovão, é um talento bruto – e também tem o temperamento de uma diva. E logo fica claro que ela vai perder a posição de vocalista principal do trio para Deena – mais ou menos como aconteceu com as Supremes, quando Diana Ross tomou o lugar de Florence Ballard.

"Nunca falei com Diana Ross", reforça Beyoncé, que não perde a chance de dizer que *Dreamgirls* é sua verdadeira estréia como atriz, apesar de já ter trabalhado na frente das câmeras em *Austin Powers contra o Homem do Membro de Ouro*, na comédia gospel *Resistindo às Tentações* e em *A Pantera Cor-de-Rosa*... hmmm, Ok, a gente concorda. "Não vou negar a inspiração, mas em nenhum momento os autores da peça ou mesmo Bill (*Condon*) pensaram em transformar a carreira das Supremes em uma obra desse porte." O diretor apressa-se em corroborar com sua estrela: "Eu assisti à estréia da peça em Nova York em 1981, sou fã do gênero". Jamie Foxx, que recusara o papel e só voltou atrás quando Beyoncé e – principalmente – Eddie Murphy estavam a bordo, é enfático: "*Dreamgirls* é uma celebração e não uma biografia".

VOZ DE TROVÃO

Não importa de que forma *Dreamgirls* fosse "rotulado", pouco importava para Jennifer Hudson, finalista eliminada do programa *American Idol* e escolhida entre 781 atrizes para o papel de Effie Jones. Desde que perdeu o popular programa de calouros em 2002, ela caiu na estrada para esticar a fama efêmera adquirida na TV, mas, a exemplo de outros participantes do *American Idol*, o caminho para longe dos holofotes parecia certo. Foi com esse peso que Jennifer encarou os testes para o papel de Effie, o que se estendeu por seis meses e repetidas rejeições. "Não conseguia enxergar o futuro de outra forma a não ser com a minha participação no elenco", conta, ainda intimidada em sua primeira rodada de entrevistas para divulgar o filme. "Eu aprendi muito e dei tudo de mim."

O que não poderia ser mais verdadeiro. Apesar de dividir a cena com celebridades talentosas, como Beyoncé e pesos pesados do porte de Jamie Foxx e Eddie Murphy, Hudson é o grande brilho do filme. Sem treinamento vocal formal ou aulas de interpretação, a jovem de 25 anos é puro instinto e fúria. "Todas cantamos no set, mas as músicas foram gravadas em estúdio", revela

Trajetória de um sonho: 1) Murphy, como James *Thunder* Early, ensaia ao lado de suas coristas, The Dreams; 2) Beyoncé ameaça a novata Jennifer Hudson; 3) os titãs Danny Glover, Murphy e Jamie Foxx discutem o futuro de suas novas estrelas femininas

Beyoncé. "A única exceção foi Jennifer interpretando 'And I Am Telling You I'm Not Going'. Ninguém conseguia sair do set. Jennifer repetia a performance take atrás de take, seu choro era natural, sua raiva também. Ela já é uma estrela." Os jornalistas da Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood concordaram com Beyoncé, dando a Jennifer Hudson o Globo de Ouro de melhor atriz coadjuvante. Em seu agradecimento, ela foi enfática: dedicou o prêmio a Florence Ballard, apagando de vez a linha entre The Dreams e The Supremes.

SONHANDO ALTO

Chove torrencialmente em Los Angeles. É o final de 2005, e um grupo de jornalistas se amontoa em uma tenda improvisada em um dos teatros há muito abandonados na Broadway californiana. No interior de um deles, o abandono dá lugar a refletores, cabos e gente apressada. No palco, Bill Condon dirige uma das cenas "musicadas" de *Dreamgirls*, quando o trio se apresenta ao lado de James Early. Os vozeirões de Beyoncé, Anika Rose e Jennifer Hudson recheiam a receita de soul escrita para os palcos mais de duas décadas antes. Quando James Early salta em cena... é um dublê, e não Eddie Murphy, notoriamente avesso à imprensa. O lamento é geral. Naquele estágio, em sua concepção, *Dreamgirls* já corria à boca pequena em Los Angeles como o "retorno triunfal" de Murphy ao centro do palco depois de anos de comédias furadas e produções infantis vergonhosas.

"Acredite em mim, Eddie sabia o que estava fazendo o tempo todo", garante Jamie Foxx um ano depois daquela noite, quando jornalistas que se juntaram a

FOTOS: UIP

representantes do estúdio, distribuidores de todo o mundo e parte da equipe técnica do longa para celebrar o final das filmagens (e começar o trabalho de mídia). "Eddie ganhou muito dinheiro, cara. Se ele encerrasse sua carreira hoje, seu legado não precisa de justificativas. *Saturday Night Live*, *Raw*, *Um Tira da Pesada*, *O Professor Aloprado*... Eddie é o cara!" A poucos passos, consigo trocar algumas palavras com Jennifer Hudson – ainda muito tímida, sem a menor idéia do furacão que se tornará sua vida em cerca de um ano, quando o filme for revelado. "É tudo muito novo", murmura, antes de concluir. "Só o que quero é que as pessoas apreciem nosso trabalho, apreciem a música e apreciem o talento. *Dreamgirls* já é um triunfo nos palcos, existe todo o legado, os fãs... Será que estou sonhando muito alto?" Não, Jennifer, o sonho, agora, é você.

CANTA! DANÇA! SEM PARAR!

Moulin Rouge!

Chicago

Não gosta de musicais? Então prepare-se para uma temporada longe dos cinemas

Foi aqui em SET que o retorno triunfal dos grandes musicais foi anunciado com toda pompa a que tinha direito: em 1992, ***Newsies*** (no Brasil, ***Extra! Extra!***) trazia o promissor Christian Bale em seu primeiro papel adulto – ou quase, ele tinha 17 anos – em uma trama sobre a greve dos jornaleiros mirins na Nova York da virada do século 20. Como, você nunca ouviu falar? Err, talvez porque o tal "retorno" tomaria praticamente mais uma década para ser concretizado, desta vez com a extravagância ***Moulin Rouge!***, em que Baz Luhrman colocava Nicole Kidman e Ewan McGregor entoando hinos pop modernos na Paris do final do século 19. O mundo parecia pronto mais uma vez para um gênero que teve seu auge na primeira metade do século 20, e que depois terminou rejeitado por uma platéia mais cínica, que não engolia mais atores e atrizes interrompendo a ação para... cantar a ação! ***Chicago***, lançado no ano seguinte, foi uma consagração que venceu seis Oscar. Apesar das críticas, era tarde: Hollywood rendera-se novamente ao gênero, que desafia críticos e encanta artistas – Hugh Jackman, por exemplo, não perde a hora de levar seu triunfo da Broadway, ***The Boy from Oz***, para o cinema. Na verdade, ***Dreamgirls*** confirma essa tendência da inspiração buscada nos palcos.

Foi assim com ***O Fantasma da Ópera*** (2004) e com ***Os Produtores*** (2005, que na verdade era um filme transformado em musical, e este adaptado para o cinema... ufa!), e será assim com ***Hairspray*** (baseado no longa de 1988 de John Waters e na subseqüente peça de mesmo nome), que trará John Travolta no papel que um dia foi do travesti Divine, e ainda com ***Sweeney Todd***. Dirigido por Tim Burton, o mais esperado dos neomusicais hollywoodianos conta a história de Benjamin Barker, barbeiro londrino que também é um sangrento serial killer – e é uma comédia. O filme marca a sexta parceria de Burton com Johnny Depp (e olha que eles já fizeram juntos um musical, ***A Noiva-Cadáver***), que divide a cena com Helena Bonhan Carter, Alan Rickman e Sacha Baron Cohen – o Borat. Waa waa wee waa!

Hairspray

Os Produtores

O REI

Texto por Rodrigo Salem
Entrevista por Stephen Applebaum/IFA

Forest Whitaker já tem quase todos os prêmios que um ator pode receber em vida. Se nenhuma zebra cruzar seu caminho, a lista deve aumentar. A consagração de Whitaker, para muitos, vem até tarde. Ao lado de Sean Penn, iniciou a carreira em Hollywood na comédia *Picardias Estudantis*, interpretando um jogador de futebol americano do colégio. O papel era menor, mas refletiu bem o que levaria para o resto da carreira: a dedicação "deNiriana" aos seus personagens – ele era defensor de destaque de seu time na universidade. Logo começou a ser percebido pelos papéis em *A Cor do Dinheiro* e *Platoon*. Quando chegou para servir de apoio para Robin Williams em *Bom Dia, Vietnã*, já enchia os olhos dos críticos.

Foi em 1988 que Forest Whitaker conquistou o mundo. Papou a Palma de Ouro em Cannes e uma indicação para o Globo de Ouro por sua interpretação do músico Charlie Parker em *Bird*, de Clint Eastwood. Pau para toda obra, o ator dividiu seu tempo entre produções bobocas (*A Experiência*) e independentes (*Ghost Dog*), ganhou o Emmy pela produção do *De Porta em Porta*, dirigiu Whitney Houston (*Falando de Amor*) e Sandra Bullock (*Quando o Amor Acontece*) e se destacou nas séries *E.R.* e *The Shield*. Mas o código que rege as atuações em 2006/2007 está proibindo que outro ator seja lembrado no lugar do texano de Longview entre os melhores. A razão é sua imersão completa no papel do ditador Idi Amin, homem que tomou o poder e controlou Uganda a pulso de ferro nos anos 70. Em *O Último Rei da Escócia*, Whitaker encontra humanidade num gigante de alta periculosidade, injeta carisma numa mente bipolar e perde sua identidade num bolsão de loucura genocida. Papel que rendeu o Globo de Ouro e, provavelmente, o primeiro Oscar. Já era hora de os súditos reconhecerem seu rei. >>

A RAINHA

Por Carlos Heli de Almeida, de Veneza (Itália)

Só a inveja das americanas tira o Oscar de melhor atriz da britânica Helen Mirren. A estrela de 61 anos é o maior destaque de *A Rainha*, de Stephen Frears, filme já cheio de grandes atributos, que vem conquistando indicações e prêmios importantes desde que estreou no Festival de Veneza do ano passado. Sob maquiagem e figurinos que a envelheceram um par de décadas, a estrela da bem-sucedida série de TV *Prime Suspect* encarna Elizabeth II durante uma das maiores crises vividas pela família real: a morte de Diana. "Ela é uma atriz extraordinária. Construiu a personagem sem qualquer orientação minha. Apenas concordei quando sugeriram o nome dela para o papel", elogiou Frears, de 65 anos, a SET.

O novo longa do autor de *Ligações Perigosas* recria os bastidores dos momentos que se seguiram à morte de Diana em 1997 e o impacto da tragédia na família real, no povo britânico e na imagem do então recém-eleito primeiro-ministro Tony Blair. Ao tentar ignorar o clamor público, que exigia dos monarcas o devido respeito em relação à memória da ex-princesa de Gales, Elizabeth II acabou gerando um descoforto descomunal dentro do reino, a ponto de seus súditos questionarem a legitimidade do regime. *A Rainha*, no entanto, não é um ataque político à monarquia inglesa, mas um surpreendente retrato humanístico da família real, no qual a monarca tem significado fundamental. Na entrevista a seguir, realizada antes de a veterana ganhar o Globo de Ouro por duas rainhas (ela fez Elizabeth I para a BBC), Helen conta que a idéia de intepretar alguém ainda vivo e tão presente no cotidiano de seu país a deixou apavorada: "Ela é uma das figuras mais constantes de nossas vidas". >>

Não deve ter sido fácil interpretar Idi Amin em *O Último Rei da Escócia*.

Foi duro. Habitar esse homem foi uma das coisas mais difíceis que fiz em minha vida. Sou um afro-americano e não um africano. Não fui criado lá, foram meus ancestrais que vieram daquele continente. Precisei compreender um ritmo diferente, um estilo diferente de ser e uma maneira diferente de ver o mundo, porque fui doutrinado no ponto de vista ocidental. Então, fui para Uganda e aprendi muito sobre mim mesmo e o lugar. Precisei estudar suaíle, de extrema importância se quisesse realmente conhecer aquele homem. Tive de entender o dialeto, a época e seus movimentos para poder encarná-lo de modo verdadeiro e não como o retratam por aí, como uma figura unidimensional. Porque ele não era assim: tinha filhos e família. Como ser honesto e mostrar a dualidade desse homem?

FOX

Medo: a face carismática de Amin

O que foi mais difícil?

Acho que foi carregá-lo, sabe? Muita energia era necessária para habitar o sujeito. E se eu o deixasse escapar, trazê-lo de volta seria muito difícil. Se estivesse no personagem, trabalhando e ensaiando, e precisasse sair para alguma outra função, poderia levar dias para recuperar a energia no corpo, o ritmo e a maneira de olhar certas coisas. No final das filmagens, ficou um pouco mais fácil acessar essa energia.

Longas recentes que tentaram mostrar Hitler de maneira mais humana, como *Max* e *A Queda*, atraíram bastante polêmica. Acha que seu filme pode fazer o mesmo?

Acho que algumas pessoas poderão se sentir dessa maneira. O que quero dizer é que ele expulsou os asiáticos do país e vários ugandenses que encontrei pos-suem opiniões distintas sobre Idi Amin. Não é da maneira que pintam aqui no Ocidente. As perguntas que precisava fazer eram, as coisas que ele arquitetou tinham algum mérito? Ele foi corrompido pelo poder? Como se formou? Porque sabia falar inglês e ensinaram tudo o que sabia sobre guerra e como lidar com os inimigos. Então, você precisa olhar para esses fatos e questionar: como era a economia da época? Uganda era um país colonizado e, quando (*os britânicos*) foram sacados, Idi Amin se viu sozinho, cercado de nações africanas que o odiavam. Ele se tornou cada vez mais paranóico e menos político. Ao mesmo tempo, não foi bom ter renomeado os lagos com seus nomes africanos originais? Não foi bom tentar educar as crianças de certa maneira e ensinar fazendeiros sobre muitas coisas? Ele tentou. Não funcionou, mas tentou.

Você chegou a dizer que ele não era um monstro, mas um humano.

Eu não acho que você deve esconder o fato de que muitas pessoas foram assassinadas. Um monte de pessoas foi assassinada! Mas não acredito que ele comia humanos. Conversei com membros de seu gabinete, seus irmãos , e tudo o que senti é que era propaganda ocidental.

O fato de não haver cenas de um suposto canibalismo de Amin tem a ver com a ameaça da família do ditador em processar a produção por difamacão?

Hmm. Não sei de onde essa história veio, porque a realidade é que passei um bom tempo com seus irmãos. Fui até Arua, que fica ao norte de Uganda e tentei desesperadamente conversar com o filho de Amin, Taban, que é um general da região. Não me concederam uma audiência.

Taban era quem ameaçava processar os produtores...

É, ele é capaz de ter falado isso, porque tem uma personalidade forte. Tenho muito respeito por ele, mas, sim, eu pessoalmente tentei encontrá-lo em inúmeras ocasiões para conversar, porque queria ter certeza de que interpretaria o personagem de modo correto. *O Último Rei da Escócia* não tem nada a ver com os outros filmes realizados sobre Amin. Não cobrimos o fato de que seus ministros foram mortos e outras ocorrências, porém mostramos as possíveis razões de algumas coisas terem acontecido e um lado diferente de quem ele era. Outra vez, muitas pessoas foram assassinadas, mas o próprio Amin ficava extremamente irritado quando o pintavam de canibal, pois era absolutamente irreal.

Você acha que ditadores negros são representados de forma diferente pelos livros de história?

Bem, vendo a maneira como a mídia se comporta em relação a ele, você realmente acreditaria que Idi Amin matou tanto quanto Hitler. Os números não demonstram tanta certeza. Ele não matou mais que seus predecessores. Ele certamente não assassinou mais do que alguns dos líderes chineses e da União Soviética. Você certamente não pode compará-lo à quantidade de pessoas mortas pelos britânicos, que chegam aos milhões. Entende o que quero dizer? Mas esse homem em particular foi colocado lado a lado com os maiores e mais demoníacos ditadores da história.

***O Último Rei da Escócia* é um entre vários filmes sobre a África que estão surgindo atualmente. Como você recebe essas produções?**

Acho ótimo que as histórias estão sendo contadas. E histórias poderosas. Talvez elas despertem as pessoas para a conexão com aquele continente e elas não vejam mais como algo que existe e é silenciosamente estuprado pelo Ocidente. Vendo o que está acontecendo na África talvez afete suas próprias vidas, escolhas e decisões. Então, espero que existam mais e mais filmes.•

FOTOS: EUROPA

Obrigação: a rainha e as flores para Diana

A senhora ganhou o Emmy de 2006 por sua performance como personagem-título da minissérie *Elizabeth I*, da HBO. O fato de, no filme de Stephen Frears, a senhora interpretar uma rainha ainda viva tornou seu trabalho mais fácil?

De modo algum. É uma situação incômoda interpretar alguém ainda vivo porque, por melhor que seja o ator, a versão dele nunca será tão perfeita quanto a figura real que tenta reproduzir. Numa situação como essa, nós, atores, nunca poderemos vencer de verdade. De fato, interpretar a rainha Elizabeth II foi a tarefa mais assustadora e intimidadora que já recebi na minha carreira.

A senhora chegou a temer alguma crítica por parte da família real?

Graças a Deus temos liberdade de expressão em nosso país. Além disso, a família real tem se comportado de maneira bastante liberal em relação a esse tipo de coisa, permitindo que as pessoas digam o que quiserem sobre ela e seus membros. A não ser, é claro, que tal crítica contenha algo de difamatório. Não acho que nosso filme seja difamatório. Ao contrário, ele oferece um olhar humanista de um período difícil de uma família estranha.

É inegável que a rainha ocupa um papel central na vida dos britânicos. O que ela significa para a senhora?

É muito difícil explicar para aqueles que não são britânicos o que exatamente a rainha Elizabeth II significa para nós. Os mais velhos ainda se lembram dela como uma mulher jovem, e os mais jovens a vêem como uma senhora de idade. Mas, ela é uma constante na vida de todos nós, não importa que você seja republicano extremista, crente que devemos nos livrar dela, ou que seja monarquista, que defende o regime. Nesse caso, sua posição política é irrelevan-te. A rainha é essa pessoa extraordinária que sempre esteve por perto. Ela é como o sofá de nossos pais, sabe? No qual você pulou quando criança, derramou café, queimou com pontas de cigarros e que foi revestido quando ficou velho. Agora, quando você visita a casa de sua infância, o reencontra e percebe o quanto ele é familiar, que você o conhece como a palma de sua mão. Nós vemos a rainha assim, uma coisa familiar e, ao mesmo tempo, completamente enigmática e desconhecida.

Stephen Frears disse que a rainha é uma espécie de mãe de todos os britânicos. Vê da mesma forma?

Acho que, de algum modo, Stephen está certo. A rainha é uma espécie de mãe para todos nós, ou pelo menos é assim que a vemos. Quando eu era jovem, se estivesse passando por algum evento traumático ou um momento o difícil, minha mãe sempre vinha me dizer: "Não se preocupe, querida, até mesmo a rainha já passou por isso" (*risos*). E olha que minha mãe sempre foi republicana, ela odiava a noção de uma família real.

A senhora acha que a reação inicial de indiferença da família real à morte de Diana teria força para enfraquecer a monarquia inglesa?

Não acredito em um efeito imediato. Houve certa pressão da mídia, que de alguma maneira esteve pedindo pelo fim da monarquia, e isso ficou claro para as pessoas na época. Talvez aquelas duas semanas (*que se seguiram à morte de Diana*) influenciaram o modo como o povo britânico verá a monarquia pelos próximos cinqüenta anos. É uma perspectiva interessante. Mas não sabemos ao certo a dimensão do estrago à imagem do regime causado pelo episódio, porque, algumas vezes, essas tormentas chegam de repente e vão embora com a mesma velocidade e, com o tempo, perdem o impacto ou a importância. A história dará o seu veredicto.

***A Rainha* é um filme político?**

O longa tenta extrair o conceito de monarquia de dentro de sua imagem externa. Minha idéia, do ponto de vista da intérprete, era tentar despir a rainha de toda essa descomunal estrutura que mistura formalidade e tradição que chamamos de monarquia, e encontrar, com esse esforço, as pessoas meio absurdas que estão sob o regime. Absurdas sim, porque são pessoas que, obviamente, vivem em um mundo extraordinário e anacrônico. O roteiro do Stephen tenta fazer isso, tirar os seres humanos de dentro dessa estrutura surreal e expor a humanidade deles. O filme só será bem-sucedido se for compreendido e interpretado dessa forma, e não como uma declaração política.•

Carinho: Frears guia Helen Mirren

Depois do sucesso embriagante de *Titanic*, Kate Winslet consolida sua maturidade no polêmico drama *Pecados Íntimos*

Por Alessandro Giannini, de Los Angeles

Uma Criatura Divina

A Grande Ilusão

O Amor Não Tira Férias

Pecados Íntimos

Por Água Abaixo

Kate Winslet teve um ano cheio em 2006. Promoveu o lançamento de quatro filmes, dois dramas, uma comédia e uma animação. Nas entrevistas para divulgar *O Amor Não Tira Férias*, a anêmica comédia dirigida por Nancy Meyers, ela conta como eram os dias de sua rotina, durante uma de suas estadas em Los Angeles. "Era um sábado. Eu tinha de ir para a Sony de manhã, não para filmar *O Amor Não Tira Férias*, mas para gravar uma hora de narração para *A Grande Ilusão*. De lá, onde eu estava falando como Anne Stanton (*imita a personagem*), fui me encontrar com Todd Field e o editor de som de *Pecados Íntimos*, Eddie Ties, em um estacionamento, no banco traseiro de um carro, para captar alguns trechos para o filme dele. Depois, encarei mais quatro horas de ratos para *Por Água Abaixo*. No fim daquele dia, eu havia passado por três personagens e estava... (*faz cara de cansada*). Por isso, adoro esse trabalho."

Esses filmes foram feitos ao longo de dois anos e lançados mais ou menos ao mesmo tempo nos Estados Unidos, no fim do ano passado. Foi como ganhar na loteria ao contrário, já que Kate planejava tirar férias no mesmo período. Nessa lista, dois títulos destacam-se: *O Amor Não Tira Férias* e *Pecados Íntimos*, que estréia neste mês em meio ao Oscar. Segundo a atriz, o filme de Nancy Meyers foi a primeira comédia romântica de sua carreira. "Fiz comédia de humor negro >>

em *Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças* e em um episódio de *Extras*. Mas nunca havia feito nada parecido. Aprendi o quão terrível é interpretar uma inglesa contemporânea. Foi muito estranho não ter nada para me esconder. Não tinha uma peruca, não tinha sotaque, não tinha espartilho. Era simplesmente eu e sou muito diferente de Íris. Temos os mesmos valores familiares, mas o resto é tudo muito diverso. As pessoas acreditam que é muito mais fácil trabalhar em uma comédia romântica e interpretar alguém que poderia ser uma versão de mim mesma. Não é bem assim", diz ela.

> "A única coisa ruim é o quanto você se torna disponível publicamente como celebridade para repórteres, fotógrafos e coisas assim"

O Amor Não Tira Férias: morrendo de rir com Jack Black

A Grande Ilusão: como Dona Flor

Pecados íntimos: mamãe gostosa

Papel de mãe

Pecados Íntimos foi fundamental nesse momento não só por acrescentar mais uma donzela dividida e problemática ao currículo da atriz, mas também por representar uma de suas melhores atuações recentes, digna de uma indicação para o Globo de Ouro – ela perdeu para uma peso pesado, Helen Mirren (*A Rainha*) – e uma para o Oscar. No filme, Kate faz o papel de Sarah Pierce, jovem mãe desconfortável com seu papel em um casamento falido. Quando surge na vizinhança um jovem pai, Brad (Patrick Wilson), ela se deixa levar e inicia um romance tórrido. O longa discute ainda a questão da tolerância na classe média americana, conservadora e incapaz de aceitar a diversidade, por meio de uma trama paralela envolvendo Ronnie (Jackie Earle Haley), um agressor sexual que volta para a vizinhança após cumprir pena na prisão. Essas duas linhas narrativas se encontram formando um interessante painel sobre como se comporta a sociedade diante de quem celebra a diferença ou não consegue se encaixar.

Aos 31 anos de idade, Kate Winslet tem um currículo invejável. São 23 longas-metragens para cinema, um sucesso sem precedentes (*Titanic*) e quatro indicações para o Oscar (duas como melhor atriz e duas como melhor atriz coadjuvante). Simples, descontraída e franca, ela gosta do reconhecimento, mas valoriza o sucesso de outro ponto de vista. "Sucesso significa muita coisa, no sentido de que posso escolher o que fazer. E isso é fantástico", filosofa. "O privilégio de atuar fica ainda maior quando se pode interpretar papéis diversos e explorar distintas partes de si mesmo, diferentes partes de uma personagem. É um trabalho duro. Adoro interpretar, mas não vem assim. Tem de fazer a lição de casa, tem de estar preparada."

Casada com o diretor Sam Mendes (*Beleza Americana*), mãe de Mia (filha do casamento anterior, com James Threapleton) e de Joe, Kate acha também que o sucesso cobra seu quinhão. "Por um lado, sou extremamente grata por isso, por causa da liberdade que me deu como atriz", afirma. "A única coisa ruim é o quanto você se torna disponível publicamente como celebridade para repórteres, fotógrafos e coisas assim. Com crianças, isso é muito difícil." Mesmo assim, ela e o marido famoso conseguem levar uma vida familiar normal e evitam influenciar os filhos com a rotina de set. "Meus filhos são fabulosos (*risos*). Muito equilibrados. Elas não são de jeito nenhum crianças do set. Se vêm visitar a mamãe no trabalho ou ver Sam é um acontecimento muito especial. Não fazemos isso com muita freqüência."

Completamente o oposto de sua personagem em *Pecados Íntimos*, Kate preo-

cupa-se com todos os aspectos do crescimento de seus filhos, especialmente a relação com aquilo que pretendem fazer quando adultos. "Eu não os arrastaria até um set de filmagem para mantê-los presos em um trailer comendo porcarias e esperando a mamãe", diz, para logo se corrigir. "E também acho que se os trouxer não consigo me concentrar. Porque o meu foco imediatamente muda para eles. E Mia, ela vai fazer 6 anos, está começando a entender as coisas e a ficar fascinada com tudo isso."

Filha de um casal de atores e irmã de duas atrizes, ela tem preocupações com o futuro da pequena. "Meu pai foi um

ator que se empenhou muito a vida inteira, as minhas duas irmãs são atrizes. Elas não estão lutando tanto neste momento, mas pode ser uma vida dura para um ator. Quando um pai experimenta batalha e dureza no exercício daquilo que ama fazer para viver, claro que faz sentido ficar preocupado com um filho que quer entrar nessa. Minha mãe sempre foi mais incentivadora, mas meu pai ficava preocupado quando eu dizia que queria ser atriz", lembra ela

Com a pequena Mia, Kate parece repetir a escrita. De forma muito mais relaxada, claro. "Houve um momento em que pensei: 'Meu Deus, ela pode acabar fazendo isso para viver'. Mas agora não tenho tanta certeza. Ela se interessa por egiptologia e gosta muito de biologia marítima. Mas se ela me falar um dia que quer ser atriz, eu vou esconder que estou respirando fundo e dizer: 'Ok, é isso o que você precisa saber'."•

As curvas de Kate

Razão e Sensibilidade (1995) – Kate bateu centenas de candidatas ao papel de Marianne Dashwood impressionando Emma Thompson, que além de fazer a personagem principal do filme foi responsável pela adaptação do livro de Jane Austen. Foi a sua primeira indicação para o Oscar, de melhor atriz coadjuvante.

Titanic (1997) – Na pele da jovem e apaixonada Rose DeWitt Bukater, Kate arrancou suspiros de milhões no gigantesco romance de James Cameron. Ao lado do pobretão Jack, interpretado por Leonardo DiCaprio, ela vive um romance candente. Foi sua segunda indicação para o Oscar, desta vez de melhor atriz.

Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças (2004) – Considerado pela própria Kate uma comédia de humor negro, o filme de Michael Gondry traz a atriz no papel de Clementine, que apaga a memória junto com o namorado, papel de Jim Carrey, para esquecer a fase ruim que estariam vivendo.

Extras (2005) – **"Eu adoraria que você colocasse seu Willy Wonka entre os meus Umpa-lumpas", diz Winslet, no papel dela mesma, em uma participação especial na série de Ricky Gervais, para uma extra preocupada com a saúde sexual de seu relacionamento. "Hoje em dia, as pessoas me param para falar mais dessa minha participação do que de *Titanic*", revela a atriz**

Fogo Sagrado (1999) – Quando fez o papel de Ruth Barron, jovem australiana sob ascendência da cultura indiana que se deixa influenciar por um guru americano, Kate estava para lá de embriagada com o sucesso de *Titanic* e chegou a recusar o papel de Jodie Foster na versão contemporânea de *Anna e o Rei*.

Contos Proibidos do Marquês de Sade (2000) – Talvez impulsionada pela possibilidade de trabalhar com Phillip Kaufman, roteirista de *Os Caçadores da Arca Perdida* e diretor de *Os Eleitos*, Kate tenha sido um pouco descuidada ao avaliar esse complicado recorte da fase final da vida do famoso marquês, vivido com uma surpreendente familiaridade por Geoffrey Rush

O Amor Não Tira Férias (2006) – Primeira comédia romântica da carreira de Kate, segundo sua própria avaliação, o filme de Nancy Meyers traz a atriz no papel de uma espécie de Bridget Jones sem as caretas de Renée Zellwegger. Iris poderia ser tão irritante quanto a personagem literária encarnada por Zellwegger se não fosse Kate.

TOURO INDOMÁVEL

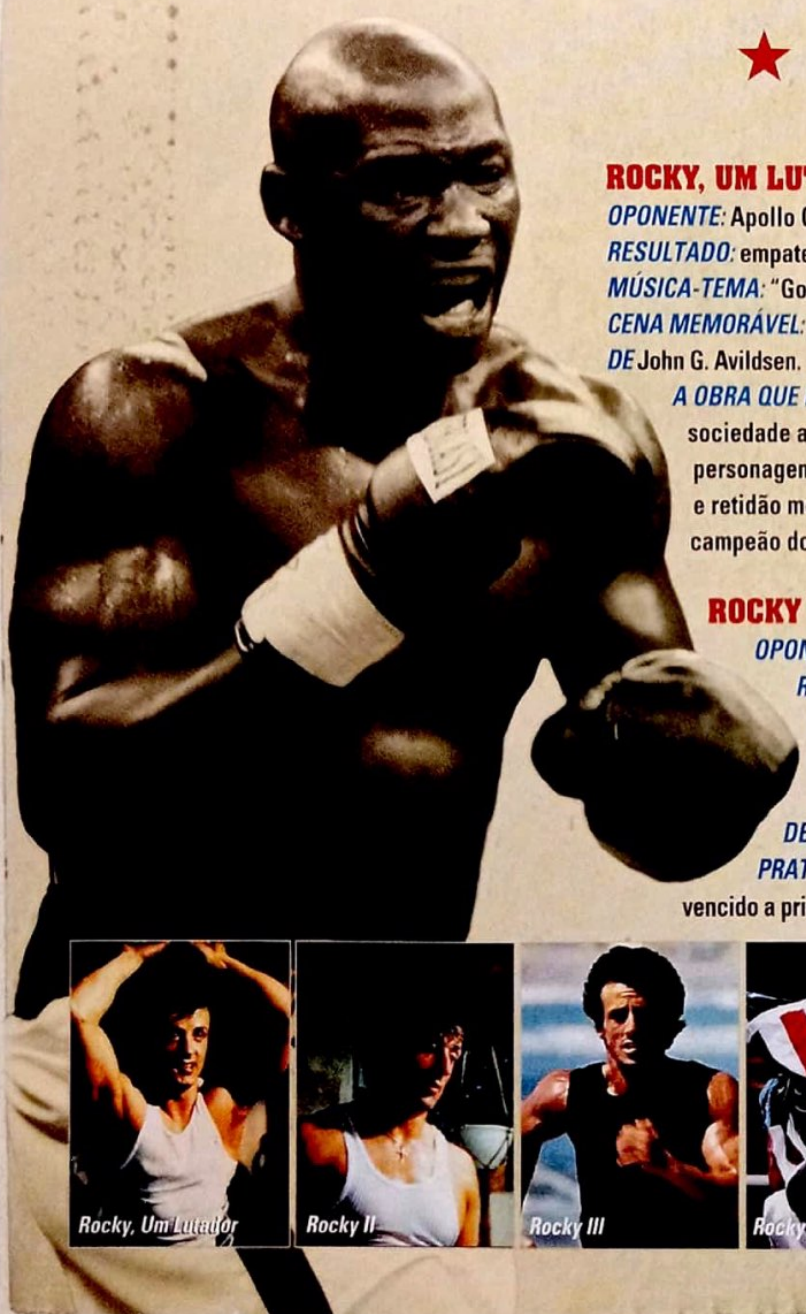
O RETORNO DO SÉCULO!

COM *ROCKY BALBOA*, SYLVESTER STALLONE DESAFIA A INDÚSTRIA, REENCONTRA O SUCESSO E FECHA UM CÍRCULO EM SUA CARREIRA – E EM SUA VIDA

POR ROBERTO SADOVSKI
COM ENTREVISTA DE CARLOS SANTE/IFA

Sylvester Stallone pegou o telefone e ligou para sua amiga, a atriz Talia Shire. O motivo do contato era, claro, *Rocky Balboa*, sexto capítulo de uma saga iniciada há três décadas com *Rocky, Um Lutador*. Nos cinco filmes que fizeram de Rocky um ícone do cinema americano, Talia interpretou Adrian, o amor de sua vida, a ligação do pugilista com a humanidade, a pessoa que fazia dele mais que um saco de pancada: que o completava. "O roteiro finalmente está pronto", disse Sly. "Que ótimo, e como será meu papel desta vez?", perguntou Talia. "Nenhum. Você está morta", foi a resposta.

Se fosse cinco anos atrás, a história seria outra. Talia estaria ao lado de Rocky quando ele, para manter uma academia dedicada a treinar jovens ao mesmo tempo em que os mantêm fora das ruas, se cansa das negativas de gerentes de bancos e volta aos ringues para levantar fundos até, mais uma vez, sagrar-se campeão. "Eu estava claramente inspirado pela vida de George Foreman", diz Stallone, referindo-se ao pugilista que foi campeão em 1994, aos 45 anos, depois de aposentado e longe do esporte. "Mas a trama estava errada. Era sobre jovens, sobre a academia, sobre as lutas. Não era sobre Rocky. Por isso reescrevi tudo e Adrian teve de morrer." A tragédia tira o personagem do pedestal quase mítico em que ele se firmou na década de 80, quando Rocky se tornou sinônimo de tudo o que havia de bom – e, até com um peso maior, de ruim – que o cinema de entretenimento americano oferecia. Ele deixa de ser super-herói para, novamente, tornar-se humano. "O primeiro *Rocky* era sobre confusão, solidão, auto-afirmação e, no final, sobre nem se importar com a vitória", continua o ator. "Era sobre o amor de Adrian. E eu percebi que o único modo de lhe dar uma nova história era arrancar seu coração. Se você remove o que Rocky mais ama, ele perde sua conexão com o mundo, ameaça entregar-se ao desespero. E nada poderia ser mais traumático que a morte de Adrian – mas é aí que sua última jornada se torna mais densa, mais realista."



★ ★ 5 ROUNDS

ROCKY, UM LUTADOR (1976)

OPONENTE: Apollo Creed (Carl Weathers).
RESULTADO: empate técnico.
MÚSICA-TEMA: "Gonna Fly Now".
CENA MEMORÁVEL: o chamado de Rocky por "Adriaaaan" ao término da luta.
DE John G. Avildsen.

A OBRA QUE DEU ORIGEM À SÉRIE FOI O FILME CERTO NA HORA CERTA: quando a sociedade americana vivia a depressão pós-Vietnã e pós-Watergate, surgia um personagem comum disposto a garantir seu lugar ao Sol, movido por obstinação e retidão moral. Rocky é um simplório lutador que ganha a chance de enfrentar o campeão dos campeões, Apollo Creed.

ROCKY II – A REVANCHE (1979)

OPONENTE: Apollo Creed (Carl Weathers).
RESULTADO: vitória de Rocky.
MÚSICA-TEMA: "Gonna Fly Now" (em nova versão).
CENA MEMORÁVEL: o povo seguindo o treinamento de Rocky na escadaria do Museu de Arte.
DE Sylvester Stallone.

PRATICAMENTE UMA REFILMAGEM DO ANTERIOR. Injuriado por não ter vencido a primeira luta, apesar de ter mantido o título, Apollo passa a cobrar uma revanche de Rocky, que larga o boxe para se dedicar aos negócios. Sua ignorância leva-o à bancarrota, e logo ele aceita o desafio de Apollo, mesmo contra a vontade da esposa, Adrian (Talia Shire), que, desgostosa, entra em coma durante a gravidez.

Rocky, Um Lutador
Rocky II
Rocky III
Rocky IV
Rocky V

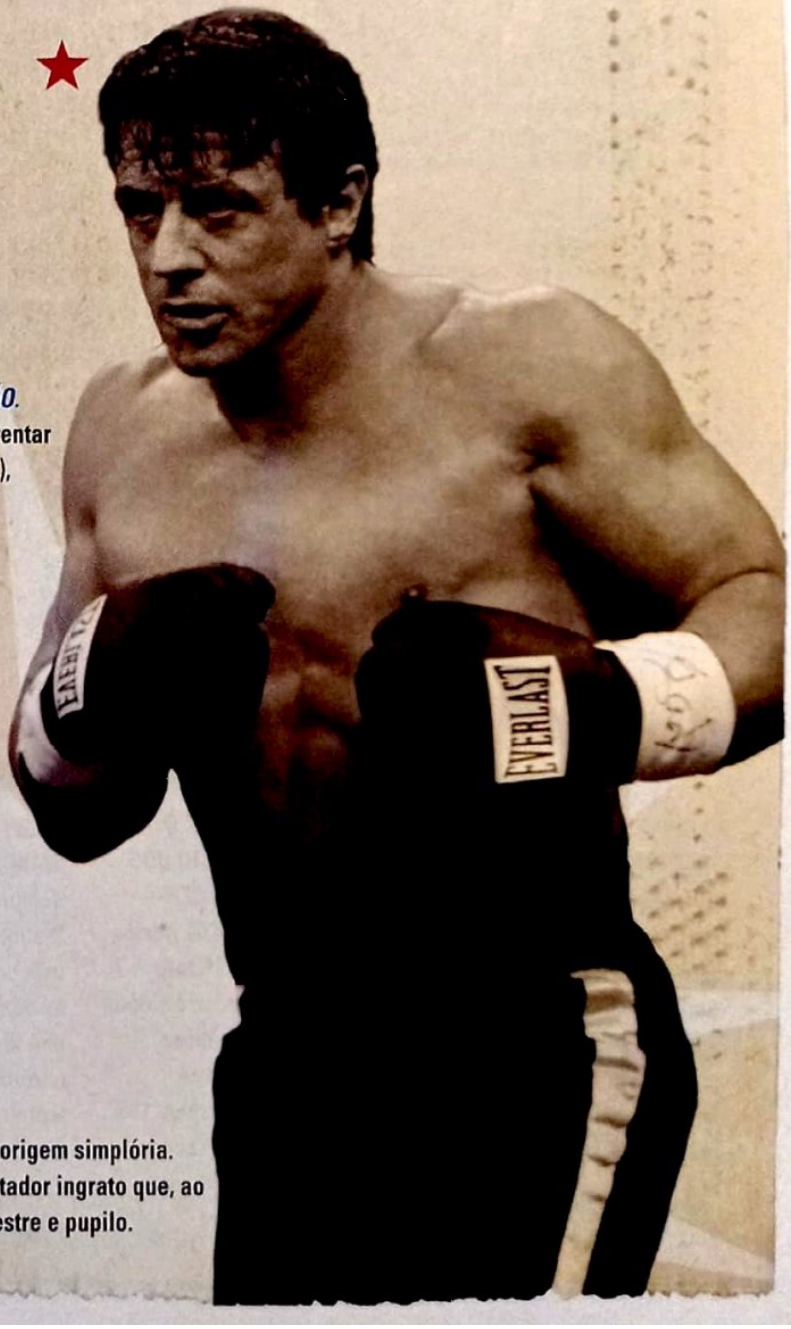
É inacreditável a naturalidade com que Sylvester Stallone retoma, dos dois lados da câmera, o papel que lhe consagrou. É mais inacreditável ainda que *Rocky Balboa*, encarado como uma piada quando finalmente começou a sair do papel, tenha se tornado um triunfo que já rendeu 70 milhões de dólares nas bilheterias americanas, mostrando que Stallone, há muito fora do jogo impiedoso dos grandes estúdios americanos, está em sintonia com o mesmo público que fez de Rocky parte da mitologia moderna ianque. Que há trinta anos enxergou seu reflexo na história do fracassado que, quando consegue uma chance, por mais ínfima que seja, emerge triunfante. É o retrato do tal "sonho americano", traduzido, mais uma vez, em *Rocky Balboa*. E em Sylvester Stallone.

O FIM DA AÇÃO

"Rocky e eu somos muito parecidos", reconhece Sly. "Tive excelentes momentos e com certeza já passei de meu auge, embora tenha sido uma ótima jornada. Não tenho arrependimentos e não espero que as coisas venham a ser como antes. Mas pensei, poxa, que grande idéia fazer essa fantasia mais uma vez." Honestidade, ao menos, não lhe falta. O último sucesso comercial da carreira do astro veio em 1993, quando a aventura *Risco Total* o levou para o alto das montanhas geladas do Colorado (embora as locações tenham sido na Itália). O filme rendeu 90 milhões de dólares e uma sobrevida a "Stallone, herói de filmes de ação". Mas não havia mais espaço no cinema para os personagens sobre-humanos traduzidos nas incursões fílmicas de Stallone ou de seu amigo, Arnold Schwarzenegger. O ano seguinte a *Risco Total* trouxe *Pulp Fiction*, o mundo descobriu um novo tipo de cinema (e, por que não, de herói) e sujeitos musculosos começaram a virar peça de museu – a tampa do caixão foi *True Lies*, em que o próprio Schwarza satirizava o tipo de herói que ele e Sly imortalizaram.

Stallone ainda arriscou mais cinco vezes (*O Demolidor*, *O Especialista*, *O Juiz*, *Assassinos* e *Daylight* tiveram uma bilheteria progressivamente pior) até >>

COM ROCKY ★ ★



ROCKY III – O DESAFIO SUPREMO (1982)
OPONENTE: Clubber Lang (Mister T).
RESULTADO: derrota de Rocky e posterior vitória, em revanche.
MÚSICA-TEMA: "Eye of the Tiger".
CENA MEMORÁVEL: o risível homoerotismo de Rocky e Apollo na praia.
DE Sylvester Stallone.
O PRIMEIRO DA SÉRIE A COBRIR A CARREIRA DE ROCKY COMO CAMPEÃO.
Após manter o título vencendo oponentes fracos, Rocky vai à lona ao enfrentar o violento Clubber Lang. Com a morte de seu treinador (Burgess Meredith), Rocky é preparado por Apollo e demole seu adversário.

ROCKY IV (1985)
OPONENTE: Ivan Drago (Dolph Lundgren).
RESULTADO: vitória de Rocky.
MÚSICA-TEMA: "Burning Heart".
CENA MEMORÁVEL: o show de James Brown pré-luta entre Apollo e Drago.
DE Sylvester Stallone.
STALLONE DESTRÓI O CONCEITO DO PERSONAGEM, que passa de humilde ignorante a yuppie da era Reagan. A premissa é absurda: Rocky defende o capitalismo contra Ivan Drago, boxeador russo.

ROCKY V (1990)
OPONENTE: Tommy Gunn (Tommy Morrisson).
RESULTADO: vitória de Rocky, em briga de rua.
MÚSICA-TEMA: "The Measure of a Man".
CENA MEMORÁVEL: o alívio com o início dos créditos e o fim da sessão.
DE John G. Avildsen.
TENTATIVA DE COLOCAR O PERSONAGEM NOS TRILHOS, voltando à sua origem simplória.
Falido e sem condições de subir aos ringues, Rocky passa a treinar um lutador ingrato que, ao sagrar-se campeão, desafia-o para romper com as comparações entre mestre e pupilo.

FOTOS: FOX

Escadaria para o Céu: (1) Rocky volta a treinar em seu lugar (e de todos na Filadélfia) favorito; (2) segundos antes da luta com seu cunhado Paulie (Burt Young)

perceber que esses filmes representavam um passado que não interessava mais à platéia. Em 1997, ele tentou se reinventar como intérprete sério no ótimo drama *Cop Land*, ao lado de Robert De Niro e Harvey Keitel. Mas o mundo estava cansado de Sylvester Stallone. "Depois da Guerra do Vietnã se abriu uma oportunidade para longas mais escapistas, mesmo que filmes de ação na época, como *Operação França*, não fossem exatamente filmes de ação, e sim dramas com alguma ação", afirma. "*Rambo – Programado para Matar* talvez tenha marcado o nascimento do gênero do 'exército de um homem só'. Mas ele não existe mais, está enterrado, acabou de verdade. É impossível fazer um longa como *Rambo* para a platéia de hoje. Ela prefere *A Supremacia Bourne*, que é mais inteligente, com uma produção melhor, e eu não tenho nada além de respeito por isso."

Era nesse mundo que Stallone tentava sobreviver, à custa de projetos vergonhosos e implausíveis como o drama automobilístico *Alta Velocidade*. Após isso, seus filmes invariavelmente eram lançados diretamente para o mercado de vídeo. Ele próprio só ganhou os holofotes mais uma vez em 2003, quando Robert Rodriguez o convidou para fazer o vilão de *Pequenos Espiões 3-D*. Era a prova de que o *astro* havia sido reduzido a uma *curiosidade*, um trunfo que cineastas com o dedo no inconsciente coletivo pop – como Rodriguez ou Quentin Tarantino – resgatavam para legitimar seus trabalhos. Não que isso seja ruim, como poderiam afirmar Mickey Rourke ou David Carradine, mas para Stallone poderia significar o fim da linha. Ou, quem sabe, mais uma motivação para ressurgir em seus termos. "Todo mundo expressa suas mágoas e sua raiva de uma forma ou de outra. Alguns fazem análise, outros pintam. Muitos gostam de conversar. Rocky colocava esses sentimentos para fora, expressava-os, fisicamente. Eu não uso meus punhos. Uso uma caneta."

SLY EM SETE TEMPOS

O GARANHÃO ITALIANO – Ralando atrás de um trabalho como ator, Sylvester Stallone entra na indústria pela porta dos fundos nesta produção pornográfica que não deixa nada para a imaginação.

RAMBO – PROGRAMADO PARA MATAR – Sly transforma a angustiante readaptação dos veteranos do Vietnã aos EUA no primeiro filme de ação da era moderna – para o bem e para o mal.

FALCÃO – O CAMPEÃO DOS CAMPEÕES – O êxito de *Rambo II – A Missão* justificou o salário de 5 milhões de dólares, absurdo para 1987, que Sly recebeu para fazer este fracasso.

PARE! SENÃO MAMÃE ATIRA – Sempre que pode, Stallone aponta esta comédia bisonha como o pior filme de sua carreira. Acredite: o título do filme é uma frase que sai da boca do astro. O horror...

RISCO TOTAL – O último sucesso comercial do ator é um dos muitos clones de *Duro de Matar* dos anos 90 – este é o "Duro de Matar nas Montanhas". A direção é de um então talentoso Renny Harlin.

COPLAND – Ao lado de Robert De Niro e Harvey Keitel, Sly tenta se reinventar como ator sério, cultivando uma bela pança para o papel do xerife quase surdo que tem de enfrentar tiras corruptos.

PEQUENOS ESPIÕES 3-D – Alerta máximo! Quando um diretor como Robert Rodriguez (ou Tarantino) lhe "reserva" um papel caricato, significa que sua carreira precisa de reparos urgentes!

O MUNDO DOS NEGÓCIOS

Na mesma época em que lançava *Pequenos Espiões 3-D*, Stallone começou a escrever a volta de Rocky aos cinemas. Para ele, era também questão de honra: *Rocky V*, o adeus do personagem, lançado em 1990, foi um desastre em todos os sentidos. "Posso passar uma tarde apontando tudo o que deu errado no filme", diz o astro. "Era um momento diferente em minha vida, eu não enxerguei as coisas com clareza. Foi o filme errado na hora errada." Talvez há quatro anos também fosse o momento errado para retomar o personagem, mas o tempo e a indústria trataram de acertar o timing. "O cinema mudou radicalmente, é um outro planeta", continua Sylvester. "Agora ele é assumidamente um negócio, participei de algumas reuniões recentemente e é como uma guerra! Tudo é mapeado, tudo é planejado. Não há espaço para caprichos como 'sorte', e eu entendo isso. Só prefiro não tomar parte – deixe que eles lidem com o negócio, eu lido com o que escrevo e com minhas reações emocionais."

Enquanto o "negócio do cinema" tentava administrar como seria a volta de Rocky, Stallone amadurecia. Literalmente. Aos 60 anos, sua idade é peça fundamental na engrenagem que faz *Rocky Balboa* funcionar – "Eu não conseguiria fazer este filme quatro anos atrás, precisava atingir esse ponto", diz. A familiaridade que temos com sua *persona* cinematográfica, também: Stallone *conta* conosco para lembrar quem era Rocky e como ele estaria hoje. O mundo que ele criou para seu personagem é o nosso mundo, em que os sentimentos simples foram substituídos por sentimentos pré-fabricados. Na cena que abre o longa, o lutador está num cemitério, sentado na frente do túmulo de sua Adrian, pensando nas coisas que realizou e em outras que o tempo se encarregou de soterrar. Ele não luta mais, embora seja reconhecido como uma celebridade nostálgica, que conta histórias de glórias passadas no restaurante italiano que leva o nome da amada. Seu filho está distante, assombrado pelo peso da sombra do pai famoso. E Rocky está velho. Seu mundo está velho. E ele não consegue pensar em nada além do passado e do fim que se avizinha.

Vale-tudo!: Rocky sai no braço com Mason Dixon (o pugilista Antonio Tarver)

"O que acontece é que o boxe sofreu as mesmas mutações que o cinema", explica Stallone, traçando mais um paralelo entre o nosso mundo e o que ele criou em celulóide. "Tornou-se um grande negócio, exatamente como o cinema. Não tem mais astros definidos – eles existem, mas ninguém sabe quem é o campeão." Em *Rocky Balboa*, o campeão é Mason "The Line" Dixon (o pugilista Antonio Tarver, ex-campeão na categoria light-heavyweight, de lutadores entre 76 e 80 quilos), chamado de farsa por fãs do esporte por ganhar suas lutas sem dificuldade – reflexo mais da atual falta de perspectiva do esporte que de sua habilidade como lutador. Quando um canal esportivo transmite uma simulação em computador de uma luta entre Dixon e Balboa, e o último vence por nocaute, seu empresário enxerga a oportunidade de legitimar seu cliente contra um verdadeiro campeão. E Rocky recebe a chance, talvez a última, de expurgar seus próprios demônios.

SUBINDO OS DEGRAUS

Se *Rocky Balboa* foi a chance de Stallone fechar um ciclo com mais dignidade, não é difícil imaginar qual seria o próximo da lista. "Rambo é um pouco mais complicado, ainda precisa de muito trabalho", ad->>

mite. "Ainda estamos em negociação, eu preciso pensar onde Rambo se encaixa nos dias de hoje. Rocky consegue passar uma mensagem, mas não estou tão certo quanto a Rambo. Ainda assim é um personagem interessante, e merece sair de cena com a dignidade que lhe foi negada em *Rambo III*", brinca. Embora sem elenco fechado, o quarto *Rambo*, que está sendo trabalhado com o subtítulo *Pearl of the Cobra*, pode começar a ser rodado neste primeiro semestre – o que vai exigir ainda mais fisicamente do astro.

"O treinamento para *Balboa* foi intenso e tenho os hematomas para provar", continua. "Havia muito contato físico, o que trouxe problemas com minhas costelas e minhas mãos – sem falar que quebrei o pé. Antonio rompeu as articulações dos dedos em minha cabeça." Sly também se submeteu a um regime rigoroso para atingir o físico do personagem: "Menos os sete ovos crus, que é um truque de cinema". Esse truque, ao menos para Sylvester Stallone, agora é definitivamente coisa do passado. *Rocky Balboa* é seu adeus final ao personagem que definiu sua carreira. "Quando ele diz, 'Ei, Adrian, conseguimos', ele quer dizer, 'vivemos nossa vida'", conclui. "Quando vejo as pessoas subindo a escadaria do Museu de Arte da Filadélfia, sei que esse é seu legado, e é impressionante porque é verdadeiro! As pessoas sobem mesmo aqueles degraus." •

A VOLTA DOS QUE NÃO FORAM

Herói que é herói nunca pendura as chuteiras. Caras conhecidas de filmes dos anos 70 e 80 estão voltando das férias tiradas na década passada. Tem personagem para todos os gostos: de aventureiros sexagenários (Indiana Jones e Rambo) a detetives gaiatos (Magnum e Axel Foley), passando até por um serial killer nada heróico, como Jason. SET dá boas-vindas a esses velhos amigos.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

AXEL FOLEY – Eddie Murphy assinou contrato para reassumir, pela quarta vez, o personagem que o lançou à fama em *Um Tira da Pesada*, em 1984. Depois do fracasso da terceira aventura, em 1994, a série será retomada no ano que vem sob a produção de Lorenzo di Bonaventura (*Constantine*, *Transformers*), que substitui Jerry Bruckheimer.

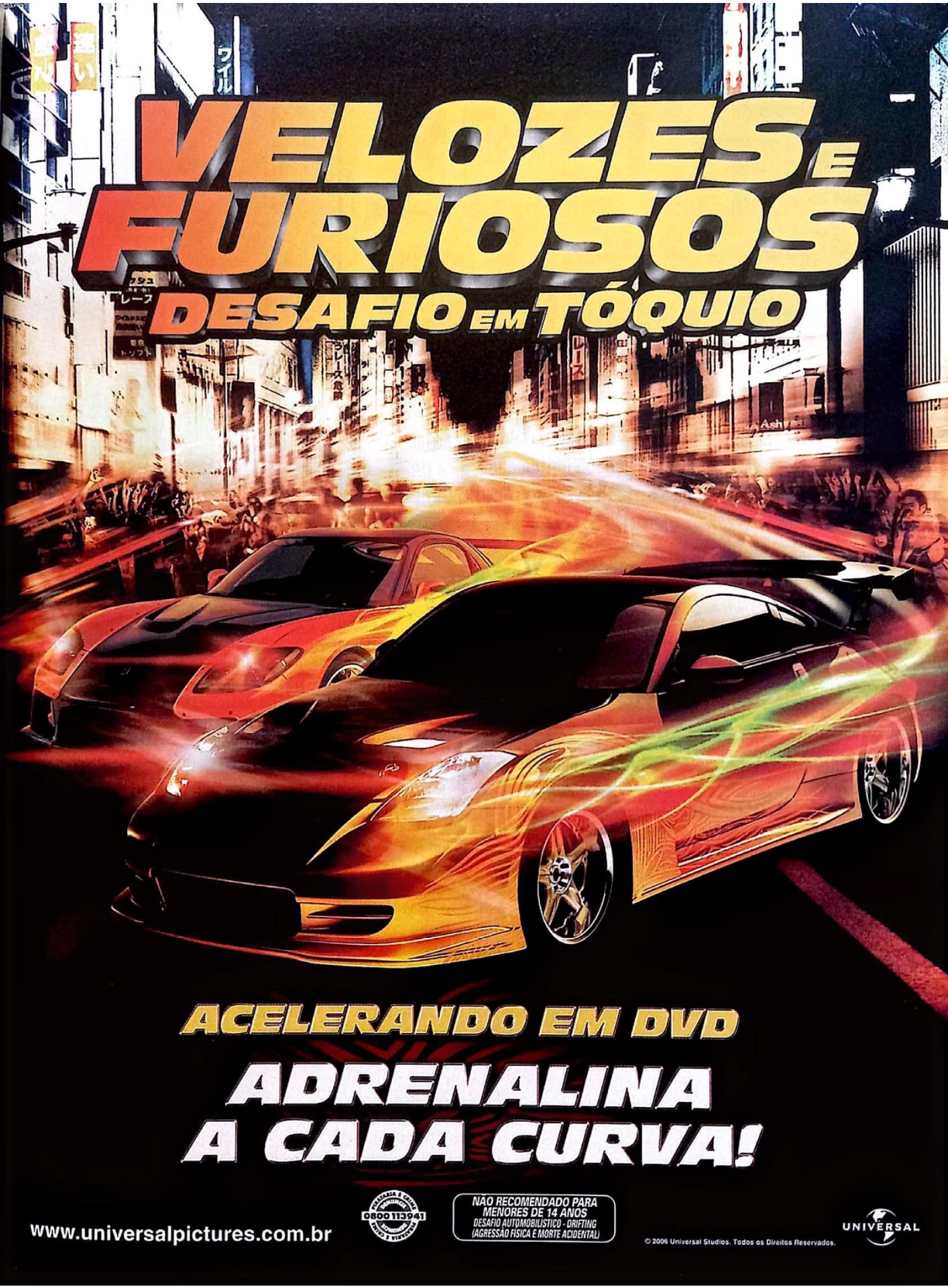
INDIANA JONES – Agora vai! Depois de anos de promessas e um entra-e-sai de roteiristas, finalmente George Lucas, Steven Spielberg e Harrison Ford aprovaram o texto de David Koepp, que será rodado a partir do meio deste ano, para lançamento em 2008.

JASON – A produtora de Michael Bay, Platinum Dunes, especialista em refilmagens do gênero horror (*A Morte Pede Carona*, *Horror em Amityville*), vai "reimaginar" o primeiro filme da série, originalmente lançado em 1980. A direção será de Jonathan Liebesman (*O Massacre da Serra Elétrica – O Começo*, outra produção da Platinum Dunes), mas a matança ainda não tem data para recomeçar.

JOHN McLANE – Ele vai provar que continua duro de matar em *Live Free or Die Hard*, quarta aventura do pioneiro dos heróis de ação vulneráveis. Desta vez, John McLane tem de deter um hacker terrorista que assume o controle de vários órgãos do governo americano. Estréia este ano.

MAGNUM – O bigode do detetive que deu fama a Tom Selleck já tem novo dono: é Matthew McConaughey, que vai estrelar a versão de cinema do seriado dos anos 80. Ainda não há data para início da produção.

RAMBO – Depois de ressuscitar Rocky, é a vez de Stallone tirar Rambo do baú do tempo. O exército-de-um-homem-só lidera um grupo de mercenários em missão de salvamento na Tailândia. Quando a tecnologia dos soldados falha, é hora de Rambo resolver tudo na base da faca e do arco-e-flecha. Ele entra em ação em 2008.


VELOZES E FURIOSOS
DESAFIO EM TÓQUIO
ACELERANDO EM DVD
ADRENALINA
A CADA CURVA!
www.universalpictures.com.br
0800 1139 41
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS
DESAFIO AUTOMOBILÍSTICO - DRIFTING
(AGRESSÃO FÍSICA E MORTE ACIDENTAL)
© 2006 Universal Studios. Todos os Direitos Reservados.
UNIVERSAL

O HOMEM TRIPLO

O diretor Richard Linklater fala sobre o pesadelo de animar *O Homem Duplo*, adaptação da ficção científica lisérgica de Philip K. Dick estrelada por Keanu Reeves, ao mesmo tempo em que prepara dois novos projetos *Por Rodrigo Salem, de Austin (Texas)*

Austin não esconde que faz parte do Texas. Seus cidadãos exibem com orgulho a bandeira do Estado, suas esquinas dividem espaços entre churrascarias que "prometem a melhor carne do país" e lojas de antiguidades da Guerra da Secessão. E não há como negar que existe aquele clima meio "faroeste" ao andar por suas colinas acinzentadas. Mas Austin não faz parte do Texas tradicional. É a cidade que abriga uma das universidades mais prestigiadas dos EUA – e, por conseqüência, jovens de todas as partes –, carrega o título de localidade com maior número de shows do país (existe uma avenida repleta de bares com música boa ao vivo em cada uma das casas) e esconde um diretor americano com alma francesa. A Detour FilmProduction, produtora do cineasta Richard Linklater, tem uma carcaça extremamente comum, do jardim malcuidado ao telhado reto e sem imaginação. Seus corredores, no entanto, demonstram a personalidade do homem que trouxe ao mundo filmes tão díspares quanto *Jovens, Loucos e Rebeldes*, *Antes do Amanhecer* e *Escola de Rock*: pôsteres de clássicos da nouvelle vague misturam-se a versões européias de cartazes dos longas de Linklater.

Quando SET entra na pequena produtora, em maio de 2005, esses detalhes cabeçóides são minimizados por cerca de quarenta computadores Apple de última geração e seus comandantes, todos vidrados nas telas como se suas vidas dependessem disso. Bem, não é uma metáfora tão distante. Há mais de um ano trabalhando em *O Homem Duplo*, novo longa do cineasta, os soldados da Detour quase viram o projeto que dá cores à história, criada por Philip K. Dick (*Blade Runner*) em 1977, ser fechado pela Warner por conta de atrasos e aumento de custos. "Foi um pesadelo. Não sabia realmente onde estava me metendo", confessa Linklater. "Eu olhava o trabalho de um animador certo dia e, duas semanas depois, voltava para conferir, mas parecia que não andava. É um processo muito lento." O processo ao qual o cineasta se refere é a rotoscopia de última geração, técnica que consiste em pegar a interpretação de um ator em live-action e passar uma cobertura de animação por cima – processo semelhante, porém mais complexo que o utilizado em *Waking Life*, produção filosófica do texano.

Apesar da experiência nesse filme anterior, Richard Linklater queria maior uniformidade nos traços, por isso cada especialista ficou responsável por grande parte da animação. Mas o software utilizado não era tão fácil de ser compreendido e muitos deles engatinharam por meses. E não ajudou o fato de o diretor estar ausente, ocupado em Los Angeles com a comédia infantil *Sujou... Chegaram os Bears*, com Billy Bob Thornton. Quando finalmente retornou a Austin, ele precisou tomar medidas drásticas, como demitir o chefe da animação, exigência do estúdio para liberar mais verba (nada extraordinário, já que o orçamento final foi de 8 milhões de dólares) e conceder mais tempo para a estréia – de setembro de 2005 para março de 2006 e, finalmente, para junho do ano passado. O time de animadores passou a trabalhar num esquema mais tradicional, com cada pessoa tomando conta de pedaços ainda menores do filme. Foi neste esquema que conhecemos a equipe, bem mais relaxada e azeitada, e conversamos com Linklater, que tinha acabado de escrever *Fast Food Nation* e se preparava novamente para deixar seus contratados de lado para dirigir a adaptação do livro-denúncia de Eric Schlosser. Três filmes de uma só vez? "É fácil. Difícil é animar", diz, com jeitão de garoto universitário com 45 anos nas costas.>>

Acho que a pergunta mais correta só pode ser essa: por que passar um ano animando algo já pronto?

Bem, o projeto exigia isso. Era a única maneira de fazer esse filme e iríamos perder muito tempo mesmo, então o que é um ano a mais (*risos*)? Na minha mente, sempre vi *O Homem Duplo* dessa forma, como uma graphic novel, diferente. A idéia do traje de embaralhamento (*usado pelo personagem de Keanu Reeves para infiltrar-se disfarçado entre junkies para descobrir a origem de uma nova droga, chamada Substância D*) está na minha cabeça desde *Waking Life* e queria fazer de um jeito inovador. É uma dessas coisas para as quais não há explicação, mas esse é o tipo de trabalho que temos se queremos fazer algo visualmente diferente.

Mas o que você não poderia fazer ao vivo que necessitava de animação?

A maneira que você lê o filme, a maneira como funciona no seu cérebro. Isso você não pode fazer em live-action. Ele afeta o espectador durante a projeção e essa era nossa preocupação, colocá-lo num lugar em que sua cabeça pareça meio confusa. Quero que faça a seguinte pergunta: "Estou olhando para a realidade?". É a fronteira do que é real ou imaginação. Não tem nada a ver com técnica, porque tudo pode ser feito do real.

Você sempre foi um fã do trabalho de Philip K. Dick?

Sim, desde os anos 80. Faço parte de uma segunda geração de adoradores, mas nunca gostei de ficção científica. Nunca o considerei um escritor de ficção científica por inteiro. Quer dizer, suas idéias sobre o futuro próximo podem cair nesse nicho, mas vejo-o como um autor de ficção científica durante o dia e novelista pulp à noite. *O Homem Duplo* sempre me tocou de forma íntima, como se eu conhecesse aquele mundo de certa forma e visto que minha vida poderia ter seguido esse caminho. Meu objetivo era contar essa história de maneira merecedora e não fazer um trabalho comercial. A maioria dos filmes baseados em K. Dick vem de seus contos. *O Homem Duplo* é apenas seu segundo livro. Então, não queria fazer como os outros, que tiravam uma idéia que achavam cool e jogavam numa estrutura típica hollywoodiana de ação.

Experiência: Downey Jr. animado com desenho

Amor secreto: Winona paquera Keanu

> "*O Homem Duplo* é um trabalho de personagens e não se encaixa facilmente em nenhum gênero"

Já que não é um longa comercial, como você conseguiu convencer as pessoas a bancar o projeto?

Yeah, ainda não sei como consegui fazer. Mentira, sei como foi. Depois de não ser capaz de vender a idéia por vários anos, resolvi escrever o roteiro de graça em 2001, e estava tendo uma reunião com Steven Soderbergh, que é uma pessoa que conheço há longa data e possuía os direitos do livro. Ele não estava pensando em filmar, nem nada. Só estava com os direitos. Tentei manter a cabeça longe do script, então Keanu queria fazer, e outros atores, Robert Downey Jr., Winona Ryder e Woody Harrelson, toparam trabalhar com o salário mínimo do sindicato. Filmamos como um filme normal em câmeras digitais de alta definição em 23 dias e passamos para os animadores.

Você acha que não é comercial por causa do tema envolvendo drogas?

Não é que não exista potencial comercial, mas é uma venda difícil. Não há ação e características típicas de um longa para as multidões. É um trabalho de personagens, não se encaixa facilmente em nenhum gênero e é mais um thriller psicológico que fode a mente (*risos*). Mas isso é o livro e tenho orgulho de contar essa história de modo autêntico. Para conseguir os direitos,

precisamos da autorização do patrimônio de K. Dick. Encontrei suas duas filhas e expliquei como gostaria de trabalhar a história e elas estavam gostando muito do que eu falava e, no final, confiaram em mim, pois a obra era importante. Uma delas falou que viveu naquela casa e que boa parte daquele livro era íntimo para o pai. Mas fiquei feliz porque elas adoraram o filme. Mostrei a versão live-action e viramos bons amigos.

Você acha que seu filme ganhará mais espaço entre fãs do que, por exemplo, *Blade Runner* e *Minority Report*?

Todas essas adaptações não eram mesmo para os fãs. Acho que nosso esforço será mais satisfatório para essas pessoas. Mas nunca sabemos. Adaptamos o livro a nossa época, mas a paranóia futurista toda está lá, todos os personagens com suas nuvens negras sobre a cabeça e a nova tecnologia. Minha idéia é que já vivemos hoje num mundo de ficção científica.

Como você diz a um estúdio que Keanu Reeves está em seu filme, mas precisará ser animado?

(*Risos*) Bem, existe uma aura cool em volta disso, mas creio que há uma suposição na indústria de que adultos não vão para o cinema assistir a uma animação. Acham que animação para adultos, como *South Park* e *Beavis and Butt-Head*, podem servir de exemplos, mas são trabalhos completamente diferentes, oriundos da TV. Não devem ser parâmetro. Então, a única maneira de conseguirmos o sinal verde foi ter esse monte de talento atuando quase por nada. Foi um tributo ter esses atores conosco.

Você conversa muito sobre esse tipo de coisa com Robert Rodriguez, que também mora aqui em Austin?

Sim, nos encontramos sempre. Mas Robert tem orçamentos maiores (*risos*). Com 40, 50 milhões... então é diferente.

Você acha que o sucesso de *Sin City*, que é um filme que transporta uma graphic novel para os cinemas, ajuda seu projeto?

Espero que sim. *Sin City* é fantástico e há uma platéia lá fora que pode apreciar não somente a violência, mas esse tipo de projeto, novo visualmente. Contudo, nosso estilo não é uma trucagem, e sim um estilo. Acho que, no final, tudo tem a ver com os personagens. Se você não comprar a história ou não se conectar com os personagens, o longa não funcionará, independentemente da técnica.

Keanu e Woody: os novos Bill e Ted?

Vacilo com a polícia: o lado negro das drogas

Você filmou *Sujou... Chegaram os Bears* ao mesmo tempo em que os animadores trabalhavam em *O Homem Duplo*. E ainda escreveu o roteiro de *Fast Food Nation*. Como consegue controlar tudo isso?

Hmmm... Depois de aprovar os designs dos personagens, eu só precisava ver o trabalho dos animadores por cima, para aprovar o resultado e manter a uniformidade. Isso me deixava com sentimento do culpa, mas não sou aquele sujeito que está desenhando 100 frames por semana. É algo tedioso e só olho por cima dos ombros e digo: "Ei, está legal". Isso me deixa numa posição em que posso sair por um tempo para brincar com outros projetos. E, para mim, é muito mais saudável trabalhar dessa forma, porque eu ficaria louco com a velocidade de tartaruga de uma animação (*risos*).

Uma curiosidade que tenho: era preciso ter prévia experiência com drogas para participar desse filme?

(*Risos*) Acho que não, mas foi interessante (*pausa*). As pessoas têm experiências que vão a público como é o caso de Robert, mas ele é um dos poucos atores aí fora que poderiam interpretar esse personagem de forma inteligente e rápida. Seria o tipo de projeto que ele diria "de jeito nenhum" ou se jogaria de cabeça, porque ele tem as próprias experiências. Ele trouxe muito para o filme. É um cara incrível. Woody é um cara das ervas (*risos*). O filme mostra muito do lado divertido das drogas, mas também toca no ponto da paranóia. Woody demonstra um pouco da diversão, mas não é um universo incrível esse mundo de *O Homem Duplo*. Se você vive o bastante depois dessas experiências, sabe o preço que as drogas exigem. Nossa, que discurso (*risos*).•

EVOLUÇÃ
HERÓIC

Lost? Coisa do passado. A série *Heroes* estréia no Brasil querendo repetir o fenômeno que tomou conta da TV americana

Por André Gordirro

UNIVERSAL CHANNEL

"Mutação é a chave de nossa evolução. O processo é lento e normalmente leva milhares e milhares de anos. Mas a cada cem milênios, a evolução dá um pulo adiante." Essa é parte da narrativa de abertura de *X-Men*, dita pelo geneticista professor Xavier. Mas caberia como uma luva no início de cada episódio de *Heroes*. A série, que desde sua estréia em novembro do ano passado nos EUA atrai uma média de 14 milhões de espectadores por episódio, parte do mesmo princípio da saga dos mutantes da Marvel: a humanidade deu um pulo evolutivo e gerou seres dotados de superpoderes. O que um determinado grupo dessas pessoas – entre elas uma stripper, um político e um nerd – vai fazer com suas habilidades diante de uma catástrofe é o motor que conduz a trama. Saudada lá fora como a melhor estréia da temporada 2006 da TV americana, *Heroes* chega ao Brasil em 2 de março, pelo Universal Channel, que continuará exibindo o programa todas as sextas, e também foi adquirida pela Rede Record, que ainda não fixou a data de exibição em sinal aberto.

A série foi concebida por Tim Kring, criador de seriados médicos como *L.A. Doctors* e *Crossing Jordan*. Mesmo com sua clara inspiração nas histórias em quadrinhos – há até um gibi online com os personagens da série, desenhado por Tim Sale (*Batman – O Longo Dia das Bruxas*) –, ele apressa-se em desvincular *Heroes* dos gêneros ficção científica e HQs. "Não é uma série de gibi. É baseado na realidade", explica o autor em entrevista exclusiva a SET. "Os personagens estão lidando com essas habilidades especiais e como elas impactam suas vidas e guiam seu destino. Os elementos de história em quadrinhos são apenas a cereja em cima da sobremesa. Nós nos apoiamos neles, mas, na verdade, *Heroes* é um drama focado nos personagens." Apesar da insistência de seu criador em negar que a aventura não é um gibi filmado, a série incorpora elementos das HQs como a narrativa em arcos episódicos e enquadramentos que flertam com a linguagem da arte seqüencial. Kring, que afirma não ler quadrinhos de super-heróis para não se influenciar, conta com um autor de gibis em seu quadro de colaboradores: Jeph Loeb (*Batman – O Longo Dia das Bruxas, Superman/Batman*), que já roteirizou episódios de *Lost* e *Smallville*. Outro envolvido com *Lost*, seu co-criador Damon Lindelof, escreve para a Marvel e deu sugestões ao amigo Kring de como abordar os personagens.

NA CONTRAMÃO DE *LOST*

O programa acompanha um grupo de dez pessoas, nove delas superpoderosas: a líder de torcida Claire (fator de cura); o político Nathan (voador) e seu irmão enfermeiro Peter (capaz de copiar poderes de outros); a stripper Niki (dupla personalidade e superforça), seu filho Micah (não vamos revelar para não estragar a surpresa) e o marido DL (intangibilidade); o pintor Isaac (precognição por meio de quadros); o policial Matt (telepata); e, por fim, o nerd Hiro Nakamura (deslocamento espaço-temporal). O décimo personagem, o geneticista indiano Mohinder, não tem nenhum poder (até agora), mas persevera em dar continuidade aos estudos de seu pai, que lançou um livro polêmico prevendo esse salto evolutivo da humanidade. "Queríamos uma pessoa normal que encarasse essa história como qualquer um de nós faria e me ajudasse a conduzir a trama", justifica Kring.

Com tanta gente em cena, a série adota uma postura narrativa diferente de outras que também têm um enorme elenco de personagens, como *Lost*. Em vez de centrar episódios em um protagonista específico, com faz a criação de J.J. Abrams, *Heroes* dá espaço para quase todos eles, sempre deixando algum gancho no ar. Há, obviamente, aqueles com maior popularidade, como Hiro, vivido por Masi Oka (um ex-especialista em efeitos especiais da Industrial Light & Magic), o único a receber com entusiasmo juvenil o fato de ter>>

superpoderes, e a bela Niki, interpretada por Ali Larter, que caiu nas graças do público masculino – por razões óbvias. Perguntada se o poder de Niki é ser uma tremenda gata, a atriz sorri sem jeito. "Meu alter ego usa o que está à disposição para conseguir o que quer. Ela é provocante, e uma das partes divertidas desse trabalho é me manter em forma para o papel", confessa Ali Larter, que no cinema apareceu em *Premonição*, *O Império do Besteirol Contra-Ataca* e será vista em *Resident Evil: Extinção*.

De acordo com Tim Kring, cada um dos heróis obteve poderes relacionados às suas personalidades ou aspirações. Niki, por exemplo, é a mãe que cuida sozinha do filho e tem de ganhar a vida como stripper via Internet – logo, já que precisa estar em dois lugares diferentes com atitudes distintas, ela recebeu dupla identidade, incorporando a irmã morta. A estudante colegial Claire (Hayden Panettiere), que sobrevive a danos físicos e parece imortal/indestrutível, "reflete o arquétipo adolescente de se considerar invulnerável", nas palavras do criador do programa.

FOTOS: UNIVERSAL CHANNEL

Heroínas: seus poderes são as saias

VILÕES

A serie não teria sentido em se chamar *Heroes* se, afinal, seus personagens não fizessem algo de heróico com seus poderes. O primeiro arco da temporada de estréia, "Salve a Líder de Torcida, Salve o Mundo", gira em torno de uma profecia feita pelo pintor Isaac, que previu uma explosão atômica em Nova York. A catástrofe é testemunhada, no futuro, por Hiro, que sai do Japão no presente para encontrar o artista e tentar evitar a destruição. Correndo por fora, há a misteriosa figura de Sylar, assassino serial de superseres. Um – ou até mesmo os dois – desses problemas podem ser solucionados caso a morte de uma cheerleader (Claire, quem sabe?) seja evitada. O bordão "salve a líder de torcida, salve o mundo", dito por Hiro como um alerta vindo do futuro, virou a citação do ano nos EUA, fazendo lembrar os tempos de "a verdade está lá fora", de *Arquivo X*. O autor da frase, o descendente de japonês

HIRO NAKAMURA *Masi Oka*

IDENTIDADE SECRETA: **O grande astro da série é um simpático japonês, fanzão de HQs e que não fala uma palavra em inglês. Engravatado entediado com o trabalho em Tóquio, descobre os poderes ao parar os ponteiros de um relógio.**

OS PODERES: **Controle do espaço-tempo. Ele pode viajar por eras e lugares instantaneamente.**

PODERIA SER: **Dr. Manhattan, de *Watchmen*, físico que pode moldar a realidade.**

PETER PETRELLI *Milo Ventimiglia*

IDENTIDADE SECRETA: Enfermeiro perturbado por pesadelos de grandiosidade, Peter é a chave para a união de todos os "especiais" em busca de um bem comum.

OS PODERES: Apesar de os episódios iniciais sugerirem a capacidade de voar, descobrimos que ele, na verdade, reproduz os poderes do mais próximo.

PODERIA SER: Uma versão mais light de Vampira, dos X-Men.

NATHAN PETRELLI *Adrian Pasdar*

IDENTIDADE SECRETA: Irmão de Peter, Nathan mostra-se cético em relação aos devaneios do parente, mas revela ser o verdadeiro "mutante" da família – algo que tenta esconder de todos.

OS PODERES: Vôo. Apesar de não ter sido explorado inteiramente, o candidato a senador pode atingir grande velocidade no ar.

PODERIA SER: Superman. Quem sabe os outros poderes estão latentes.

IDENTIDADE SECRETA: Mãe de um guri inteligente, mas sem grana desde que o marido foi preso, Niki talvez seja a personagem mais forte da série. Fazendo strip pela Internet, a moça gera corpos trucidados por onde passa.

OS PODERES: Mesmo não se lembrando de nada depois, ela vira uma espécie de monstro (sem a aparência hedionda) com superforça.

PODERIA SER: O incrível Hulk em versão feminina, menos inteligente e mais gostosa.

NIKI SANDERS

Masi Oka, foi mais além: tornou-se uma das personalidades cool do ano da revista *Entertainment Weekly* e foi o primeiro do elenco chamado para apresentar o Globo de Ouro.

Como um bom gibi, há muitos mistérios e missões urgentes para os heróis resolverem em *Heroes*. Mas isso não quer dizer que os personagens irão vestir colantes coloridos e se unir em um supergrupo como nas revistinhas da Marvel e DC. "Não há sentido em transformá-los na Liga da Justiça", revela Tim Kring, que, ainda assim, confirma que, ao fim da temporada, os protagonistas devem se juntar para dar desfecho aos problemas propostos pelo roteiro. Com o final da primeira metade da temporada de *Heroes* nos EUA, seu criador já está de olho nos acontecimentos para a próxima etapa da série, quando enfrentará a concorrência de Jack Bauer e seu *24 Horas*. Em seu blog no site oficial da emissora NBC, Tim Kring afirma ter uma idéia geral sobre os próximos cinco anos de *Heroes*. Por enquanto, ele somente revela que, como em uma boa revista de super-heróis, os personagens terão mais um grande evento a evitar e muita gente para salvar na segunda temporada. Para o alto e avante! •

INFLUÊNCIAS

O conceito de *Heroes* pode parecer novo e revolucionário, mas apenas para o grande público. Quem vive de uma boa dieta de quadrinhos conhece a abordagem de "super-heróis realistas" há anos. Na década de 80, Alan Moore sacudiu o coreto do gênero com *Watchmen*, que, apesar de contar com pessoas em uniformes, foi a fundo na personalidade adulta de seus personagens, revelando traços de psicopatia, insegurança, vaidade e megalomania nos ditos heróis. De figuras unidimensionais, eles ganharam traços de gente como a gente – no que isso tem de bom e ruim.

***Heroes* também lembra muito a série *Wild Cards* (1987-1993), composta por romances escritos por vários autores de ficção científica que repensaram as convenções do gênero segundo um viés realista. Após a liberação de um vírus letal, 1 por cento da população de Nova York ganha superpoderes, enquanto grande parte morre ou desenvolve deformações horrendas. Por fim, a criação de Tim Kring é bastante similar ao gibi *Rising Stars: Estrelas Ascendentes*, de J. Michael Straczynski (*Babylon 5*, *Homem-Aranha*), em que um estranho evento dá poderes a 113 pessoas de uma cidadezinha. Em entrevista à imprensa americana, Straczynski, que pretendia tornar sua criação um filme ou série, teme que *Rising Stars* sofra com a comparação com *Heroes*, que veio depois.**

D.L. HAWKINS *Leonard Roberts*

IDENTIDADE SECRETA: O maridão foragido de Niki foi preso, segundo ele, depois que armaram uma cilada. Aparece somente após vários episódios e não deve ser confundido com o vilão apaga-mentes, batizado o Haitiano.
OS PODERES: Intangibilidade. Ele pode atravessar objetos sólidos como um fantasma.
PODERIA SER: Kitty Pride, a Lince Negra, dos X-Men.

CLAIRE BENNET *Hayden Panettiere*

IDENTIDADE SECRETA: À primeira vista, Claire é apenas mais uma estudante secundarista com a ambição de virar líder de torcida, mas a sua salvação pode significar a salvação da Terra.
OS PODERES: Fator de cura. Ela tenta se matar duas vezes, feriu-se outras tantas, e seu corpo volta ao normal em minutos.
PODERIA SER: A versão teen e menina de Wolverine.

MATT PARKMAN *Greg Grunberg*

IDENTIDADE SECRETA: O policial Matt Parkman tenta uma promoção há anos. Sem sucesso, sente sua vida vazia e reflete isso na relação com a esposa. Ao descobrir sua especialidade, ganha confiança e um cargo no FBI para caçar Sylar, o assassino de heróis.
PODERES: Telepatia. Consegue ler pensamentos, mas não sabe controlar ainda.
PODERIA SER: Jean Grey, de *X-Men*.

IDENTIDADE SECRETA: Pintor maldito de Nova York, perde a namorada (e agente) para Peter Petrelli. Isaac é viciado em heroína e só consegue pintar sob efeito das drogas.
OS PODERES: Seus quadros seriam representações verdadeiras de um possível futuro. Ele pinta a destruição de Nova York.
PODERIA SER: Mesmo não usando a pintura, a vilã Sina, da Marvel, prevê o futuro até em tempo de modificá-lo.

ISAAC MENDEZ *Santiago Cabrer*

AS PERIPÉCIAS DE UM REPÓRTER DO CAZAQUISTÃO EM UM PASSEIO PELA GLÓRIA NAÇÃO AMERICANA E SUAS MUITAS FACETAS CULTURAIS

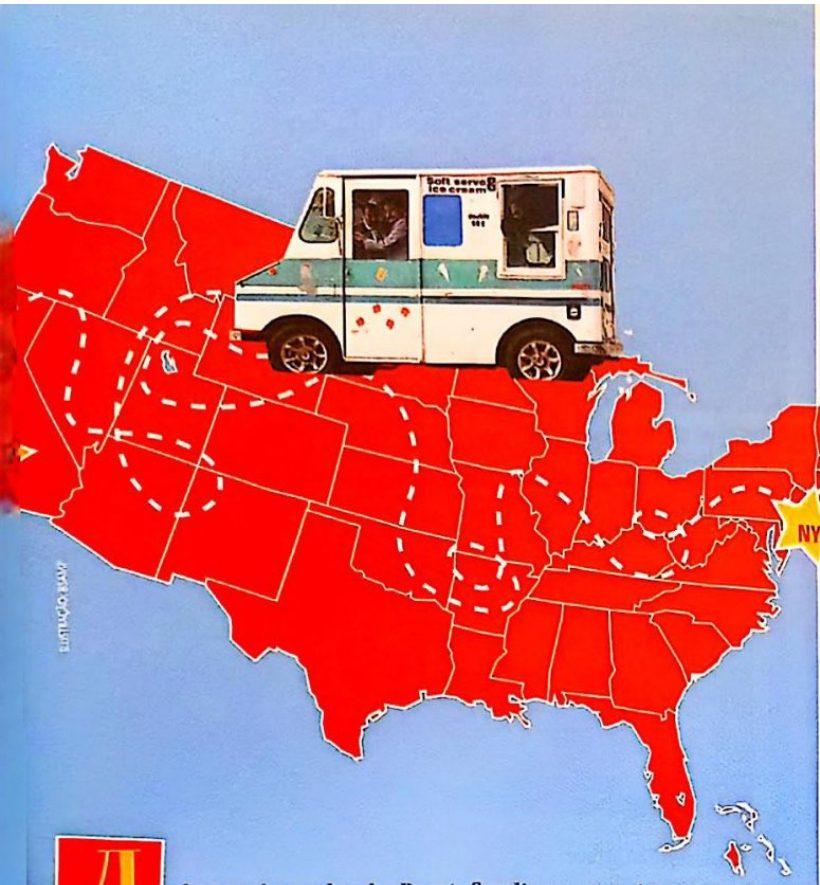
Borat mostra o lado negro da América numa comédia que choca, inova e, acredite, faz pensar

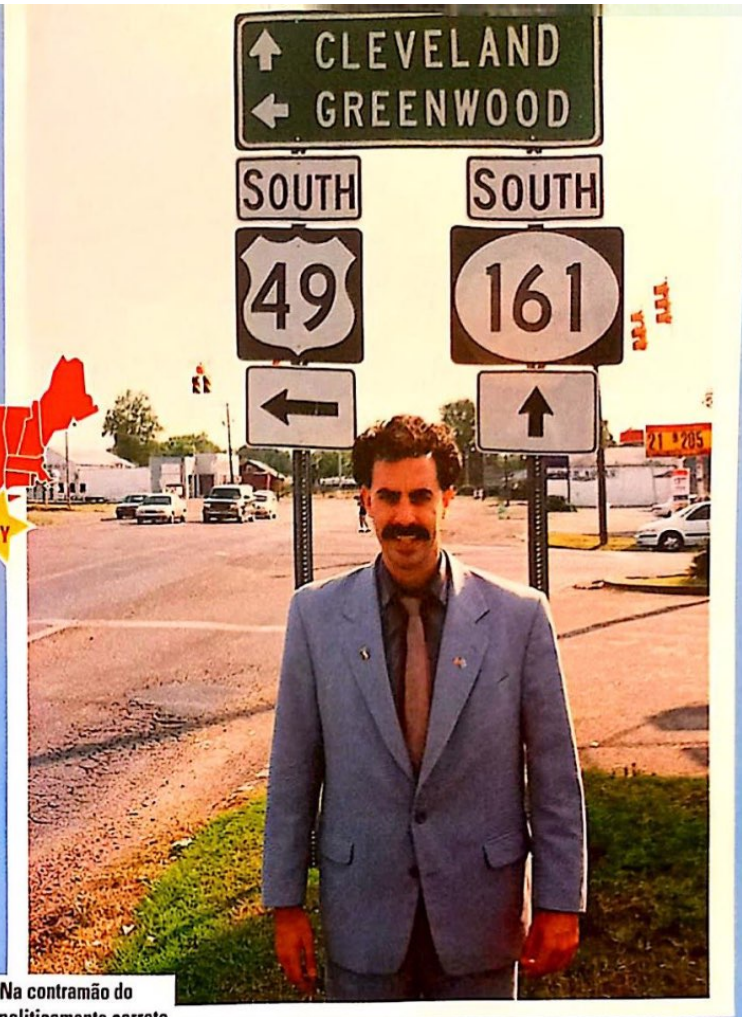
por Ricardo Matsumoto/ Entrevista por Erin Free

PEQUENO DICIONÁRIO CAZAQUISTANÊS

A língua falada por Borat no filme é uma mistura de polonês e hebreu. Aqui vai um pequeno guia das principais expressões usadas por ele.

Dzienjuje (Chenquieh) – Obrigado





Na contramão do politicamente correto

A longa jornada de Borat Sagdiyev para tornar-se o segundo melhor repórter televisivo e a quarta pessoa mais famosa do Cazaquistão foi sofrida. Nascido no pequeno povoado de Kuçzek, filho de Asimbala Sagdiyev e Boltok, o Estuprador – que por acaso é também seu avô materno –, Sagdiyev cursou a Universidade de Astana, onde estudou inglês, jornalismo e especializou-se em rogar pragas. "Eu criar três novas pragas: uma foi espalhada no Uzbequistão e matou 2 milhões de bodes! Eu ser jornalista, mas antes foi fazedor de gelo e caçador de ciganos. Antes, eu extraía (manualmente) espermatozóides de animais. Era o melhor em Almaty!", diz durante uma entrevista em um inglês precário. Sua primeira esposa Oksana, que era sua meia-irmã, morreu atacada por um urso enquanto passeava com seu cunhado Bilo, que sofre de "retardamento mental". O orgulho da família é a irmã Natalya, a quarta melhor prostituta de todo o país. Ele tem três filhos: Bilak, Biram e Hooeylewis, seu favorito, além de dezessete netos.

Ao lado do produtor Azamat Bagatov, Borat foi enviado para os Estados Unidos para filmar um documentário e levar ensinamentos ocidentais para seu povo. "Aprendi muitas coisas com os Estados Unidos e a América. Nosso sistema político é como o dos americanos, a diferença é que vence a eleição não o homem que tem mais votos, mas o homem que consegue carregar mais longe uma mulher contra a vontade dela. Nosso líder atual conseguiu carregar a mulher 9,3 quilômetros! Outra grande diferença é que nos Estados Unidos e na América a mulher pode votar, mas cavalo não pode! Que loucura!" Antes mesmo de o filme estrear em território americano, Borat foi atacado por seu próprio governo. "As notícias que diz que Cazaquistão está zangado comigo, na verdade, é propaganda plantada pelos babacas do Uzbequistão", explica. Aproveitou para fazer uma ameaça a seus vizinhos: "Se a propaganda do Uzbequistão continuar dizendo que nós não bebemos urina de cavalo fermentada, não damos pena de morte a quem limpa ânus com a bandeira do Cazaquistão ou não exportamos mais de 300 toneladas de pêlos pubianos por ano, não teremos escolha, vamos começar a bombardeá-los com nossas catapultas", finalizou.

FALANDO SÉRIO... OU NÃO

Borat, enfim, conquistou o mundo. Lançado nos Estados Unidos, Inglaterra e outros países em novembro do ano passado, o pseudodocumentário faturou mais de 240 milhões de dólares nas bilheterias do planeta e transformou o bigodudo repórter anti-semita em ídolo. O único detalhe é que Borat nunca existiu de verdade. Criação do comediante inglês Sacha Baron Cohen, o personagem surgiu no final dos anos 90 na televisão como coadjuvante no *Da Ali G Show*. Dividia espaço com o astro principal, Ali G – jovem inglês que posa de rapper – e Bruno, repórter austríaco que só revela apresentar um programa gay no final das entrevistas . Este último, por sinal, deve ser a estrela da próxima incursão de Baron Cohen nos cinemas. Para divulgar *Borat*, o britânico (vencedor do Globo de Ouro de melhor ator cômico) imergiu em sua criatura, negando-se a dar entrevistas como Sacha, a não ser para a revista musical *Rolling Stone*. Claro, a estratégia servia para driblar possíveis processos por causa de seus comentários anti-semitas, que o impediram de estrelar a capa da prestigiada

Jagshemash – Como vai você?

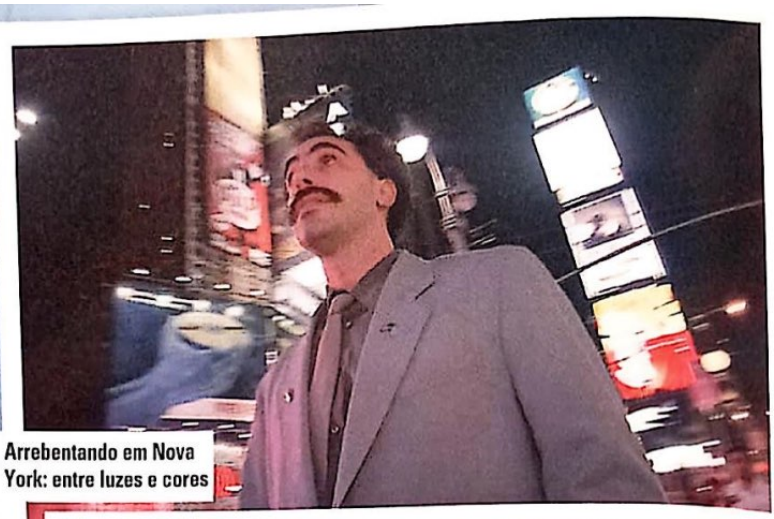
Khram – Genitália masculina

Vazhïn – Vagina

Wa wa wee wa – Expressão que equivale ao "uau", inventado por um comediante israelense

FOTOS: FOX

Início da jornada: festa de despedida



Arrebentando em Nova York: entre luzes e cores

Aulas de etiqueta: licença para ir ao banheiro

Piquenique no parque: cena para o DVD

Vanity Fair. O editor Graydon Carter não teria entendido a piada: Sacha Baron Cohen é judeu ortodoxo. A publicação veio com um murcho George Clooney no lugar.

FARSA REVOLUCIONÁRIA

O filme *Borat: o Segundo Melhor Repórter do Glorioso País Cazaquistão Viaja à América* nada mais é do que uma reedição em longa de seus quadros televisivos de *Da Ali G*. Sem revelar a farsa, Cohen apresenta-se como um legítimo repórter estrangeiro para suas vítimas, que, acreditando estarem posando para um programa só veiculado na Europa oriental, despem-se da couraça politicamente correta e revelam suas naturezas – algumas radicais, outras preconceituosas, mas nunca dentro dos padrões de "conduta" aceitáveis na sociedade americana. Seja fazendo comentários machistas para um grupo de feministas fervorosas, seja tendo aulas de etiqueta para ser educado durante um jantar da alta sociedade, Borat esfrega na cara dos "educados" os limites do padrão de bondade, como no tal jantar, onde se aceita carregar um saco contendo os excrementos do estrangeiro, mas não uma prostituta negra. A equipe conseguia a autorização para o uso da imagem (que, claro, quase ninguém se dava ao luxo de ler), fechava as locações de forma discreta e fazia surgir uma magia cômica tão inovadora que faria todo o Monty Python gargalhar de inveja.

Para deixar a história amarrada, foi incluída uma trama paralela, na qual Borat se apaixona pela imagem de Pamela Anderson na série *Baywatch* e decide cruzar os Estados Unidos até chegar a Hollywood para conhecer sua futura esposa. No entanto, o tesouro da produção está no meio do caminho, colocando Borat em rodeios bancados por reacionários que urram ao ouvir que o sujeito apóia a "Guerra do Terror do premier George Bush" e quase perdem o queixo ao ouvir a versão deturpada do hino americano. O grande momento, contudo, não pode ser descrito em palavras. Como o próprio Baron Cohen ressaltou, ao receber o Globo de Ouro, é "bom ganhar algum prêmio (*por essa cena*)."

O governo do Cazaquistão, apreensivo com a repercussão do filme, chegou a pagar a publicação de quatro páginas de anúncio no *New York Times* (custo total: 400 mil dólares), ressaltando as belezas do país, pouco antes do lançamento. Destaques da propaganda? Pelo visto, o Cazaquistão é "o país com a maior população de lobos do mundo" e tem "o melhor sanduíche de pastrami da região". A preocupação do presidente Nursultan Nazarbayev, que até falou da obra em seu encontro com Bush, só serviu para aumentar a expectativa em volta da comédia. "Dou todo o apoio a meu governo para processar esse judeu imundo", respondeu Borat. Obviamente, isso não o salvou da avalanche de processos que a Fox está recebendo diariamente de todos os entrevistados inconformados com a bilheteria milionária do falso documentário e da exposição ao ridículo. Os universitários que dão "conselhos" ao estrangeiro se dizem enganados. A vila romena que serve de dublê para a capital do Cazaquistão quer um pedaço da grana. "Queria agradecer aos poucos americanos que não me processaram", brincou o comediante, em rara aparição como Sacha Baron Cohen, ainda na festa da Associação de Imprensa Estrangeira em Hollywood. Está aí um filme que ainda vai render boas piadas por um longo tempo. Enquanto isso, veja algumas que não estão no filme na página ao lado.

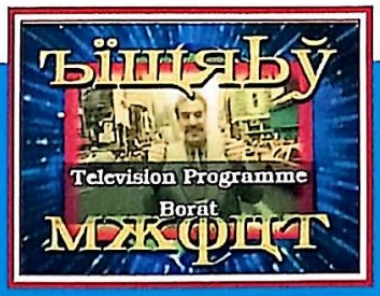
TERMOS SEXUAIS DO BORAT

Sexy time – Relação sexual

Make a romance inside her – Penetração

Liquid explosion – Ejaculação

MOMENTOS ANTOLÓGICOS



O personagem Borat teve inúmeros momentos antológicos no programa de TV *Da Ali G*. SET seleciona alguns deles, da primeira vez em que o jornalista de mentira viajou para os Estados Unidos

"JUDEUS VÃO PARA O INFERNO"

Borat acompanha o trabalho do candidato democrata James Broadwater, durante sua campanha para uma vaga no Congresso, e essa é uma das pérolas que ele dispara durante a entrevista.

CAÇA DE ANIMAIS

Em um rancho no Texas onde se pratica a caça a animais, Borat pergunta ao proprietário Gene Gordon se não poderia caçar veados e depois judeus. "Aqui não é permitido. Por mim, não haveria problema", responde a última.

DEGUSTAÇÃO DE VINHO

"É como o vinho do Cazaquistão, mas não é feito de urina fermentada", detona Borat antes de uma divertida conversa com dois simpáticos especialistas na bebida, que não se incomodam de ver fotos eróticas do visitante.

REGRAS PARA NAMORO

A conselheira amorosa Sharlene Talbott fica horrorizada ao ouvir a pergunta de Borat, que busca dicas para iniciar um namoro. "Qual tamanho de presente eu tenho de dar para poder entrar nela?".

"JOGUE O JUDEU NO POÇO..."

"... para que meu país possa ser livre." A letra da música country cantada por Borat em um bar de Nashville, no Tennessee, não deixa os freqüentadores chocados. Pelo contrário, eles cantam junto e aplaudem. Um clássico.

HOBBIES AMERICANOS

Em uma academia em Miami Beach, o personal trainer David Allen não se importa com a incapacidade de Borat em se adaptar aos aparelhos, nem ao menos quando o jornalista de mentira encosta em suas partes íntimas.

ENTREVISTA DE EMPREGO

Durante uma reportagem sobre empregos, Borat conversa com o conselheiro Al Miller e fala de suas experiências anteriores como fabricante de gelo, caçador de ciganos e também fazer animais terem "explosão de líquido".

AULAS DE ETIQUETA

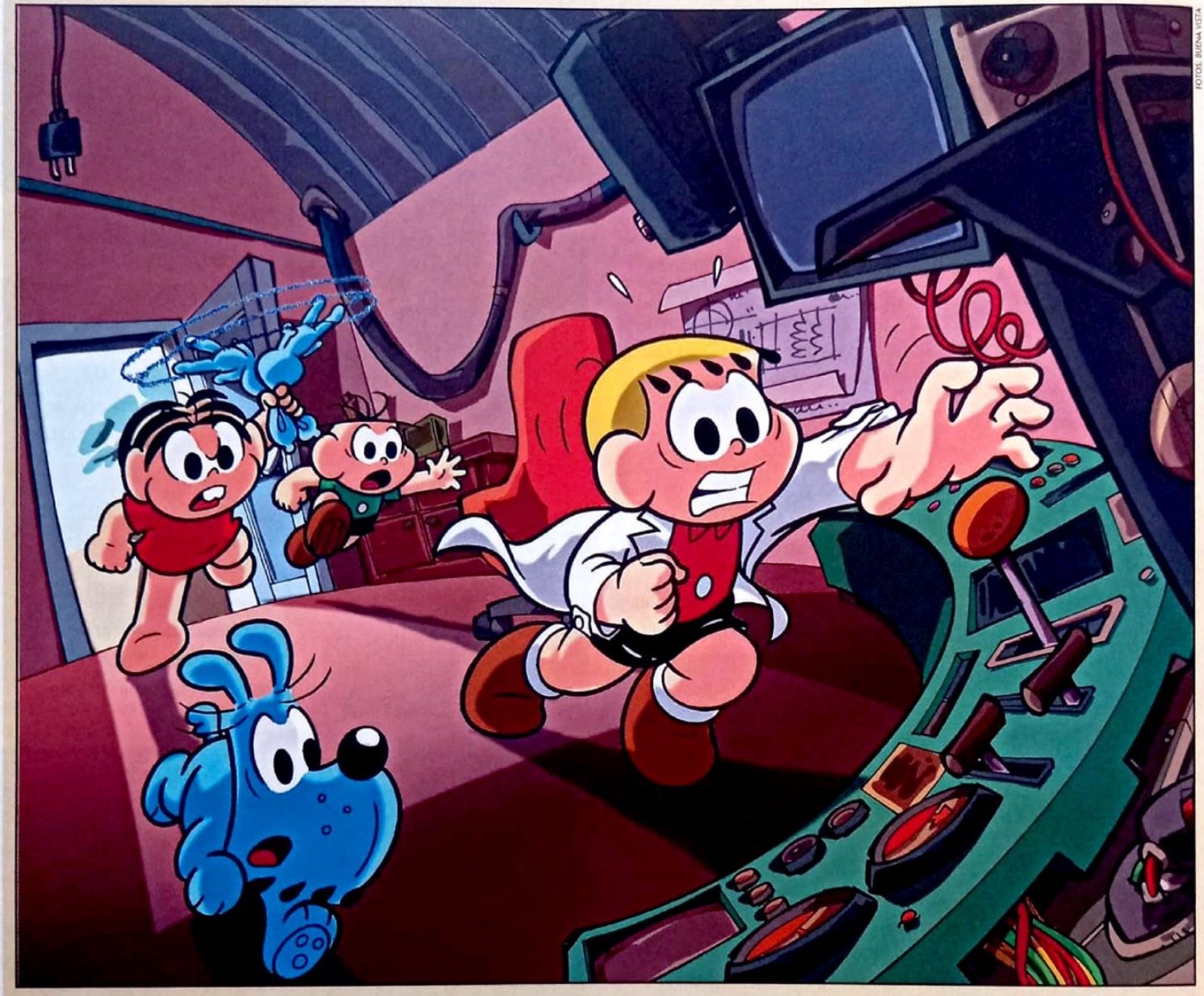
Durante as aulas de etiqueta, Borat recebe conselhos para falar de coisas agradáveis, como de sua família. "Minha irmã é prostituta, se ela vir para os Estados Unidos pode ficar com vocês?", pergunta sob olhares incrédulos.

"EVERYBODY DANCE NOW"

Borat mostra ao instrutor de ioga David Ramsden os passos de dança da famosa música do grupo C&C Music Factory. Depois de colocar roupas mais confortáveis, demonstra que é impossível relaxar.

VETERANO DE GUERRA

Borat conversa com um veterano de guerra, perguntando se os gays são antipatriotas e por que ninguém os obriga a mudar de idéia. "Acredite se quiser, eles têm os mesmos direitos que qualquer um de nós."



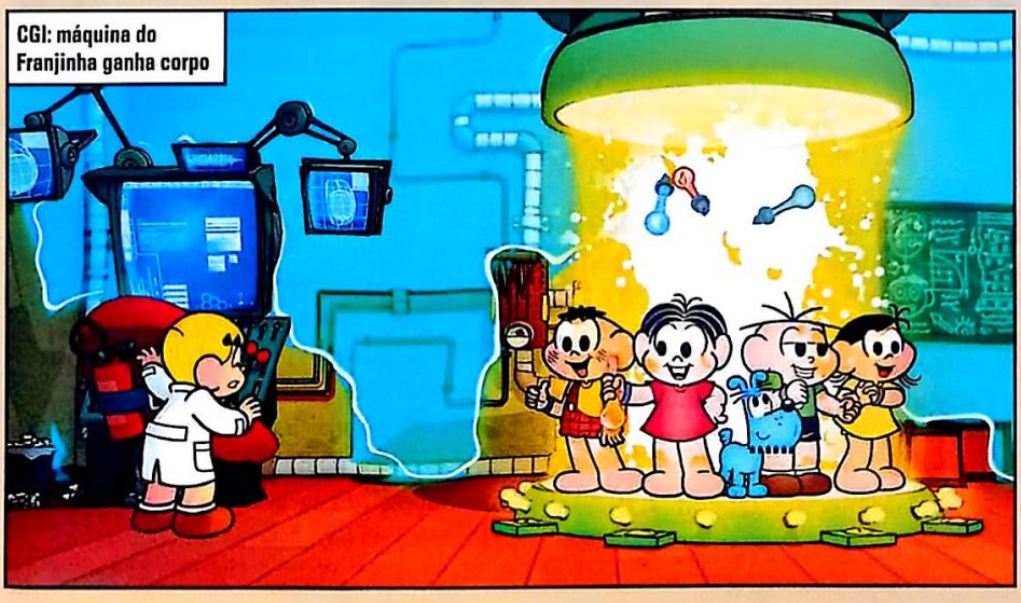
FOTOS: BUENA VISTA

UM PLANO INFALÍVEL?

A Turma da Mônica chega aos cinemas com um longa que mistura animação tradicional com cenários em 3D. Será o bastante para *Uma Aventura no Tempo* quebrar a maldição das bilheterias? *Por André Gordirro*

Entra crise, sai crise do mercado editorial de quadrinhos no Brasil, mas uma coisa permanece certa: o sólido desempenho dos gibis da Turma da Mônica, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos mensalmente. Já nos cinemas, a coisa é diferente. Os personagens de Maurício de Souza nunca corresponderam ao seu potencial como animação na tela grande. Dos nove longas-metragens lançados até hoje, somente *A Princesa e o Robô*, do distante ano de 1983, foi sucesso. Será que a nova incursão no cinema, *Turma da Mônica – Uma Aventura no Tempo*, vai quebrar essa escrita? Seu criador, considerado o "Walt Disney brasileiro", aposta que sim. Maurício afirma ter descoberto o porquê do fracasso das tentativas anteriores. "Faltaram parcerias adequadas. Não dá mais para ser cavaleiro errante e tentar fazer tudo sozinho. Era frustrante", desabafa o pai de Mônica, Cebolinha e Cascão. "Cansei de lutar contra os moinhos de vento da animação no Brasil. Tive de buscar parceiros, inclusive no plano internacional." Por parcerias adequadas, entenda-se a entrada do produtor Diler Trindade (filmes do Didi e Xuxa), da Globo Filmes, do estúdio de animação Labo Cine e da distribuidora Miravista, braço latino da Disney. Essa nova empreitada e a troca de editoras no mundo dos gibis marcam a nova fase da turminha.

Como adianta o título, *Uma Aventura no Tempo* faz a Turma da Mônica passear pelo passado e futuro da humanidade. Franjinha reúne os quatro elementos – fogo, água, terra e ar – para controlar o tempo em uma máquina inventada por ele, o gênio da molecada. A engenhoca é quebrada quando Cebolinha e Cascão fogem da Mônica e vão parar em seu laboratório. Os quatro elementos se perdem e é preciso que os três personagens, mais a inseparável Magali, viajem para diferentes épocas para recuperá-los. A trama provoca o encontro inédito de diversos personagens de Maurício de Souza, com o Astronauta e Cebolinha, no futuro; e Mônica e Piteco, na pré-história.



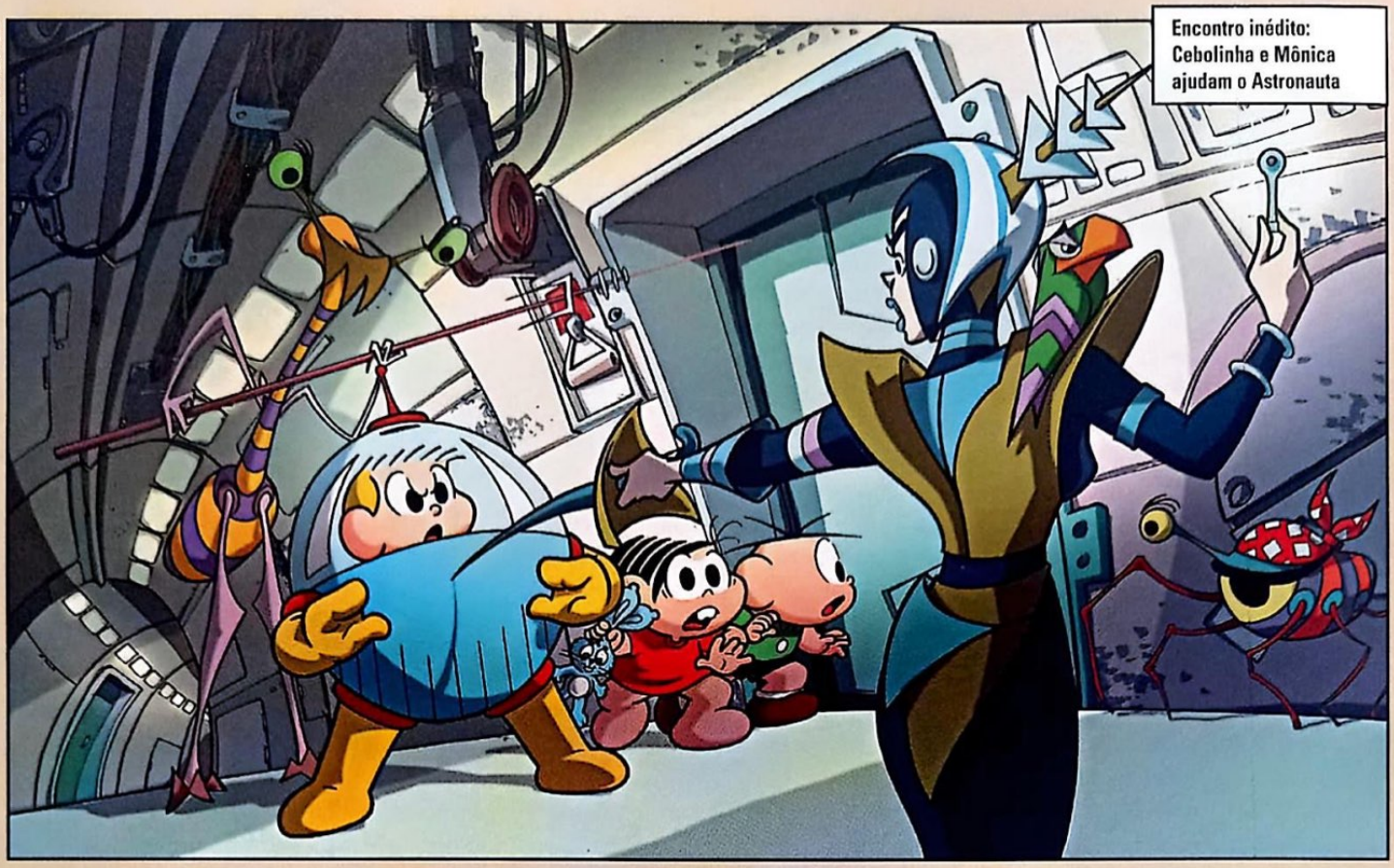
CGI: máquina do Franjinha ganha corpo

NOVA TECNOLOGIA

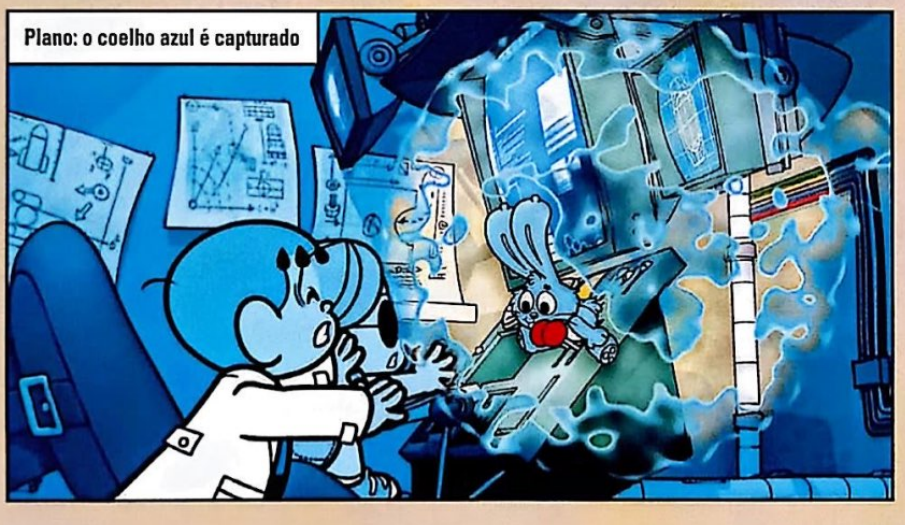
SET visitou com exclusividade os estúdios do Labo Cine, no bairro sambista de Vila Isabel (Rio de Janeiro), para conferir trechos de *Uma Aventura no Tempo*. A animação mistura traço tradicional de duas dimensões com cenários em 3D. O resultado é um espetáculo para os olhos. "O importante foi ser fiel ao estilo visual dos quadrinhos", explica Rodrigo Gava, que, ao lado de Clewerson Saremba e André Passos, co-dirigiu o longa. A direção-geral ficou com Maurício de Souza, que vinha de São Paulo para aprovar o material animado e dar sugestões. "Eu fui o chato", brinca. "Mas tive sorte de encontrar uma equipe com espírito juvenil de fãs dos personagens. Tentei, anos atrás, fazer um desenho em um estúdio chinês e foi muito frustrante. Veio tudo com a cara do Mickey", diverte-se.

Uma Aventura no Tempo é o primeiro desenho da Turma da Mônica a ter uma estrutura de longa-metragem desde *A Princesa e o Robô*. Todos os demais foram compilações de segmentos curtos levados ao cinema. "Foram precisos um >>

FOTOS: BUENA VISTA



Encontro inédito: Cebolinha e Mônica ajudam o Astronauta



Plano: o coelho azul é capturado

maior cuidado com o roteiro e uniformização dos cenários e personagens. E é aí que entrou o Maurício", diz o co-diretor André Passos. Foi do criador da turminha que partiu a decisão de usar o método americano de animação: primeiro gravar o texto com os dubladores e aproveitar seus improvisos, para somente depois adequar o roteiro e, por fim, a animação. "Não dá para fazer como antigamente. E vamos nos aprimorar para o próximo", garante Maurício, já adiantando os planos ambiciosos para o futuro de suas criaturas no cinema. "Todo ano pretendo lançar um desenho da Turma da Mônica nos cinemas e produzir outro sobre um personagem isolado. O primeiro solo será do Horácio (*o dinossauro existencialista que é o preferido do artista*), em computação gráfica, e depois do Chico Bento", promete Maurício de Souza, com ares de plano infalível do Cebolinha. Que ele não leve um golpe do coelho Sansão na bilheteria.•

NOVIDADES QUE ESTÃO NO GIBI

Mônica e seus amiguinhos mudaram de vizinhança: saíram da editora Globo, onde moravam há vinte anos, e foram para a Panini. A troca de endereço não surgiu de briga. "Foi uma decisão estratégica", avalia Maurício. "Troquei a Abril pela Globo porque a primeira não tinha propostas de crescer. Agora, a Globo não queria nos levar para o mercado exterior." A mudança de ares não é a única novidade para a Turma da Mônica. Os personagens vão, finalmente, entrar para a escola na cronologia das historinhas. Além disso, há dois projetos voltados para o público adolescente: um mangá e uma revista-solo da Tina, a gatinha de óculos da turma do Rolo. O gibi do Ronaldinho Gaúcho, cancelado pela editora anterior, já está batendo bola de novo na Panini, que pretende explorar o filão futebolístico-dentuço em outros países. A editora também irá republicar as primeiras histórias dos gibis lançados pela Abril nos anos 70, e colocar à venda um álbum de figurinhas e graphic novel baseados em *Uma Aventura no Tempo*.

FILTRO

o guia de entretenimento

CINEMA 66
DVD & VÍDEO 72
TELEVISÃO 80
MÚSICA 84
LIVROS & HQS 86
GAMES 87
EQUIPAMENTOS 88

86

LIVROS & HQS

OS 300 DE ESPARTA

Frank Miller (*Sin City*) conta a história de heróis gregos em álbum de quadrinhos luxuoso e no formato widescreen

66

CINEMA

CARTAS DE IWO JIMA

Clint Eastwood acerta (ainda mais) a mão ao narrar a visão japonesa da invasão à ilha de Iwo Jima

72

DVD & VÍDEO

OBRIGADO POR FUMAR

Numa das melhores comédias de humor negro dos últimos anos, Aaron Eckhart fará você rir e fumar

80

TELEVISÃO

GINCANA DE SUPER-HERÓIS

O criador do Homem-Aranha, Stan Lee, apresenta um reality-show estrelado por heróis toscos e roupas berrantes

84

MÚSICA

PARA VER E OUVIR

Trilhas sonoras que assumem uma posição de destaque nos filmes *Os Infiltrados*, *Happy Feet* e *O Segredo de Beethoven*

SET sem fio

Receba em primeira mão as estréias de cinema e TV e lançamentos em DVD via SMS.
Envie uma mensagem com o texto LIG FILTRO para o número 46937 (Vivo) ou 55000 (Oi, BrT ou CTBC) e tenha as dicas do FILTRO em seu celular. R$ 0,15 por mensagem (Oi, BrT e CTBC) e R$ 0,10 por mensagem (Vivo)

Ken Watanabe no papel do general Kuribayashi: conhecimento profundo e admiração pelo inimigo americano

CARTAS DE IWO JIMA

Clint Eastwood mostra o outro lado da trincheira na batalha que selou a derrota dos japoneses na Segunda Guerra Mundial *Por Sérgio Rizzo*

***LETTERS FROM IWO JIMA*, EUA, 2006. DE CLINT EASTWOOD. COM KEN WATANABE, KAZUNARI NINOMIYA, TSUYOSHI OHARA, RYO KASE. 140 MIN. WWW.IWOJIMATHEMOVIE.WARNERBROS.COM. WARNER. DRAMA**

Se fosse um longa-metragem solitário, sem relação com nenhum outro, *Cartas de Iwo Jima* seria um filme grandioso. A maneira recorrente de traduzir sua importância, desde a aclamada estréia nos EUA, é chamá-lo de um dos maiores dramas de guerra já realizados, o que está longe de ser exagero. Ocorre, no entanto, que ele é complementar ao longa anterior de Clint Eastwood, *A Conquista da Honra*. Essa perspectiva o torna ainda mais notável: além do que traz sem nenhuma necessidade de explicação exterior, estabelece um rico diálogo com a visão americana dos mesmos fatos e com a maneira encontrada por Eastwood para recriá-los.

A última imagem de *A Conquista da Honra* – ao final dos créditos que mostram os rostos de soldados norte-americanos e flagrantes reais da batalha travada na ilha de Iwo Jima, na Segunda Guerra Mundial – exibe a situação atual da colina em que soldados ianques instalaram a bandeira do país: deserta, sem nenhum sinal de presença humana. *Cartas* tem início no mesmo tempo e espaço, acompanhando uma equipe japonesa que vasculha as cavernas construídas ali pelos soldados japoneses, e que encontra algo enterrado, cuja identificação virá apenas ao final.

Começa então, como no longa anterior, um extenso flashback entremeado por outros menores. A narrativa avança e volta no tempo à medida que a história se detém em um ou outro personagem, para que se conheça cada um deles um pouco melhor, e para que as ações tomadas por eles em determinadas circunstâncias sejam mais bem compreendidas. Há meia dúzia de figuras importantes, soldados japoneses envolvidos na batalha, mas o principal é o general Kuribayashi (excelente atuação de Ken Watanabe, de *O Último Samurai* e *Memórias de Uma Gueixa*).

Ao assumir o comando das tropas em Iwo Jima, ele já sabe que não terá respaldo material e humano para resistir ao avanço aliado. Não pode, entretanto, deixar que os soldados saibam disso. Ao mesmo tempo, Kuribayashi diferencia-se dos outros por ter amplo conhecimento do inimigo (viveu nos EUA durante alguns anos) e por, em diversos aspectos, admirá-lo – pecado mortal em uma guerra, transgressão inaceitável para o rigoroso código moral japonês. Seus dilemas ajudam a emoldurar os principais temas dessa dolorosa jornada de compreensão do que se passa no outro lado da trincheira.

NOTA: 9

A GRANDE FAMÍLIA – O FILME

BRASIL, 2007. DE MAURÍCIO FARIAS. COM MARCO NANINI, MARIETA SEVERO, PEDRO CARDOSO. 104 MIN. WWW.AGRANDEFAMILIAOFILME.COM.BR. EUROPA. COMÉDIA

A bonita seqüência inicial em que Nenê (Marieta Severo) e Lineu (Marco Nanini) aparecem jovens dá a impressão de que o filme vai inovar a série de TV que lhe serviu de base. Porém, da metade em diante, volta a oferecer as mesmas fórmulas que, de forma merecida, fizeram do programa um sucesso. Até o visual atemporal e kitsch é mantido. A história gira em torno de como o casal se conheceu, quarenta anos antes, quando Lineu ganhou uma aposta de Carlinhos (Paulo Betti) e entrou no baile onde Nenê estava. A trama desenvolve-se mesmo no presente, quando Carlinhos reaparece para dar nova investida na mulher do amigo. Pena que haja certo esgotamento na criação das gags, o que faz com que o filme patine em seu ritmo. Mesmo assim, no geral, diverte.

Alfredo Sternheim

NOTA: 6,5

GLOBO FILMES

Bebel e Augustinho: "Quer levar uma bifa?"

ANTONIA

BRASIL, 2006. DE TATA AMARAL. COM NEGRA LI, LEILAH MORENO, QUELYNA, CINDY. 90 MIN. WWW.CORACAODASELVA.COM.BR/ANTONIA. GLOBOFILMES. DRAMA

Última parte de uma trilogia sobre os arquétipos femininos, *Antonia* conta a história de quatro jovens mulheres negras que tentam realizar o sonho de viver da arte – no caso delas, a música. Preta (Negra Li), Barbarah (Leilah Moreno), Maya (Quelyna) e Lena (Cindy) vivem na periferia de São Paulo. Elas abandonam o grupo de rap masculino do qual fazem parte como backing vocals para montar sua própria banda. Descobertas por um empresário, Marcelo Diamante (Thaíde), as meninas iniciam uma trajetória ascendente, logo interrompida por uma série de rompimentos e desastres pessoais nas suas vidas. Tata Amaral faz uma espécie de anti-*Sex & the City*, no qual o foco recai sobre quatro jovens americanas, bem-sucedidas profissionalmente e sem nenhuma sorte no amor. A realidade da periferia, mais dura, levanta outras questões, além do amor e do sexo, que contam mais.

Alessandro Giannini

NOTA: 7,5

O BOM PASTOR

THE GOOD SHEPHERD, EUA, 2006. DE ROBERT DE NIRO. COM MATT DAMON, ANGELINA JOLIE, JOHN TURTURRO, WILLIAM HURT, ALEC BALDWIN. 167 MIN. WWW.THEGOODSHEPHERD MOVIE.COM. PARAMOUNT. DRAMA

Durante anos, o roteiro de Eric Roth (*Forrest Gump*) para *O Bom Pastor* era considerado impossível de ser filmado e polêmico demais, por mexer nas

PARAMOUNT

Damon e Angelina: "Há uma CIA entre nós"

entranhas da CIA numa época em que os EUA enfrentavam uma crise. Robert De Niro não quis saber e agarrou a missão. Isso se reflete no esmero da direção ao retratar os anos de formação da agência americana sob a ótica do fictício Edward Wilson (Matt Damon, brilhante), encarregado de proteger o país e organizar uma rede de espionagem, mesmo em detrimento de seu casamento com Margaret (Angelina Jolie) e da relação com o filho. *O Bom Pastor* funciona como thriller de intriga, mas perde tempo demais em analisar relações conjugais e a solidão enfrentada por Wilson.

Rodrigo Salem

NOTA: 7,5

HOLLYWOODLAND – BASTIDORES DA FAMA

Ben Affleck faz o papel de George Reeves, o Superman da TV, e especula sobre sua morte trágica

HOLLYWOODLAND, EUA, 2006. DE ALLEN COULTER COM BEN AFFLECK, ADRIEN BRODY, DIANE LANE, BOB HOSKINS, LOIS SMITH. 126 MIN. WWW.HOLLYWOODLAND.COM. BUENA VISTA. DRAMA

No auge da carreira, Ben Affleck foi cogitado para viver Superman no quinto filme da série. Apesar de ter virado o Demolidor e passado longe de *Superman Returns*, o astro realiza o sonho de encarnar o Homem-de-Aço em *Hollywoodland – Bastidores da Fama*, cinebiografia romantizada de George Reeves, primeiro dono do uniforme azul e vermelho na televisão. Para sorte de Affleck, muito provavelmente sua atuação como o Superman verdadeiro não o levaria às maiores premiações do cinema, mas é o que aconteceu ao aceitar baixar o salário para representar a conturbada vida de Reeves. O ator, que começou a carreira em Hollywood num papel secundário em *...E o Vento Levou*, ganhou popularidade durante a Segunda Guerra Mundial, porém, nunca foi reconhecido como um grande artista. Aceitou o papel de Superman na série televisiva dos anos 50 com relutância (a TV era o fundo do poço para muitos intérpretes de cinema), arrumou uma amante poderosa (Diane Lane) e, de repente, virou ícone. O filme do diretor Allen Coulter (*Família Soprano*) passa por todas as fases do astro, partindo da investigação conduzida por um detetive (Adrien Brody) sobre o suicídio mal explicado de George Reeves, em 1959. A estratégia garante uma narrativa melancólica, explorada com tocante suavidade por Affleck, e um suspense poderoso para uma das histórias mais fascinantes do mundo cão hollywoodiano.

Rodrigo Salem

NOTA: 8

BUENA VISTA

"Eu queria mesmo é fazer o Superman de verdade, que veste colante e voa"

BRICHOS

BRASIL, 2006. DE PAULO MUNHOZ. COM AS VOZES DE VADECO, MARINO JÚNIOR, RENET LYON, MARIO SCHOEMBERGER. 80 MIN. WWW.BRICHOS.COM.BR. PANDA FILMES. ANIMAÇÃO

A intenção do curitibano Paulo Munhoz com esse desenho em 2D é louvável: valorizar a cultura nacional por meio de uma história estrelada por bichos tupiniquins, entre eles o tamanduá-bandeira, o joão-de-barro, a onça pintada, o tatu e até a anta. O diretor é enfático na crítica à falta de patriotismo do brasileiro e ao fascínio da mídia pelo que vem do estrangeiro. O problema é que esse ufanismo pulsante se sobrepõe à narrativa. E essa, ironicamente, gira em torno de três amigos e um campeonato de videogame. Pode ser mais americano do que isso? A garotada deve se divertir com a cidade dos bichos na floresta, mas se o vocabulário fosse menos rebuscado (há termos técnicos como importação e potencial energético) a mensagem do cineasta teria um alcance muito maior entre o público infantil.

Suzana Uchôa Itiberê

NOTA: 6

"Senhor juiz, pare agoooora!"

DREAMGIRLS – EM BUSCA DE UM SONHO

DREAMGIRLS, EUA, 2006. DE BILL CONDON. COM JAMIE FOXX, BEYONCÉ KNOWLES, EDDIE MURPHY, DANNY GLOVER. 131 MIN. WWW.DREAMGIRLS.DREAMWORKS.COM. PARAMOUNT. MUSICAL

Dreamgirls é o primeiro musical moderno do cinema americano feito para as massas. Longe do esplendor kitsch de *Moulin Rouge* e da cafonice calculada de *Chicago*, o filme de Bill Condon (*Deuses e Monstros*) traz músicas que funcionam à perfeição longe do cinema (ou dos palcos, onde a peça teve origem), interpretadas por elenco envolto no clima de tragédia e triunfo da obra de Tom Eyen. Beyoncé Knowles é Deena Jones, voz de apoio do trio The Dreams, alçada à condição de estrela pelo empresário esperto (Jamie Foxx). Sua escalada é paralela à queda de Effie Jones (a estreante Jennifer Hudson, brilhante), colocada de escanteio por não ser bela como Deena, apesar da voz poderosa – qualquer paralelo com a trajetória das Supremes não é mera coincidência. Mas é Eddie Murphy, na pele do crooner James Early, que incendeia a tela, lembrando-nos o performer genial que ele insiste em esconder em filmes infantis.

Roberto Sadovski

NOTA: 7,5

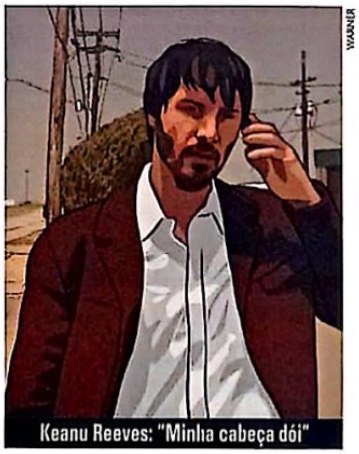
O HOMEM DUPLO

A SCANNER DARKLY, EUA, 2006. DE RICHARD LINKLATER. COM KEANU REEVES, ROBERT DOWNEY JR., WOODY HARRELSON, WINONA RYDER, RORY COCHRANE. 100 MIN. WIP.WARNERBROS.COM/ASCANNERDARKLY. WARNER. DRAMA

Segunda incursão de Richard Linklater no terreno da animação, *O Homem Duplo* significa uma evolução e tanto em comparação a *Waking Life* (2001). Ambos foram realizados a partir de um processo chamado "rotoscopia interpolada", em que a ação ao vivo com os atores passa por uma espécie de pintura digital. A técnica foi aprimorada de lá para cá, mas isso é apenas um detalhe. Adaptação para o cinema do romance *A Scanner Darkly*, de Philip K. Dick (1928-1982), o filme é um libelo contra o efeito nocivo das drogas. Ou, antes, contra aquilo que o sistema transforma em um objeto do desejo. No centro dessa trama de tintas kafkianas está o personagem vivido por Keanu Reeves. Aliás, os personagens: o agente disfarçado Fred e seu alter ego Bob Arctor. A grande sacada é mostrar como esses personagens se confundem quando a droga começa a corroer os neurônios daquele corpo que os transporta.

A.Gn.

NOTA: 8



Keanu Reeves: "Minha cabeça dói"

RESULTADO DA PROMOÇÃO

MISSÃO: IMPOSSÍVEL

- Beckston Bujacher Filho – Rio de Janeiro-RJ
- Ana Marta Pereira Cruz – Brasília-DF
- Adroaldo Barbosa Júnior – Foz de Iguaçu-PR

RESULTADO DA PROMOÇÃO

PLANETA DOS MACACOS

1º Joaquim Augusto A. Salles – Rio de Janeiro-RJ

2º Júlio Henrique S. Maziero – Pindamonhangaba-SP

PONTO CRÍTICO

	Alex Xavier Guia do Estadão	Celso Sabadin Cinecl!ck/Rádio Bandeirantes	Christian Petermann Guia da Folha/IstoÉ Gente	Ludmila Azevedo Jornal da Tarde	Luiz Z. Oricchio O Estado de São Paulo	Mariane Morisawa Isto É Gente	Marcelo Forlani Omelete	Miguel Barbieri Veja São Paulo	Odair Braz Jr. Herói	Sérgio Rizzo Folha de S. Paulo	SET	MÉDIA
O AMOR NÃO TIRA FÉRIAS	6	7	7	6	–	6	7	7	–	7	4,5	6,5
AS AVENTURAS DE AZUR E...	–	–	–	–	–	8	–	9	–	–	8	8,5
BABEL	9	–	–	10	7	7	9	7,5	8	8	8	8
UM BEIJO A MAIS	7,5	–	6	8	–	–	–	6	7	–	6,5	7
O CAVALEIRO DIDI E A PRIN...	1	–	4	–	–	–	–	–	4	–	4	3,5
DIAMANTE DE SANGUE	6,5	6,5	6,5	–	5	–	8	7,5	6,5	5,5	6,5	6,5
ERAGON	6,5	6	7,5	–	–	–	6,5	5	3	6,5	3,5	5,5
MAIS ESTRANHO QUE A FICÇÃO	8	9	–	7	6	6	–	9	8,5	–	8,5	8
A MENINA E O PORQUINHO	–	7	7	–	–	–	–	6,5	7	–	7,5	7
UMA NOITE NO MUSEU	7	–	5	5	3	–	–	5	7,5	6,5	7	6

COLUMBIA

"Pai, feche a boca para escutar melhor"

À PROCURA DA FELICIDADE

THE PURSUIT OF HAPPYNESS, EUA, 2006. DE GABRIELE MUCCINO. COM WILL SMITH, JADEN SMITH, THANDIE NEWTON, BRIAN HOWE. 117 MIN. WWW.SONYPICTURES.COM/MOVIES/THEPURSUITOFHAPPYNESS. COLUMBIA. DRAMA

Em *À Procura da Felicidade*, Will Smith ganha um ar frágil e convincente ao interpretar Chris Gardner, pobretão de São Francisco que sacrifica sua vida e a do filho (Jaden Smith, cria do ator) para conseguir um estágio numa corretora de ações. O sucesso do longa (que deve chegar aos 200 milhões de dólares) é diretamente proporcional à vontade do americano médio de repetir o feito (como qualquer um pode prever, ele fica rico, aliás, milionário), mas sem tanto esforço. É o poder da identificação levando um dramalhão medíocre e manipulador. Será que o truque vai colar num país onde Gardner, que teve casa, educação e oportunidades, seria considerado um privilegiado, e grande parte da população sabe o que é miséria de verdade? ***R.Sl.***

NOTA: 5

O MESTRE DAS ARMAS

HUO YUAN JIA, CHINA/HONG KONG/EUA, 2006. DE RONNY YU. COM JET LI, SHIDO NAKAMURA, BETTY SUN. 103 MIN. WWW.FEARLESSTHEMOVIE.COM. IMAGEM. AVENTURA

O Mestre das Armas, dirigido pelo chinês Ronny Yu (*A Noiva de Chucky*, *Freddy vs. Jason*), combina na medida certa lutas fantásticas, cenários grandiosos e as tradicionais discussões sobre honra, amizade e sacrifício. Anunciado como a despedida de Jet Li no gênero que o consagrou, a aventura baseada em fatos reais narra a história de Huo Yuanjia, famoso mestre que virou figura lendária na virada do século. Apesar de a história passear pelos clichês do gênero – jovem que depois de tragédia familiar tenta recuperar a honra da família –, Yu consegue dar personalidade ao longa. No elenco, destaque para a participação do japonês Shido Nakamura (que aparece em *Cartas de Iwo Jima*). O que não dá para entender é o título em português, mais propício a um filme de guerra. ***Ricardo Matsumoto***

NOTA: 8,5

IMAGENM

McGregor e Renée: caras e caretas

MISS POTTER

INGLATERRA/EUA, 2006. DE CHRIS NOONAN. COM RENÉE ZELLWEGER, EWAN MCGREGOR. 92 MIN. WWW.MISSPOTTER-THEMOVIE.COM. IMAGEM. DRAMA

A inglesa Beatrix Potter (1866-1943) escreveu livros infantis que ainda hoje são best-sellers no Reino Unido e nos EUA. Sua cinebiografia, assinada pelo australiano Chris Noonan (*Babe*), optou por uma abordagem ingênua e romântica, que combina com a natureza das obras, mas que infantiliza os personagens – já adultos quando começa a história. O mais adequado talvez fosse chamá-lo de *Senhorita Zellweger*, uma vez que Renée recorre ao seu repertório de expressões e caretas para caracterizar a personalidade introspectiva da escritora, fazendo dela uma espécie de versão literária de Bridget Jones na virada do século 19 para o 20. ***S.R.***

NOTA: 6,5

ROCKY BALBOA

Prepare-se: o sexto capítulo da saga do boxeador.... é um ótimo filme!

EUA, 2006. DE SYLVESTER STALLONE. COM SYLVESTER STALLONE, BURT YOUNG, MILO VENTIMIGLIA. 102 MIN. WWW.MGM.COM/ROCKY. FOX. DRAMA

Em 1990, quando Sylvester Stallone lançou *Rocky V*, sua carreira estava bamba. Os milhões de *Rambo II: a Missão* e *Rocky IV* eram uma lembrança, e o astro estava numa entressafra. Seus filmes de ação não faziam o sucesso de antes (*Falcão – O Campeão dos Campeões*, *Rambo III* e *Condenação Brutal* naufragaram feio) e, depois da humilhação pública de *Rocky V*, ele foi arranhar o fundo do poço de sua carreira em comédias sofríveis. De lá para cá, Sly conseguiu um mezzo-blockbuster (*Risco Total*, de 1993) e um único filme bom de verdade (o drama *Cop Land*, de 1997). A coisa ficou tão feia que Stallone parecia fadado a terminar seus dias em produções lançadas diretamente em vídeo (como Van Damme e Steven Seagal). Até *Rocky Balboa* surgir.

O que começou como uma piada – o ator completou 60 anos em 2006 – tornou-se um de seus maiores triunfos. Talvez porque *Balboa* é o filme certo na hora certa e, como o primeiro da série, vencedor do Oscar de melhor filme, reflete a vida de seu protagonista. Agora Rocky é um velho que vive de lembranças, de seus dias de glória e de seu grande amor, Adrian, que está morta. Até que surge a chance de subir ao ringue novamente, desta vez contra o atual campeão dos pesos pesados – este lutando para conseguir credibilidade. Ao contrário dos três últimos episódios da série, *Rocky Balboa* não é sobre o combate: é sobre um homem lutando para não desaparecer quando chega o fim da linha. É sobre Sylvester Stallone. E sobre Rocky. ***Roberto Sadovski***

NOTA: 8,5

FOX

Sylvester Stallone aos 60: barriga tanque Panzer sem uso de computadores

EUROPA

Helen Mirren na pele de Elizabeth II: "Ainda bem que não era eu naquele carro"

A RAINHA

Stephen Frears revela o que se passa nos corredores dos palácios reais ingleses

THE QUEEN, INGLATERRA/FRANÇA/ITÁLIA, 2006. DE STEPHEN FREARS. COM HELEN MIRREN, MICHAEL SHEEN, JAMES CROMWELL. 97 MIN. WWW.THEQUEEN-MOVIE.COM. EUROPA. DRAMA

Recorte de um período difícil para a realeza britânica, *A Rainha* acompanha o embate entre Sua Majestade, a rainha Elizabeth II, e a opinião pública inglesa, logo após a morte da princesa Diana em acidente de carro em Paris. Essa disputa silenciosa, que se fez por meio de manchetes de jornais e imagens de televisão, foi mediada, na época, pelo recém-eleito primeiro-ministro Tony Blair. O nó da questão estava no fato de que Diana não pertencia mais à realeza e morrera ao lado do novo namorado, o milionário saudita Dodi al-Fayed. Portanto, não deveria merecer honras reais. Foi Blair quem captou a crescente irritação popular com a teimosia da casa real e aconselhou a rainha a capitular.

Helen Mirren faz o papel de Elizabeth II, mulher que renunciou à vida pessoal para se dedicar inteiramente ao papel que lhe cabia como integrante da realeza britânica. Ela vai além do que lhe proporcionam a maquiagem e o corte de cabelo. A postura assumida pela atriz demonstra o que significa ser rainha em plena virada de século. No papel de Blair, Michael Sheen também não se contenta com a impressionante semelhança física com o verdadeiro primeiro-ministro britânico. Ele vai muito além, ao assumir um papel em que abandona uma postura ideológica histórica para se alinhar aos interesses de Estado e da casa real.

Ao retratar esse incidente, qualquer diretor poderia cair na esparrela do sensacionalismo. Stephen Frears, não. Ele opta pelo mais difícil: uma saudável e atual discussão sobre os limites entre o que é privado e o que é público. Especialmente numa sociedade em que instituições ancestrais e anacrônicas ainda convivem com um dos Estados mais avançados em termos políticos do mundo inteiro. ***Alessandro Giannini***

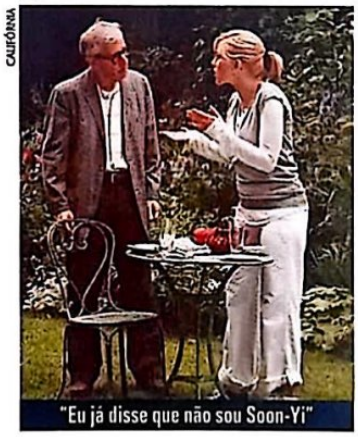
NOTA: 9

NOIVAS

NYFES, GRÉCIA, 2004. DE PANTELIS VOULGARIS. COM DAMIAN LEWIS, VICTORIA HARALABIDOU. 128 MIN. WWW.EUROPAFILMES.COM.BR. EUROPA. DRAMA

Nos anos 20, a jovem grega Niki torna-se "noiva por encomenda". Ao lado de outras 700 européias, ela embarca rumo a Nova York – e aos desconhecidos maridos. Sua resignação e firmeza cativam um fotógrafo americano que viaja no mesmo navio. O amor proibido entre eles é o fio condutor dessa história em que sonho e esperança nem sempre encontram terreno fértil na realidade. Como produtor executivo, Martin Scorsese empresta seu olho clínico ao diretor Pantelis Voulgaris, que capricha em cenários e figurinos. O excesso de subtramas alonga por demais a travessia, mas a força da dupla central (Damian Lewis e Victoria Haralabidou) é recompensadora. ***S.U.I.***

NOTA: 8


CALIFÓRNIA

"Eu já disse que não sou Soon-Yi"

SCOOP – O GRANDE FURO

SCOOP, INGLATERRA/EUA, 2006. DE WOODY ALLEN. COM WOODY ALLEN, HUGH JACKMAN, SCARLETT JOHANSSON. 96 MIN. WWW.SCOOPMOVIE.NET. CALIFORNIA. COMÉDIA

Foi-se o tempo em que era verdade a máxima que "qualquer coisa de Woody Allen está acima da média". Este *Scoop – O Grande Furo*, por exemplo, está longe de se igualar aos seus momentos mais claudicantes dos velhos tempos. O filme gira em torno de uma estudante de jornalismo (Scarlett Johansson), que se envolve com aristocrata (Hugh Jackman), que seria um assassino, justamente o personagem de seu escandaloso furo. Allen surge como um mágico trapalhão, assumindo o papel de pai de Scarlett para ajudá-la no seu trabalho. Por estranho que pareça, ele é o que há de melhor. A atriz não consegue igualar sua performance do magnífico *Ponto Final*. E Jackman parece estar completamente deslocado. ***A.Gn.***

NOTA: 5

PECADOS ÍNTIMOS

LITTLE CHILDREN, EUA, 2206. DE TODD FIELD. COM KATE WINSLET, PATRICK WILSON, JENNIFER CONNELLY, GREGG EDELMAN. 130 MIN. WWW.LITTLECHILDRENMOVIE.COM. PLAYARTE. DRAMA

Há algo de perturbador em *Pecados Íntimos*, adaptação do romance *Little Children*, de Tom Perrotta, que colaborou com Todd Field no roteiro do filme. É o terror da vida suburbana, do senso comum em que se esconde uma classe média silenciosa. Essa pode ser a tradução da história de amor vivida por Sarah (Kate Winslet) e Brad (Patrick Wilson). Ambos estão com casamentos falidos, ela com homem mais velho que se diverte em jogos sexuais virtuais pela Internet, ele com uma mulher (Jennifer Connelly) mais preparada que ganha a vida como documentarista. Mas nenhum dos dois consegue se desvencilhar. Há ainda uma emocionante trama paralela, representada pela figura de Ronnie (Jackie Earle Haley), um tarado recém-saído da prisão, que vê crescer uma grande campanha no bairro para evitar sua permanência ali. ***A.Gn.***

NOTA: 8,5

PLAYARTE

Kate e Wilson: romance tórrido

BORAT

Sacha Baron Cohen inaugura novo gênero de comédia

BORAT: CULTURAL LEARNINGS OF AMERICA FOR MAKE BENEFIT GLORIOUS NATION OF KAZAKHSTAN, EUA, 2006. DE LARRY CHARLES. COM SACHA BARON COHEN, KEN DAVITIAN. 84 MIN. WWW.BORATMOVIE.COM. FOX. COMÉDIA

FOX

Borat: "Meu nome é Borat, do glorioso país Cazaquistão"

Borat – O Segundo Melhor Repórter do Glorioso País Cazaquistão Viaja à América é um dos filmes mais engraçados dos últimos tempos, comédia de dar dor nas costelas, de querer ver e rever. Impressiona a incrível sucessão de cenas absurdas e hilariantes. Não há um segundo de monotonia ou respiro.

Se *Borat* fosse apenas uma grande comédia, já nos daríamos por satisfeitos. Mas o filme é mais que isso. Trata-se de um documentário arrasador sobre a decadência moral dos Estados Unidos, inaugura novo gênero de comédia, híbrido de documentário e ficção em que o personagem-título é o único ser ficcional de toda a trama.

Borat (Sacha Baron Cohen) é um repórter do Cazaquistão que viaja aos Estados Unidos para uma série de matérias sobre o país. Em sua jornada, ele depara-se com americanos de carne e osso, e esses, acreditando que estão realmente diante de um jornalista estrangeiro, abrem seus corações para o sujeito. O resultado é devastador. Os entrevistados destilam correção política, ignorância, paternalismo, racismo e homofobia. Cohen assiste a tudo com frieza e uma cara-de-pau nunca vistas, e dá corda para que eles falem mais e mais. Em certos momentos, parece reencarnar Groucho Marx e sua ironia visceral. Coisa de gênio.

O grande mérito do longa é justamente deixar os personagens "reais" falarem. A graça está ali. Compare *Borat* com os filmes de Michael Moore, por exemplo: enquanto este impõe seu ponto de vista de forma propagandística, Sacha Baron Cohen só abre a porteira e deixa os bichos soltos. E os bichos fazem o resto. ***André Barcinski***

NOTA: 9

TURISTAS

EUA, 2006. DE JOHN STOCKWELL. COM JOSH DUHAMEL, MELISSA GEORGE, OLÍVIA WILDE, DESMOND ASKEW. 94 MIN. WWW.PARADISEBRAZIL.COM. PARIS. HORROR

De férias no Brasil, grupo de turistas, perdido após um acidente com o ônibus que o transportava, cai nas mãos de um médico disposto a roubar seus órgãos para "salvar brasileirinhos". Longe dos filmes de terror sobrenaturais, *Turistas* aposta na "denúncia social" e tenta justificar o roteiro com um discurso antiimperialista. Mas o resultado é uma bobagem que não se assume como *slasher* e, claro, é oco em suas intenções. Só ganhou ibope por aqui depois da estupidez ufanista de alguns órgãos públicos, "preocupados" com a "imagem" do Brasil passada no filme – como se nosso cotidiano já não fosse terrível o suficiente. No fim, *Turistas* só diverte a nós, brasileiros, representados com um sadismo inadvertidamente engraçado. ***R.S.***

NOTA: 4

FOX

Whitaker como Amin: "Desce mais uma!"

O ÚLTIMO REI DA ESCÓCIA

THE LAST KING OF SCOTLAND, EUA/INGLATERRA, 2006. DE KEVIN MACDONALD. COM FOREST WHITAKER, JAMES MCAVOY, KERRY WASHINGTON. 123 MIN. WWW.FOXSEARCHLIGHT.COM/LASTKINGOFSCOTLAND. FOX. DRAMA

Forest Whitaker, um dos grandes intérpretes do cinema americano, esperou 25 anos por este *O Último Rei da Escócia*. O talento desse senhor texano de encaixar periculosidade e fragilidade num mesmo corpo foi feito para incorporar o ditador de Uganda, Idi Amin, um assassino cruel, um líder carismático e uma personalidade burlesca. A trajetória do homem que mandou no país africano nos anos 70 e se declarou rei da Escócia é acompanhada pela visão de um jovem médico britânico (James McAvoy, que não deixa a qualidade cair mesmo duelando com Whitaker), "adotado" pelo presidente depois de vê-lo em ação. O diretor Kevin MacDonald utiliza o personagem e sua ascensão no governo de Amin para mostrar a loucura de um homem que parece o novo messias em determinados momentos e o próprio demônio em outros. ***R.Sl.***

NOTA: 8

OUTRAS ESTRÉIAS

• ***A CONQUISTA DA HONRA*** – Clint Eastwood conta a história do hasteamento da bandeira americana no monte Suribachi e dos três soldados que sobreviveram à batalha de Iwo Jima, transformados em garotos-propaganda do governo. A estréia estava prevista para novembro do ano passado.

• ***SANGUE E CHOCOLATE*** – Adaptado de um best-seller alemão pela diretora Katja von Gamier, o filme conta a história da jovem integrante de uma sociedade secreta de lobisomens dividida entre manter o ancestral segredo da irmandade ou contar tudo para o namorado e colocar em risco a comunidade inteira.

• ***TURMA DA MÔNICA – UMA AVENTURA NO TEMPO*** – Maurício de Souza tenta quebrar a escrita do fracasso das adaptações de seus personagens para o cinema com essa nova animação, toda feita em 2D e com cenários em 3D. Na história, Monica e Cebolinha são enviados para épocas diferentes numa engenhoca criada por Franjinha.

©BUENA VISTA

FOX

Eckhart: o poder da palavra usado para fins suspeitos

OBRIGADO POR FUMAR*

Aaron Eckhart é o lobista da indústria do tabaco neste filme sobre a arte de falar bem que mistura sarcasmo e sensibilidade na medida certa *Por Suzana Uchôa Itiberê*

THANK YOUR FOR SMOKING, EUA, 2005. DE JASON REITMAN. COM AARON ECKHART, CAMERON BRIGHT, WILLIAM H. MACY, KATIE HOLMES, MARIA BELLO, ROB LOWE. 92 MIN. DVD/VHS FOX. COMÉDIA

Em uma era em que os códigos de comportamento são ditados por aquilo que é considerado politicamente correto, uma profissão como a de Nick Naylor (Aaron Eckhart, indicado para o Globo de Ouro) não poderia ser mais ingrata. Ele é lobista das indústrias de tabaco e tem de convencer o consumidor a não abandonar o fumo, apesar de seus efeitos matarem mais de 1.200 americanos diariamente. E vai além. Em um programa de auditório, vira para um adolescente com câncer e diz que a indústria do cigarro não quer que ele morra porque fumou, pois assim deixará de ser um fumante. E o faz com tamanha lábia que ganha a simpatia do próprio doente.

Obrigado por Fumar é um filme sobre o poder da palavra. E, na adaptação que o estreante Jason Reitman faz do livro de Christopher Buckley, dá as cartas quem domina a arte da retórica. Reitman é filho do cineasta Ivan Reitman (de *Os Caça-Fantasmas* e *Minha Super Ex-Namorada*) e se ainda não tem a ousadia de um Neil LaBute (que praticamente lançou Eckhart em *Na Companhia de Homens*), por exemplo, trata de temas como a hipocrisia e a falta de ética com uma mescla feliz de sarcasmo e sensibilidade. Alguns personagens, como a jornalista (Katie Holmes) que seduz o herói atrás de uma boa história e o senador antitabaco (William H. Macy) que o desafia em um debate, surgem como desestabilizadores do poço de confiança que é Naylor. Mas sua resposta a esses golpes é simples: argumentação.

O forte do roteiro de Reitman são os diálogos. Os melhores deles aparecem no almoço semanal do MOD Squad – sigla de Merchants of Death (Mercadores da Morte). Naylor e seus colegas lobistas do álcool e das armas comparam o nível de ódio que cada um provoca na sociedade. Embora esteja sempre com a resposta na ponta da língua, ele também tem seu calcanhar-de-aquiles o filho adolescente, para quem nem sempre é simples defender o cigarro ou certas condutas que deve tomar em nome da profissão. Reitman não chega a se aprofundar na análise comportamental, mas *Obrigado por Fumar* é um começo promissor de carreira.

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

88 MINUTOS*

88 MINUTES, EUA, 2007. DE JON AVNET. COM AL PACINO, ALICIA WITT. 107 MIN. DVD FLASHSTAR. SUSPENSE

Al Pacino já caçou assassinos em série em *Parceiros da Noite* (1980), *Vítimas de Uma Paixão* (1989) e *Insônia* (2002). Neste suspense do diretor Avnet (*Tomates Verdes Fritos*), ele volta a enfrentar outro criminoso dessa estirpe. Pacino faz o professor universitário que presta serviços ao FBI e precisa correr contra o tempo para capturar um assassino ardiloso que tem o topete de lhe mandar mensagens que fixam sua iminente morte em 88 minutos. Como o criminoso usa os mesmos métodos de outro colega, condenado com a ajuda do professor e a poucas horas de ser executado, surge o impasse: será que prenderam o homem errado? Pena que a contagem regressiva seja tediosa e a solução do mistério, desastrosa.

Roberto Pujol

FILME: 6 EXTRAS: N.A.

FOX

De La Serna: tortura

CRÔNICA DE UMA FUGA*

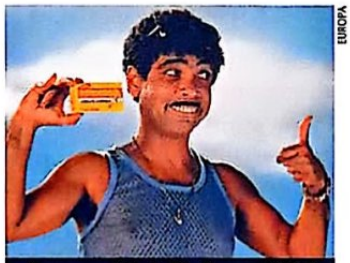
CRÔNICA DE UNA FUGA, ARGENTINA, 2006. DE ADRIÁN CAETANO. COM RODRIGO DE LA SERNA, PABLO ECHARRI. 107 MIN. DVD FOX. DRAMA

Como o cinema brasileiro, o argentino também aborda com freqüência episódios ocorridos durante a repressão militar na década de 70. Este é mais um. Começa em Buenos Aires, quando um jovem goleiro (Rodrigo de La Serna) é levado por agentes da ditadura a uma ampla e isolada casa onde já há outros homens presos sem nenhum respaldo legal, sem ninguém que os defenda. Lá, é interrogado e torturado pelos algozes. Resvalando no maneirismo visual, o filme chega a transmitir um clima sufocante, de medo, diante da iminência da morte e do sofrimento. Só que, enquanto a angústia dos detidos se alonga além da conta, a mencionada crônica da fuga (o planejamento e sua execução) toma pouco espaço da narrativa e, quando isso acontece, resulta sem impacto.

Alfredo Sternheim

FILME: 5,5 EXTRAS: N.A.

EUROPA



Creysson: "Essio filmio num é bão"

CASSETA & PLANETA – SEUS PROBLEMAS ACABARAM*

BRASIL, 2006. DE JOSÉ LAVIGNE. COM A TURMA DO CASSETA & PLANETA, MURILO BENÍCIO. 80 MIN. DVD/VHS EUROPA. COMÉDIA

Em sua primeira incursão pelo cinema, *A Taça do Mundo É Nossa*, a turma do Casseta & Planeta pecou por fazer um filme sem graça e que não falava para o público cativo de seu programa de TV. Nesta segunda tentativa, eles consertaram o discurso, incluindo personagens consagrados como Seu Creysson, mas continuaram pecando pelas piadas sem ritmo. Há poucos momentos que funcionam nessa história sobre advogado que processa as poderosas Organizações Tabajara. O erro mais grave do longa, o último de Bussunda, é tornar Murilo Benício um dos alicerces do humor da trama: nem em novela ele engana como comediante. *Seus Problemas Acabaram* é o último legado deixado por Bussunda.

André Gordirro

FILME: 5 EXTRAS: N.A.

O DIABO VESTE PRADA*

O mundo da moda segundo Meryl Streep

THE DEVIL WEARS PRADA, EUA, 2006. DE DAVID FRANKEL. COM MERYL STREEP, ANNE HATHAWAY, EMILY BLUNT. 109 MIN. DVD/VHS FOX. COMÉDIA

Em plena ditadura dos filmes-pipoca (com os estúdios orientando suas produções para o público adolescente, que não prima muito pelo criticismo), *O Diabo Veste Prada* reafirma nossa fé no cinema pop – ao mostrar que uma diva em plena forma (Meryl Streep) e um argumento inteligente (que dialoga abertamente com a sátira, mas raramente descamba para a caricatura), podem ser mais interessantes que a última palavra em efeitos 3D. Streep é quem mais se diverte ao dar vida à tirânica Miranda Priestly – megera, mas ultracompetente, editora de uma revista de moda nova-iorquina. Seu "saco de pancadas" preferencial é a jornalista iniciante Andy Sachs (Anne Hathaway), que não entende nada de estilistas e badalações, mas acredita que trabalhar com Miranda poderá ser um *plus* em sua carreira. Pobre menina: ela reavaliará essa opinião antes da primeira meia hora de filme.

Inspirado no livro homônimo de Lauren Weisberger, a história era, originalmente, uma destilação de veneno autobiográfica (Weisberger passou poucas e boas ao trabalhar com Anna Wintour, editora da *Vogue* norte-americana, que serviu de modelo para a personagem Miranda). Os roteiristas desdenharam um pouco essa amargura e ofereceram um viés mais condescendente à diabólica protagonista – aqui, retratada com mais simpatia do que na novela. A indústria da moda faz figuração nos sets (um atrativo extra para as mulheres, que ficarão desorientadas acompanhando o vai-e-vem de bolsas, grifes e estilistas que passam diante de Miranda e seu séquito) e até a supermodelo brasileira Gisele Bündchen está no elenco. Mas quem vai reparar em Gisele com Meryl Streep dominando cada centímetro de celulóide? Um dos melhores longas de 2006 e, desde já, um seriíssimo candidato a filme cult.

Eduardo Torelli

FILME: 8,5 EXTRAS: N.A.

FOX

Mundo fashion: festas, badalação e penteados da moda

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

DÁLIA NEGRA*

De Palma revê o crime que abalou Hollywood

BLACK DAHLIA, ALEMANHA/EUA, 2006. DE BRIAN DE PALMA. COM JOSH HARTNETT, AARON ECKHART, SCARLETT JOHANSSON, HILARY SWANK, FIONA SHAW. 121 MIN. DVD IMAGEM. SUSPENSE

Uma trama complexa que exige muita atenção do espectador quanto aos diálogos. Estes oferecem várias informações pertinentes ao mistério policial da história: o brutal assassinato de uma garota (Mia Kirschner) que tentava a carreira de atriz na Hollywood de 1947. Um fato verídico, explorado pela mídia na época. Porém, o roteiro, adaptado do livro escrito em 1987 por James Ellroy (autor *de Los Angeles – Cidade Proibida*), não se prende apenas à investigação do crime, executado com requinte chocante. Seguindo o agente Bucky (Josh Hartnett), envereda por uma trama de ficção que passa pela amizade dele com o seu colega Blanchard (Aaron Eckhart) e mergulha em um amplo universo de comportamentos ambíguos e dissimulados. E esse é um dos grandes méritos do filme, não perder de vista nenhum dos conflitos que vão surgindo, em sua maioria, movidos a rancores, corrupção e luxúria, e que formam um todo fascinante. Entres os bizarros personagens, destaca-se a enigmática Madeleine (a ótima Hilary Swank, surpreendentemente sexy). Ela é um dos pontos altos da criação de Brian De Palma, novamente mostrando predileção por mulheres que fazem do desejo sexual elemento de manipulação do ser humano. Aos 66 anos, o cineasta parece mais vigoroso do que em *Femme Fatale* (sua penúltima direção, em 2002). Ele não deixa de se manter fiel às principais características do filme noir, porém procura revitalizá-las com um erotismo mais explícito e moderno. Além disso, em função do suspense, investiu pesado em uma estética refinada (extraordinária) que recria uma Hollywood onde o glamour convive com a sordidez. Apenas em alguns momentos a envolvente densidade fica prejudicada por causa de Scarlett Johansson: a personagem de Kay, esposa de Blanchard, exigia alguém mais vibrante do que a bela e festejada atriz de *Match Point*. Em compensação, o elenco de apoio é fantástico, com destaque para Fiona Shaw (a mãe de Madeleine).

Alfredo Sternheim

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

IMAGEM

Hartnett e Scarlett: amantes à moda antiga

SONY

Irmãos Wayans: efeito cômico

O PEQUENINO*

LITTLE MAN, EUA, 2006. DE KEENEN IVORY WAYANS. COM SHAWN WAYANS, MARLON WAYANS. 90 MIN. DVD/VHS SONY. COMÉDIA

Depois de transformar dois negros em patricinhas louras, o clã Wayans agora investe na história inacreditável do anão que se passa por um bebê. Parece trama de desenho do Perna-longa: aqui, bandido diminuto (Marlon Wayans) coloca fraldas para recuperar um diamante roubado dentro do lar de casal sem filhos. É o ápice da comédia do absurdo, mas, infelizmente, os momentos cômicos não têm o mesmo arrojo de imaginação. Ao menos o efeito que cola digitalmente a cabeça de Marlon Wayans no corpo de um dublê anão é impressionante. O DVD oferece muitos extras, todos legendados em português. O destaque fica para o comentário em áudio dos três irmãos, vários documentários e cenas excluídas. ***A.G.***

FILME: 5 EXTRAS: 8

O JOGO DA VINGANÇA*

ONE LOST DANCE, CINGAPURA, 2005. DE MAX MAKOWSKI. COM FRANCIS NG, HARVEY KEITEL. 114 MIN. DVD FOCUS. POLICIAL

Guarde este nome: Max Makowski. O cara é bom. E é brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro há 35 anos, mas viveu em diversos países como Alemanha, Cuba e Estados Unidos – neste último, dirigiu um episódio da série *Queer Eye for the Straight Guy*. Atualmente mora em Hong Kong. Foi com gente do cinema de lá que fez em Cingapura esta aventura sobre um assassino de aluguel, T (Francis Ng), que persegue os responsáveis por um seqüestro. Escrita pelo próprio Max, a complicada trama tem certa ironia, mas perde em clareza no final. Mesmo assim, o longa, exibido no Festival de Sundance, foge dos padrões habituais e se impõe em razão da singular direção de Max, delirante e dinâmica. Ele ainda consegue, em meio da ação, cercar de interessante melancolia o personagem do matador T. ***A.S.***

FILME: 6,5 EXTRAS: N.A.

PARAMOUNT

"Tá me achando com cara de ladrão?"

O SEGREDO DOS ANIMAIS*

BARNYARD, EUA, 2006. DE STEVE OEDEKERK. COM AS VOZES DE KEVIN JAMES, COURTENEY COX. 89 MIN. DVD PARAMOUNT. ANIMAÇÃO

Steve Oedekerk, o maluco que dirigiu e estrelou *Kung Pow – O Mestre da Kung-fu-são*, assina este desenho co-produzido pela Nickelodeon. A história passa-se numa fazenda habitada por animais festeiros, que só se manifestam quando o proprietário não está por perto. A bagunça generalizada (muita música, dança e bebida no celeiro) é comandada por um jovem e despachado boi, para desgosto do pai adotivo, que carrega nas costas a solitária missão de proteger a comunidade de bando de coiotes. Apesar de irregular, a animação traz personagens divertidos e seqüências isoladas bem engraçadas. O material extra é bom: filme comentado pelo diretor e sua equipe, videoclipes, especiais e cenas inéditas. ***R.P.***

FILME: 7 EXTRAS: 9

OS INFILTRADOS

Martin Scorsese deixa as ambições acadêmicas de lado e volta a ser o cineasta visceral e intuitivo

THE DEPARTED, EUA, 2006. DE MARTIN SCORSESE. COM LEONARDO DICAPRIO, JACK NICHOLSON, MATT DAMON, MARK WAHLBERG, ALEC BALDWIN. 152 MIN. DVD/VHS WARNER. POLICIAL

Com *Gangues de Nova York* e *O Aviador*, Martin Scorsese manteve um olho comprido no Oscar ao fazer o tipo de épico inchado que a Academia gosta de premiar. Não eram maus filmes, mas sofriam de síndrome de bolo de noiva: eram mais decorativos do que substanciosos. Em *Os Infiltrados*, Scorsese deixa as ambições acadêmicas de lado e volta a ser o cineasta visceral e intuitivo de outrora. Ele assina um policial violento, urbano e contemporâneo.

O diretor refilma o chinês *Conflitos Internos* (2002), em que um tira se infiltra na máfia, enquanto um gângster trabalha dentro da polícia. Aqui a história é a mesma: Leonardo DiCaprio é o policial infiltrado na gangue do mafioso vivido por Jack Nicholson, e Matt Damon é o pupilo do gângster que vai para o outro lado. Quando a polícia e a máfia descobrem que há um traidor em suas fileiras, os dois infiltrados correm para desmascarar um ao outro e livrar a própria pele.

A violência é ainda mais seca, repentina e brutal que nos filmes anteriores de Martin Scorsese. O diretor rege o elenco como um maestro e os atores respondem tal qual uma orquestra afinadíssima. Nem Jack Nicholson rouba o show de atuações precisas como as de Alec Baldwin, Mark Wahlberg e Martin Sheen. E finalmente Leonardo DiCaprio se encontrou ao trabalhar com o mestre. Ele dá uma interpretação à beira do abismo, como um sujeito em eterno estado de paranóia. A edição especial em DVD conta com o trailer, nove cenas extras apresentadas pelo diretor e dois documentários: um aborda a história da máfia de Boston, e o outro fala da criação da cultura criminal da trama. ***André Gordirro***

FILME: 9 EXTRAS: 7

WARNER

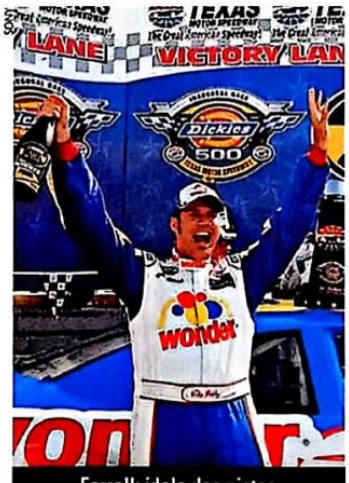
Nicholson e DiCaprio: brincando de gato e rato

RICKY BOBBY – A TODA VELOCIDADE*

TALLADEGA NIGHTS: THE BALLAD OF RICKY BOBBY, EUA, 2006. DE ADAM MCKAY. COM WILL FERRELL, JOHN C. REILLY, MICHAEL CLARKE DUNCAN, LESLIE BIBB. 121 MIN. DVD SONY. COMÉDIA

Entre os pontos altos da cultura dos Estados Unidos, está a Nascar, a mais nacional das categorias de automobilismo. E como tudo o que gira em torno da cultura americana, há também os estereótipos atrelados a ela. Ricky Bobby (Will Ferrell) é um exemplo típico. Caipira do interior e criado pela mãe abandonada, virou ídolo do circuito. Com isso, ganhou autonomia e ficou de salto alto. Com a chegada de um concorrente à altura, o corredor francês Jean Girard (Sacha Baron Cohen, o Borat), ele cai em desgraça. Ferrell e John C. Reilly, que faz o papel do melhor amigo de Ricky Bobby, formam uma dupla muito engraçada. Mas é Sacha Cohen fazendo biquinho para falar com sotaque francês quem rouba todas as cenas. ***Alessandro Giannini***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.



Ferrell: ídolo das pistas

FLYBOYS*

EUA, 2006. DE TONY BILL. COM JAMES FRANCO, JEAN RENO. 138 MIN. DVD IMAGEM. AVENTURA

O episódio verídico focalizado nesta aventura já havia inspirado uma produção de 1958, assinada por William A. Wellman: os atos heróicos do lendário Esquadrão Lafayette, formado por jovens americanos no início da Primeira Guerra. Voluntários num conflito no qual nem os EUA ainda tinham entrado, eles desembarcam com a cara e a coragem em território francês, onde fazem um curso intensivo de pilotagem e participam de missões suicidas, enfrentando os mais experientes e bem equipados inimigos germânicos. A narrativa acadêmica intercala competentes cenas de ação com mensagens explícitas de bravura e amizade, e a tradicional pitada de romance. Enfim, um futuro habitué da Sessão da Tarde. ***R.P.***

FILME: 6,5 EXTRAS: N.A.

IMAGEM

Missões suicidas: coragem

BILL & TED – UMA AVENTURA FANTÁSTICA

BILL & TED'S EXCELLENT ADVENTURE, EUA, 1989. DE STEPHEN HEREK. COM KEANU REEVES, ALEX WINTER. 90 MIN. DVD UNIVERSAL. COMÉDIA

Pasmem: este filme ainda era inédito em DVD, apesar de sua continuação – o superior *Bill & Ted – Dois Loucos no Tempo* – já ter sido lançada no formato. A comédia foi pioneira no gênero "dupla de adolescentes semi-retardados", que daria origem, poucos anos depois, a Beavis & Butthead e Wayne & Garth (de *Quanto Mais Idiota Melhor*). Keanu Reeves e Alex Winter vivem os personagens do título, dois colegiais metaleiros que viajam no tempo em uma cabine telefônica (como o Dr. Who inglês) em busca da ajuda de figuras históricas – Napoleão, Sócrates, Joana D'Arc – para passar de ano. É besteirol teen de primeira linha. ***A.G.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

CINEMA, ASPIRINAS E URUBUS*

O estreante Marcelo Gomes fala de esperança e da dura realidade do sertão

BRASIL, 2005. DE MARCELO GOMES. COM PETER KETNATH, JOÃO MIGUEL, HERMILA GUEDES. 99 MIN. DVD EUROPA. DRAMA

Vários pontos interligam este road-movie do estreante Marcelo Gomes com *O Céu de Suely*, de Karim Aïnouz: a temática e a simplicidade do relato, os elogios em peso da crítica, a consagração em vários festivais e o fato de existir uma colaboração entre os dois cineastas – Aïnouz co-escreveu o roteiro do filme de Gomes, que havia feito o mesmo em *Madame Satã*, longa-metragem de estréia do companheiro. Há também os novos talentos de João Miguel e Hermila Guedes, que atuam nos dois filmes. Ambientado no sertão nordestino, em 1942, *Cinema, Aspirinas e Urubus* gira em torno da amizade de dois homens que têm muito pouco em comum, a não ser a busca pela felicidade ou, pelo menos, de uma vida mais digna. Um deles é Ranulfo (Miguel). Típico habitante da região, ele sonha se ver livre da fome, da miséria, da seca. O outro é Johann (Ketnath), alemão que foge da guerra e para quem Ranulfo passa a trabalhar como guia. A bordo de um caminhão, eles visitam minúsculos vilarejos, vendendo um novo e revolucionário produto, a aspirina. O filme tem toques autobiográficos (é inspirado numa história parecida vivida pelo tio-avô de Gomes) e uma narrativa cadenciada (no ritmo do sertão) em que o espaço e o silêncio são elementos fundamentais. *Cinema, Aspirinas e Urubus* fala de esperança, diferenças culturais, da chegada da modernidade (o alemão carrega um pequeno projetor que exibe as maravilhas do medicamento) e da dura realidade no sertão. E de como um cenário árido e agourento pode, por incrível que pareça, tornar-se atraente para alguns. *Roberto Pujol*

FILME: 8,5 EXTRAS: N.A.

EUROPA

Miguel e Ketnath: amizade sem fronteiras

O EFEITO BORBOLETA 2*

THE BUTTERFLY EFFECT 2, EUA, 2006. DE JOHN R. LEONETTI. COM ERIC LIVELY, ERICA DURANCE. 92 MIN. DVD/VHS PLAYARTE. SUSPENSE

Esta continuação picareta foi lançada diretamente em vídeo nos EUA, mas chegou às telas brasileiras graça ao sucesso inesperado do primeiro filme por aqui. Falta a essa seqüência a dose de imaginação, drama e surpresa do original, estrelado em 2003 por Ashton Kutcher. Rapaz descobre que pode voltar ao passado ao olhar para fotografias e decide salvar a namorada que morreu em acidente de carro. A cada interferência na linha de tempo, seu futuro – agora presente – muda de maneira drástica. A premissa do primeiro filme é requentada sem novidades ou maiores apelos a não ser as cenas quentes com Erica Durance, a Lois Lane de *Smallville*. *A.G.*

FILME: 4 EXTRAS: N.A.

IMAGEM DO MÊS

REPRODUÇÃO

DUBLAGEM CRIMINOSA

Quem conferir a versão dublada de *Rocky – Um Lutador* deve tomar um susto ao final da luta principal. Acontece que os responsáveis pela adaptação para o português acharam que era muito triste ver o garanhão italiano perder o combate por pontos. E não é que inventaram um empate que não existiu? Que escândalo!

Se você souber de alguma cena ou curiosidade vista em algum filme lançado em DVD, envie um e-mail para ricardo.matsumoto@edpeixes.com.br ou envie uma carta para Caixa Postal 27020, CEP 04007-990 São Paulo - SP, escrevendo no envelope SEÇÃO CINEMA EM CASA.

MÁS COMPANHIAS

THE CHUMSCRUBBER, ALEMANHA/EUA, 2005. DE ARIE POSIN. COM JAMIE BELL, GLENN CLOSE. 109 MIN. DVD FLASHSTAR. COMÉDIA

O primeiro longa do canadense Arie Posin (também co-autor da história) é um dos melhores retratos da alienação do cinema recente. Drogas, soberba e egocentrismo impedem os personagens classe-média desse mosaico divertido e dramático perceberem que não estão se comunicando entre si. Essa dificuldade, que atinge pais e filhos, casais, amigos e colegas, fica patente quando o adolescente Dean (Jamie Bell) descobre que o amigo Troy (Josh Janovicz) se suicidou. A partir daí começa uma trama bizarra que tem um seqüestro e os preparativos de um casamento e de uma cerimônia fúnebre em duas residências vizinhas de pequena localidade. Com humor negro que lembra *Beleza Americana*, o filme só não convence em algumas cenas de redenção. *A.S.*

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

FLASHSTAR

Retrato da juventude: humor negro

A CASA MONSTRO*

MONSTER HOUSE, EUA, 2006. DE GIL KENAN. COM AS VOZES DE STEVE BUSCEMI, MAGGIE GYLLENHAAL. 91 MIN. DVD COLUMBIA. ANIMAÇÃO

Dos dezesseis desenhos de longa-metragem pré-selecionados para o Oscar, nove são protagonizados por animais. Felizmente, a bicharada dá uma folga nesta divertida animação que usa a mesma técnica de captura de movimentos de *O Expresso Polar*, em que os personagens são interpretados por atores e, num segundo processo, seus movimentos e vozes servem de base para os desenhos feitos no computador. O fato de narrar uma história que mistura terror e humor dá um ar de frescor à produção, espécie de versão teen de *Meus Vizinhos São Um Terror*, de Joe Dante. É acerca de dois amigos e garota que investigam sinistra casa da vizinhança, que parece ter vida própria. O lançamento traz comentário (legendado) do diretor, featurettes sobre processo de animação, som, elenco, além de uma pancada de storyboards e desenhos. ***R.P.***

FILME: 8 EXTRAS: 8

COLUMBIA

Mistérios na vizinhança

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

THE GREATEST SHOW ON EARTH, EUA, 1952. DE CECIL B. DEMILLE. COM CHARLTON HESTON. 152 MIN. DVD PARAMOUNT. DRAMA

Primeiro filme de grande orçamento estrelado por Charlton Heston, esta fita tem o selo do megalomaníaco diretor e produtor Cecil B. DeMille – para quem cinema era sinônimo de grandes *sets*, tramas com ressonâncias épicas e enormes contingentes de figurantes. Heston interpreta Brad Braden, diretor de circo às voltas com os dramas particulares de trapezistas, palhaços e treinadores que habitam esse universo particular. O conteúdo humano parece um pouco ingênuo hoje em dia, mas a produção impressiona com seu visual resplandecente e segura a atenção do espectador até o final. Experimente. Pena que o DVD não traz nenhum extra. ***E.T.***

FILME: 8 EXTRAS: -

FLASHSTAR

Letícia: beleza sob o véu

VESTIDO DE NOIVA

BRASIL, 2006. DE JOFFRE RODRIGUES, COM MARÍLIA PÊRA, SIMONE SPOLADORE. 115 MIN. DVD FLASHSTAR. DRAMA

O clássico de Nelson Rodrigues, escrito em 1943, é considerado um divisor de águas na história do teatro brasileiro. Seu relato combina realidade com as lembranças e alucinações de uma mulher (Simone Spoladore) que acabou de ser atropelada. À beira da morte no hospital, ela relembra o dia de seu casamento com um industrial cafajeste (Marcos Winter) e a disputa que travou com a irmã (Letícia Sabatela) pelo amor do sujeito. Em seus delírios, conhece cafetina assassinada (Marília Pêra). Por sua estrutura psicológica rica e complexa, dá para entender por que a peça ainda não havia sido levada ao cinema. A missão acabou nas mãos do primogênito do autor, que fez o possível para manter a integridade do texto original. ***R.P.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

CALIFÓRNIA

Mãe e filho: ela carrega a criança e sustenta outra

A CRIANÇA

Filme dos irmãos Dardenne discute questão moral envolvendo paternidade

L'ENFANT, FRANÇA, 2006. DE JEAN-PIERRE E LUC DARDENNE. COM JÉRÉMIE RENIER, DÉBORAH FRANÇOIS, JÉRÉMIE SEGARD. 100 MIN. DVD CALIFÓRNIA. DRAMA

Recém-saída da maternidade e com o bebê nos braços, Sônia (Déborah François) anda pela rua em busca do namorado e pai da criança, Bruno (Jérémie Renier), que está num cruzamento pedindo dinheiro aos motoristas. Logo se vê que formam um casal de jovens sem recursos, que vivem o aqui e o agora intensamente. O que antes parecia ser uma grande aventura muda de figura com a chegada do menino.

Sônia parece estar mais ciente disso do que Bruno, que recepciona o filho com um desdém infantil, como se tivesse perdido o posto para outra criança. Essa cena remete diretamente ao ambíguo título do filme dos irmãos Dardenne, Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2005. A criança em questão não é o bebê inocente que percorre as ruas frias do inverno no calor dos braços e do colo da mãe. É o pai indomável e inconseqüente.

Bruno age por impulso, sem medir as conseqüências de seus atos. É um irresponsável completo, no sentido de que não se importa nem com resultados, nem com os efeitos colaterais de suas atitudes. Se não há dinheiro, rouba-se. Ou, quem sabe, vende-se algo. Talvez, o filho. Afinal, pagam boa grana por crianças recém-nascidas.

Bruno pode ser comparado ao personagem de Jean-Paul Belmondo em *Acossado*, que também tinha uma atitude parecida diante da vida. A diferença entre o olhar de Jean-Luc Godard e o dos irmãos Dardenne é que a dupla de cineastas belgas tem uma visão moral sobre a questão da educação e da família. Isso pode parecer um insulto para quem acredita que se trata de um moralismo simples e barato. Na verdade, o propósito, que se traduz em um estudado conceito estético, é de levantar a discussão e o debate em torno de como a sociedade moderna trata os jovens. Ou, antes, como os destrata. ***Alessandro Giannini***

FILME: 9 EXTRAS: N.A.

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

UMA VERDADE INCONVENIENTE

O "quase" presidente dos Estados Unidos Al Gore mostra os perigos do aquecimento global

AN INCONVENIENT TRUTH, EUA, 2006. DE DAVIS GUGGENHEIM. COM AL GORE. 100 MIN. DVD/VHS PARAMOUNT. **DOCUMENTÁRIO**

O aquecimento global é um dos assuntos mais comentados nos últimos tempos, mas a maioria das pessoas tem apenas uma vaga idéia do que isso representa. *Uma Verdade Inconveniente* é um documentário quase didático, onde o ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore (sim, aquele que no ano 2000 quase foi o próximo presidente dos Estados Unidos, vencido no tapetão por George Bush) dá uma aula sobre o tema e mostra com riqueza de detalhes os reais perigos e as causas do aumento da temperatura mundial. Gore não é um "ecologista de ocasião". Desde os anos 80, ele empenha-se em sair pelo mundo dando palestras e discutindo os perigos do lixo tóxico e também do aquecimento global. Apesar disso, muitos acreditam que tudo não passa de jogada eleitoreira – mesmo depois de ter declarado publicamente que não deseja ser candidato. Isso não diminui a importância de *Uma Verdade Inconveniente*, filme que cumpre o que promete: dá uma visão ampla dos perigos do aquecimento global. A edição em DVD oferece bom material extra, com making of da construção do cenário, comentário em áudio do diretor, clipe musical e o melhor deles – um especial onde Gore fala sobre o que aconteceu entre o lançamento no cinema e o no vídeo, acrescentando novos dados e mostrando cenas não usadas.

Ricardo Matsumoto

FILME: 9 EXTRAS: 9

PARAMOUNT

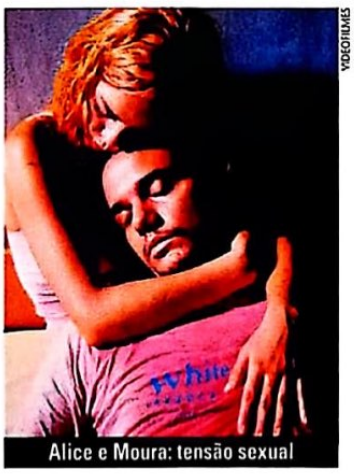
Gore: trabalho interminável para tentar salvar o planeta

CIDADE BAIXA*

BRASIL, 2005. DE SÉRGIO MACHADO. COM LÁZARO RAMOS, WAGNER MOURA, ALICE BRAGA. 98 MIN. DVD/VHS VIDEOFILMES. **DRAMA**

A parceria entre Sérgio Machado e Karim Aïnouz não é de hoje. A dupla trabalhou em *Abril Despedaçado* (como roteiristas, no filme dirigido por Walter Salles) e *Madame Satã* (Aïnouz dirigindo e os dois escrevendo). Desta vez, Machado assume a direção deste excelente filme estrelado por Lázaro Ramos, Wagner Moura e Alice Braga. Ramos e Moura interpretam dois amigos que iniciam um triângulo amoroso com a sedutora dançarina Karinna (Alice, sobrinha de Sonia Braga. Além do elenco afiado, *Cidade Baixa* conta uma história simples, mas de forma surpreendente, que tem como cenário o lado obscuro de Salvador. ***R.M.***

FILME: 8,5 EXTRAS: N.A.



VIDEOFILMES

Alice e Moura: tensão sexual

UM CARA QUASE PERFEITO*

MAN ABOUT TOWN, EUA, 2006. DE MIKE BINDER. COM BEN AFFLECK, REBECCA ROMIJN. 96 MIN. DVD IMAGEM. **COMÉDIA**

Mike Binder confirma a habilidade mostrada em *O Outro Lado da Raiva* para retratar crises de identidade e carência. Mas enquanto lá o drama predominava sobre o humor, nesta história de sua autoria ele optou por mais leveza para expor o desmoronar existencial do agente Jack (Ben Affleck). Ele transitava com segura arrogância entre artistas e roteiristas até o momento em que descobre a traição da esposa (Rebecca Romijn) e vê o seu diário íntimo parar em mãos de pessoas injuriadas. A consciência da falsidade acentua-se em Jack assim como o seu descontrole emocional. Apesar de alguns clichês e da atuação quase sempre dura de Affleck, o filme é edificante e diverte. Em especial quando conta com as interferências do dr. Primkin (John Cleese, ótimo). ***A.S.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

IMAGEM

Affleck: atuação dura e clichês

O PROTETOR

TOM YUM GOONG, TAILÂNDIA, 2005. DE PANNA RITTIKRAI. COM TONY JAA. 81 MIN. DVD/VHS CALIFÓRNIA. **AÇÃO**

Você está cansado de ver gente voando com a ajuda de cabos apagados digitalmente nos filmes de artes marciais? Então conheça Tony Jaa, o legítimo sucessor de Jackie Chan quando o assunto é "acrobacias quase impossíveis". Depois de estrelar *Ong-Bak – Guerreiro Sagrado*, ele volta no mais ambicioso *O Protetor*. Dirigido pelo mesmo Panna Rittikrai, o filme coloca Jaa como o jovem que vai para a Austrália tentar recuperar um elefante roubado. A história é mero pretexto para seqüências de ação fenomenais, principalmente a luta final ao estilo videogame e as piruetas que desafiam a gravidade. Diversão ligeira, mas em grande estilo. ***R.M.***

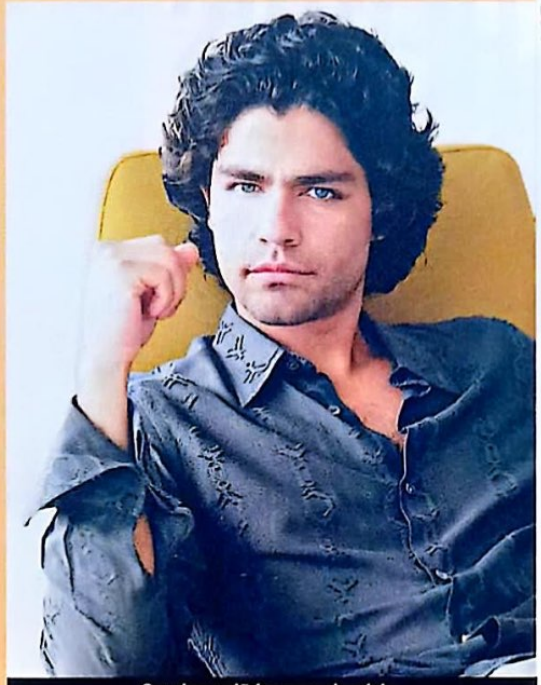
FILME: 8 EXTRAS: N.A.

ENTOURAGE – PRIMEIRA TEMPORADA COMPLETA

Os bastidores de Hollywood na visão de um jovem astro e seus amigos

ENTOURAGE – THE COMPLETE FIRST SEASON, EUA, 2005. DE VÁRIAS. COM ADRIAN GRENIER, KEVIN DILLON, KEVIN CONNOLLY, JERRY FERRARA, JEREMY PIVEN. WARNER. COMÉDIA

Existe um defeito inquestionável no DVD duplo com a primeira temporada de *Entourage*: são apenas oito episódios de uma série que vicia a cada minuto. A explicacão é simples. A HBO, que já produz temporadas mais curtas (cerca de 13 episódios), não sabia como o público encararia um programa sobre jovem astro do cinema em ascensão e sua tropa de amigos fiéis. *Entourage* conquistou o público ao oferecer uma visão bem menos azeda sobre a indústria do cinema. O criador Doug Ellin, na verdade, moldou uma trama focada na amizade de quatro pós-adolescentes num mundo repleto de mulheres bonitas, carros possantes, sexo fácil, assessores grosseiros e vaidades em conflito. Adrian Grenier (*O Diabo Veste Prada*) é Vincent Chase, a nova estrela de Hollywood. O primeiro episódio mostra o neo-astro curtindo o sucesso de seu longa *Head On*, cujas conseqüências seguem até o fim da temporada, com uma festa bancada por Jessica Alba e aparições em talk-shows. O grande barato de *Entourage* é saber dosar as bizarrices da indústria cinematográfica (parte das fofocas é cortesia de Mark Wahlberg, agindo como produtor-executivo) com as insolências dos três "consortes" de



Grenier: galã faz pose de sério

Vince, principalmente Kevin Dillon, irmão de Matt Dillon, que faz Johnny Drama, o mano mais velho da estrela e ator em decadência. É dele que parte as frases que viraram mania nos Estados Unidos. Veja de uma só vez e espere a segunda e terceira temporadas com as unhas na boca.

Rodrigo Salem

EPISÓDIOS: 9 EXTRAS: 6

TEST DRIVE

Os melhores títulos testados pela SET

ROCKY: UM LUTADOR – EDIÇÃO DEFINITIVA

ROCKY, EUA, 1976. FOX. DRAMA

Rocky Balboa está de volta em dose dupla. Trinta anos do lançamento de *Rocky – Um Lutador*, o personagem criado por Sylvester Stallone volta aos cinemas e, de quebra, ganha uma edição definitiva em DVD. Os dois discos reúnem bom número de material inédito, incluindo um documentário dividido em três partes batizado "No Ringue" – com mais de uma hora de duração e repleto de entrevistas recentes com o elenco e equipe técnica. Há ainda um bate-papo com Garrett Brown (o criador da Steadycam, a câmera especial com sistema anti-trepidação), que fez sua estréia nos cinemas justamente neste filme e outros documentários – divididos por assuntos como maquiagem, música e design. Em "Por Trás das Cenas com o Diretor John Avildsen", o diretor aparece apresentando ensaios de luta gravados em super 8. Existem ainda duas homenagens, para o ator Burgess Meredith e James Crable, diretor de fotografia e amigo de longa data de Avildsen. Entre todos os extras, o mais curioso é ver uma entrevista de Stallone na época (usando uma roupa quase circense) em um programa chamado *Dinah!*. Brega é apelido. Um título imperdível. ***R.M.***

EXTRAS: 9

OUTROS LANÇAMENTOS E NOVIDADES

• **SEGUNDA TEMPORADA >>** A Buena Vista lança este mês a segunda temporada da popular série médica *Grey's Anatomy* (um dos campeões de audiência nos Estados Unidos) em duas partes. A razão da divisão é simples : foram produzidos 27 episódios, número maior que o convencional. Cada volume terá quatro discos. Já a Universal coloca no mercado o segundo ano de *Monk*, programa estrelado por Tony Shalhoub (que já faturou inúmeros prêmios da crítica) que mostra um investigador cheio de manias.

• **PATO DIFERENTE >>** *Queer Duck* nasceu na Internet da mente insana de Mike Reiss (roteirista de *Os Simpsons*). Os curtas mostravam as aventuras de um pato homossexual e seus amigos nada convencionais – um jacaré, um urso polar e um gato. Os personagens fizeram sucesso e ganharam versão em longa-metragem, lançada pela Paramount. O filme mantém o estilo "politicamente incorreto" original e conta com as participações de gente famosa emprestando vozes como David Duchovny, Tim Curry e Conan O'Brien. O DVD oferece vários extras, incluindo entrevistas e uma série de curtas da Internet.

GINCANA DE SUPER-HERÓIS

Sony lança *Who Wants to Be a Superhero?*, reality show com tema diferente comandado por Stan Lee, criador do Homem-Aranha *Por André Gordirro*

Sony Terças, 22h

Super-heróis são a bola da vez no cinema e na TV. Eles são tratados como minas de ouro pelos estúdios e emissoras – vide o sucesso de *X-Men* e *Homem-Aranha* na telona, e *Smallville* e *Heroes* na programação televisiva. Não demorou muito para que os superseres aparecessem em outra atual febre da cultura pop americana: o reality show. A Sony estréia no dia 6 deste mês, às 22h, o bizarro programa *Who Wants to Be a Superhero?*, no qual doze pessoas, fantasiadas como personagens inéditos, passam por missões dignas de super-heróis, como conseguir um local em público para trocar a roupa civil pelo uniforme colorido, sem ser visto. Aos poucos os participantes vão sendo eliminados até sobrar um vencedor, que ganhará uma história em quadrinhos e um telefilme estrelados por seu super alter ego.

A figura por trás de *Who Wants to Be a Superhero?* é Stan Lee, o pai do universo Marvel e de heróis como X-Men, Homem-Aranha e Quarteto Fantástico. Mas os personagens dos participantes são criações individuais de cada um deles. Stan Lee limita-se a agir como uma espécie de Pedro Bial, aparecendo em monitores da "sede secreta" dos competidores. Ele julga seus atos heróicos e dá conselhos do tipo "com grande poder vem grande responsabilidade" – o mote do Homem-Aranha.

Who Wants to Be a Superhero? abusa do limite de ser tosco, não só pelo constrangimento de ver um bando de sujeitos de sunga por cima da calça colante, como pela própria direção, que explora o recurso de "closes emocionantes" a cada 20 segundos, o que esvazia o drama. Os participantes/heróis compõem uma fauna bizarra: há uma gorducha desempregada chamada Fat Momma; uma atlética moça intitulada Mulher-Macaco; um segurança anabolizado que vive um tal Iron Enforcer; e por aí vai. No primeiro dos seis episódios, Stan Lee sai distribuindo broncas. Passa uma reprimenda na gostosa Criatura (uma moderninha que flerta com todos os participantes masculinos) e critica a atitude "vou matar todo mundo" de Iron Enforcer. Ao dizer que "um super-herói não age dessa forma", Stan Lee se esquece de que em seu próprio universo ficcional há espaço para assassinos como Wolverine e Justiceiro.

A premissa de *Who Wants to Be a Superhero?* é até divertida, considerando, ainda assim, que esse formato de reality show (*Big Brother, No Limite, Ídolos*) já deu o que tinha de dar. O problema do programa, porém, é o artificialismo dos participantes – em nenhum momento dá para acreditar que eles sejam pessoas comuns que curtem super-heróis. Fica no ar uma má impressão de que tudo não passa de armação. Vai ver o projeto é um plano de algum supervilão para desmoralizar os defensores da lei e da ordem. Seja como for, uma segunda temporada já foi aprovada nos EUA graças ao sucesso da estréia.

OUTRAS NOVIDADES

Who Wants to Be a Superhero? não é a única novidade no pacote da Sony para fevereiro. Há a volta de séries estabelecidas como *Medium* (dia 5, 20h), *Grey's Anatomy* (dia 5, às 22h) e *Desperate Housewives* (dia 7, às 22h), e reality shows como *American Idol* (dia 7, às 20h) e *Celebrity Poker Showdown* (dia 17, às 22h), além da estréia de *The Game* (dia 9, às 21h30). A série é uma sitcom envolvendo três mulheres – uma namorada, uma mãe e uma esposa – cujas vidas gravitam em torno de jogadores de futebol americano. E, em tom de despedida, *Everybody Love Raymond* encerra sua carreira de nove temporadas no dia 22, às 21h30.

Lee: julgando novos e bizarros personagens

Renovação: (1) a estréia de *The Game*; (2) Carl

FOTOS: DIVULGAÇÃO

...ida" Bernard em *Celebrity Poker Showdown*; e (3) a nova temporada de *Desperate Housewives*

FOX

Olhar 43: Woods encara "vítima"

A PROMOTORIA ENTRA EM AÇÃO

James Woods vira advogado em nova série

Fox Dia 4, às 22h

Embora médicos e hospitais ainda predominem nas séries produzidas por Hollywood, a área legal também tem inúmeros representantes. É verdade que, na maior parte das vezes, seus atos são relacionados com histórias de ação policial. *Shark* também promete vigor físico, com episódios nessa linha. Mas concentra-se principalmente na conduta investigativa de promotores. O ponto de partida dessa estréia é um revés sofrido pelo advogado Sebastian Stark. Sempre seguro de si, ele vê a sua autoconfiança abalada diante do inesperado desfecho de um de seus casos. É quando resolve mudar de lado e coloca o seu talento e a sua agressividade na atividade de promotor público. Nomeado para chefiar a Unidade Criminal da Promotoria de Los Angeles, Stark passa a liderar uma turma de jovens, porém precisa conviver ainda com uma antiga rival, a dra. Jessica, que sempre se opôs aos seus métodos nada convencionais.

Ian Biederman, que tem em seu currículo capítulos de *Crossing Jordan*, é o autor da história e dos oito episódios iniciais de *Shark*. No papel principal está James Woods, que completa 60 anos em abril. Duas vezes agraciado com o Emmy, o ator já mostrou em diversas ocasiões, extrema facilidade para viver personagens egocêntricos e antipáticos. Como na biografia *Cidadão Cohn*, quando interpretou o também advogado Roy Cohn, braço direito do senador MacCarthy nas perseguições políticas ocorridas nos anos 50. Jeri Ryan, que atuou em *Boston Legal*, faz a dra. Jessica. Também estão no elenco fixo, Sarah Carter, Sophina Brown, Alexis Cruz e Samuel Page.

O episódio piloto tem direção de Spike Lee, o polêmico cineasta que se fez notar em realizações como *Faça a Coisa Certa* e *Malcolm X*. Já os capítulos seguintes da primeira temporada, que começa a ser exibida a partir do dia 8, quinta-feira, às 22h, foram dirigidos por John Showalter e Rod Holcomb. O pique, pelo menos, se mantém.

Thalberg: uma das mais respeitadas personalidades do cinema

O ÚLTIMO MAGNATA

TCM Dia 5, às 21h15

Irving Thalberg, Príncipe de Hollywood **traz de volta o grande produtor cinematográfico que serviu de inspiração para F. Scott Fitzgerald escrever *O Último Magnata*. Por meio de entrevistas e imagens de arquivo, o documentário de Robert Trachtenberg mostra a curta e brilhante vida desse norte-americano nascido em 1889. Descendente de imigrantes alemães, aos 20 anos já era chefe de produção da Universal. Mas foi na Metro, a partir de 1925, que se transformou definitivamente em uma das mais respeitadas personalidades do cinema. Em pouco tempo, tornou-se vice-presidente da empresa de Louis B. Mayer. Com a sua inspirada visão, ele acreditou no *star-system*, investindo em filmes marcantes a favor de artistas carismáticos como Clark Gable, Greta Garbo e principalmente Norma Shearer, com quem se casou em 1927. Thalberg, que sempre teve a saúde frágil, morreu de pneumonia em 14 de setembro de 1936 quando preparava *Maria Antonieta*, filmado em 1938 com sua amada Norma e Tyrone Power. O documentário será reprisado nos dias 11 (23h), 21 (1h20) e 24 (21h10).**

SOLIDÁRIOS NO SUDÃO

Hallmark Dia 1º, às 22h

Apesar de durar cerca de vinte anos, a guerra civil do Sudão (oficialmente encerrada em janeiro de 2005) não ganhou destaque na mídia nem tem sido muito explorada pelo cinema. Mas esta produção canadense feita diretamente para a TV traz uma emocionante história de solidariedade e coragem naquele front. *Zona de Guerra* (Whiskey Eccho) aborda a rotina de um grupo cosmopolita de médicos voluntários em um isolado hospital para refugiados. São jovens de personalidades diversas interpretados por David Alpay, Joanne Kelly, Jason Barry e Dominique McElligot, entre outros. Com quatro horas, o filme será apresentado em duas partes seguidas, em diversos dias e horários.

UM PACTO COM OS NAZISTAS

The History Channel Dia 5, às 21h

A Terrível Batalha por Roma: 1943 **enfoca uma questão polêmica sobre a Igreja Católica: durante a Segunda Guerra Mundial, ela teria feito um acordo com os nazistas, pouco antes de invadirem a capital da Itália. Segundo o escritor Robert Katz, de *A Travessia de Cassandra* e *O Caso Moro*, o Vaticano fez isso para preservar seus tesouros, já que não acreditava na eficácia da defesa das tropas Aliadas contra o Exército alemão. O documentário traz depoimentos de prelados, agentes de espionagem e muitos outros que, às vezes, defendem a tese colaboracionista, justificando-a como única forma para salvar a vida de muitos judeus residentes em Roma.**

EROTISMO NO FXXX

FX Vários horários

No canal FX, três noites seguidas de estréias com muito sexo e malícia agitam o bloco FXXX. No dia 13, às 0h30, começa a quarta temporada de *Family Business*, reality show sobre a vida doméstica de Seymour Butts, responsável por mais de setenta filmes pornôs de sucesso. A meta agora é participar de uma convenção em Las Vegas e gravar um pornô em uma ilha do Caribe. Ainda no dia 13, à 1h, é a vez de *Costa del Sex*, mistura de documentário e ficção ambientado em famosos e avançados resorts no litoral da Espanha. No dia 15, à 1h, tem início *Emma's A-Z of American Sex*, programa em que Emma Ford viaja pelos Estados Unidos para constatar como está o comportamento sexual do americano. Em alguns lugares, ela se vê diante de inusitadas condutas.

< ZAPEANDO >

79ª ENTREGA DOS ACADEMY AWARDS

Onde: TNT
Quando: Dia 25, às 22h
O Que: Transmissão ao vivo da festa do Oscar em Los Angeles, com tradução simultânea em português. A comediante Ellen DeGeneres é a principal apresentadora da cerimônia. O compositor italiano Ennio Morricone, de 78 anos, e responsável pelas trilhas de uns 300 filmes, vai receber um prêmio honorário.

ZWEIG: MORTE EM CENA

Onde: Canal Brasil
Quando: Dia 22, às 18h30
O Que: Em 43 minutos, o consagrado Sylvio Back discute a vida brasileira do austríaco Stefan Zweig, o autor de *Carta de Uma Desconhecida*. Com imagens de arquivo e depoimentos, o cineasta busca as razões que provocaram o suicídio do escritor e de sua mulher, Lotte, em 22 de fevereiro de 1942, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

COUPLING – 4ª TEMPORADA

Onde: Eurochannel
Quando: Dia 8, às 21h
O Que: Estréia da quarta temporada dessa série inglesa que, mesclando humor e drama, fala de amizades e relacionamentos de um grupo de amigos que costuma se encontrar em pubs típicos. Jack Davenport, Sarah Alexander, Ben Miles e Gina Bellman são alguns dos intérpretes centrais.

PSYCH

Onde: Universal Channel
Quando: Dia 28, às 23h
O Que: Início da segunda parte da primeira temporada dessa divertida série que estreou em setembro. Nos episódios inéditos, o falso vidente Shawn Spencer e seu parceiro Gus, interpretados por James Ruday e Dulé Hill, continuam fazendo trapalhadas quando tentam ajudar as investigações da polícia de Santa Barbara.

79ª ENTREGA DO OSCAR®

DOMINGO 25 DE FEVEREIRO

PRÉ-SHOW - ÀS 20H30

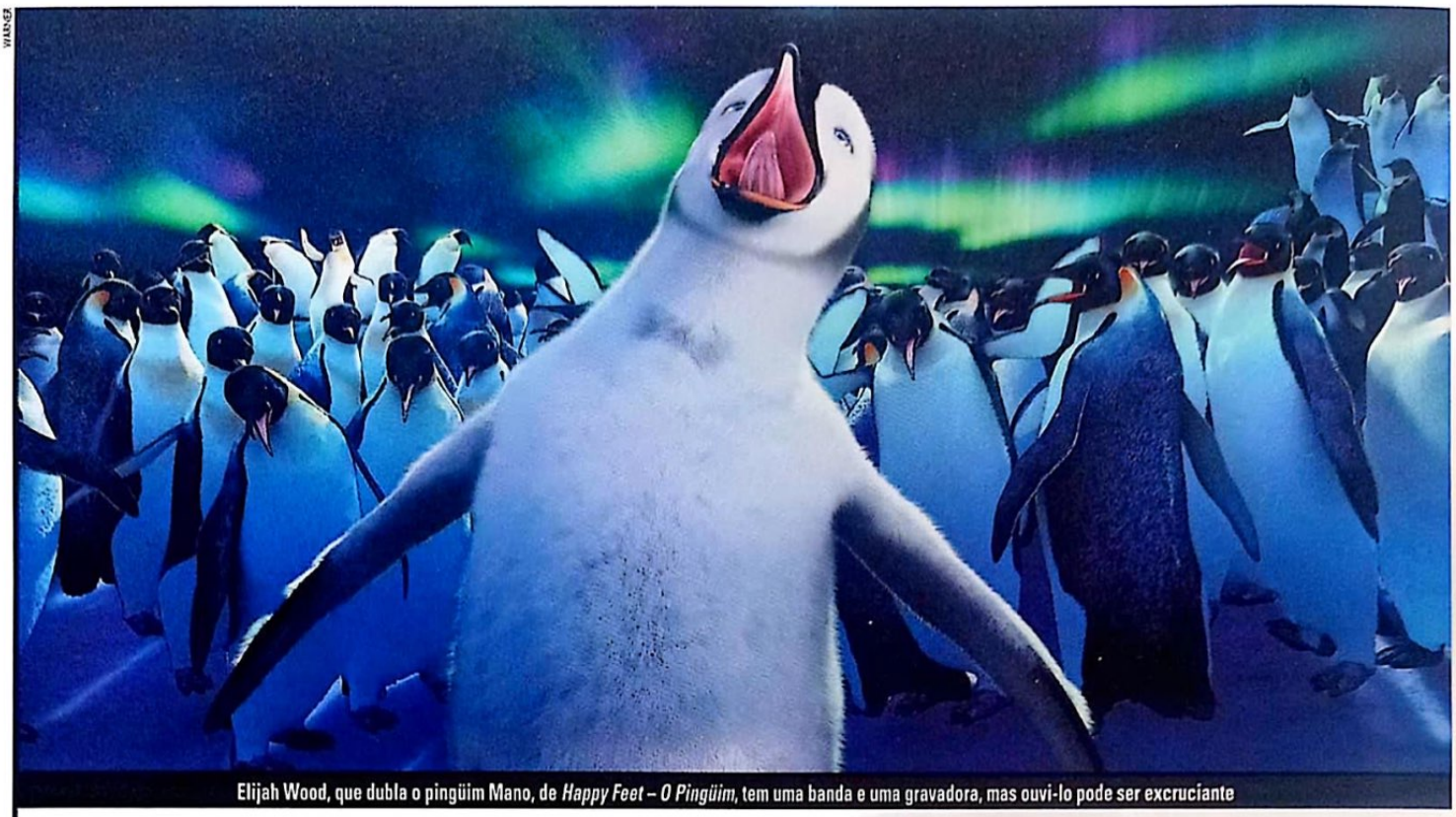
ENTREGA DO OSCAR® ÀS 22 HORAS

COMENTÁRIOS DE RUBENS EWALD FILHO

TNT

TNT.COM.BR

© 2006 Turner BroadcastingSystem Latin America. Uma companhia da AOL Time Warner. Todos os Direitos são Reservados.
OSCAR® é Marca Registrada e Marca de Serviço da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.



Elijah Wood, que dubla o pingüim Mano, de *Happy Feet – O Pingüim*, tem uma banda e uma gravadora, mas ouvi-lo pode ser excruciante

PARA VER E OUVIR

Três trilhas sonoras mostram, cada uma a seu modo, como a música pode ajudar na experiência de contar uma história no cinema *Por Alessandro Giannini*

THE DEPARTED, WARNER SUNSET/ WARNER. *O SEGREDO DE BEETHOVEN*, DECCA RECORDS. *HAPPY FEET – O PINGÜIM*, WARNER SUNSET/ ATLANTIC

Eis aqui três bons exemplos de trilhas sonoras: *The Departed*, *Happy Feet – O Pingüim* e *O Segredo de Beethoven*. Cada uma a seu modo, elas mostram como a música pode se encaixar organicamente em um filme de forma mais satisfatória do que apenas comentando uma ou outra seqüência. Não estamos falando da abordagem brechtiana, em que a melodia surge quase como um corpo estranho, normalmente fazendo um comentário e distanciando o espectador do contexto original. Nem do método popularizado pelo Dogma 95, em que a trilha só funciona dentro da cena, com o personagem escutando, por exemplo, um rádio no carro ou na cozinha.

Em todas as trilhas citadas, a música é usada de forma clássica. Ou seja, integra-se à narrativa do filme e ajuda a interpretar uma cena ou uma seqüência – sem excessos. A de *Os Infiltrados*, refilmagem do asiático *Conflitos Internos*, guarda o melhor exemplo de como Martin Scorsese e seu trilheiro, Howard Shore, fizeram isso. Ambientado em Boston, cidade portuária, de imigração irlandesa e de cultura policial, o filme explora essas características por meio da música. Roger Waters, Van Morrison e The Band ("Comfortably Numb"), Roy Buchanan ("Sweet Dreams") e até os hardcores Dropkick Murphys ("I'm Shipping Up to Boston") confirmam a tese.

O Segredo de Beethoven é muito diferente, já que o longa de Agnieszka Holland tem como tema a relação entre o grande compositor Beethoven (Ed Harris) e uma de suas copistas (pessoa que organizava e passava a limpo suas partituras), a bela Anna Holtz (Diane Kruger). A música, aqui, tem um papel de personagem e serve tanto como elemento de cena como comentário. A *Nona Sinfonia*, obra magistral, tem papel preponderante, já que a primeira execução, em 1824, funciona como clímax de toda a história. Na trilha, o maestro Antoni Lazarkiewicz fez o arranjo de algumas peças e é autor de pelo menos uma faixa incidental.

Por fim, há *Happy Feet – O Pingüim*, o musical animado e ecologicamente correto de George Miller sobre um grupo de pingüins antárticos cantantes e dançantes. A coisa aqui trabalha de maneira mais orgânica ainda, já que os personagens até dialogam por meio da música. O que explica a participação dos atores na execução de clássicos dos anos 70, 80 e 90, como "Somebody to Love" e "Boogie Wonderland", cantada por

Brittany Murphy; "My Way", interpretada num sotaque castelhano impagável por Robin Williams, e Nicole Kidman e Hugh Jackman, que fazem um mash up de "Kiss" e "HeartBreak Hotel". Talvez seja a mais pobre das três, mas certamente é a mais divertida de escutar.

THE DEPARTED: 8,5
COPYING BEETHOVEN: 8
HAPPY FEET – O PINGUIM: 7,5

JAY-Z

KINGDOM COME. UNIVERSAL

Em 2004, após uma extensa turnê com o Linkin Park, Jay-Z declarou que estava se aposentando dos microfones. Um dos maiores rappers da história recente do estilo, o músico passou dois anos produzindo discos, aproveitando a vida ao lado da noiva, Beyoncé, e tentando promover ações sociais. Mas a mediocridade do hip-hop atual (apenas Kanye West se destaca numa onda de artistas ricaços, mas falidos criativamente) acordou a besta e, num ataque de messianismo, reapareceu como um profeta em *Kingdom Come* (a expressão vem da *Bíblia*, não por coincidência). No álbum, Jay-Z aproveita sua facilidade de transitar entre os maiorais para convocar produtores brilhantes (Dr. Dre, Neptunes, o próprio West) em canções que mostram que o poeta não perdeu sua força. Ataca a política Bush em "Minority Report", une-se à voz cristalina de Beyoncé em "Hollywood" e imita o The Streets ao usar Chris Martin (Coldplay) no backing vocals da delicada "Beach Chair". Mas é solo, em "Kingdom Come" e "Show Me What You Got", que as referências de soul e blues deixam o músico em seu território. ***Rodrigo Salem***

NOTA: 8

THE MAGIC NUMBERS

THOSE THE BROKES. EMI

O quarteto inglês The Magic Numbers leva mais a sério esse papo de "rock família" que o Kings of Leon. A banda, formada por dois casais de irmãos, alcançou o status de cult há três anos, quando começou a excursionar com o Travis e Ed Harcourt e entrou na lista de melhores de 2005 com o primeiro disco, *The Magic Numbers*. Talhando uma tábua de referências que vai de Beach Boys, Abba, Bee Gees ao folk inglês dos anos 60, o grupo resolveu experimentar novas tendências no segundo álbum, aderindo ao R&B ("Undecided") e ao britpop (a deliciosa "Take a Chance"). Mas a parentada acerta em cheio mesmo quando mostra o seu lado estranho em "Carl's Song", evocando os irlandeses do The Thrills e os escoceses do Belle & Sebastian nos momentos mais alegres. ***R.Sl.***

NOTA: 7,5

AMERICAN HARDCORE

TRILHA SONORA. WARNER MUSIC

Surgido no meio da insatisfação social americana da metade dos anos 80, o hardcore é um derivado do punk (raiz pobre, nenhuma preocupação com virtuosismo, crueza) com batida mais rápida. Ofuscado por nunca ter entregue ícones fortemente consumidos em camisetas de butique, o gênero teve seu auge em 1986, mas sem ter estourado de verdade, apesar das influências que desempenharia no futuro – emocore, Offspring, Green Day e dezenas de outras bandas que beberam na fonte da rebeldia anti-Reagan. O documentário *American Hardcore*, de Paul Rachman, exibido na Mostra de São Paulo, desenterra uma época rica em discursos e coloca pingos nos "is", mostrando a importância do hardcore na disseminação do rock alternativo e de uma identidade ianque. O disco vai mais além. Ele apresenta a maioria dos grupos capturados no vídeo (Minor Threat, Bad Brains, Black Flag), porém continua o processo de resgate numa coletânea obrigatória para quem não sabe de onde vem as origens (pesadas) do Simple Plan ou Charlie Brown Jr. ***R.Sl.***

NOTA: 8,5

SILVERSUN PICKUPS

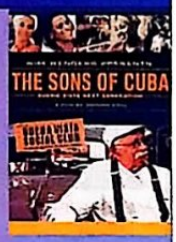
CARNAVAS. IMPORTADO

Enquanto a lista dos melhores de 2006 dos "veículos consagrados" se prendia ao óbvio contaminante, os blogs musicais (acredite, as gravadoras estão cada vez mais perdidas) não falavam de outra coisa (ok, fora o Arctic Monkeys, que já é "coisa velha" para os catadores de MP3): *Carnavas*, primeiro disco do Silversun Pickups. Você provavelmente não ouviu falar e talvez nem vá, porém fica difícil de entender como um álbum tão complexo e atual não chegou ao Brasil seis meses depois do lançamento nos EUA. *Carnavas* mostra um quarteto que sabe a hora de bater como o Sonic Youth e assoprar como o Smashing Pumpkins. Suas melodias surgem dos barulhos mais inesperados de guitarra, grudando no cérebro como qualquer canção do Strokes (ouça "Little Lover's So Polite" e entenda) e ainda longe de esbarrar em clichês indies. Espere sentado para ouvir um discaço ou turbine a Internet de seu computador. ***R.Sl.***

NOTA: 9

DVD MUSICAL

THE SONS OF CUBA



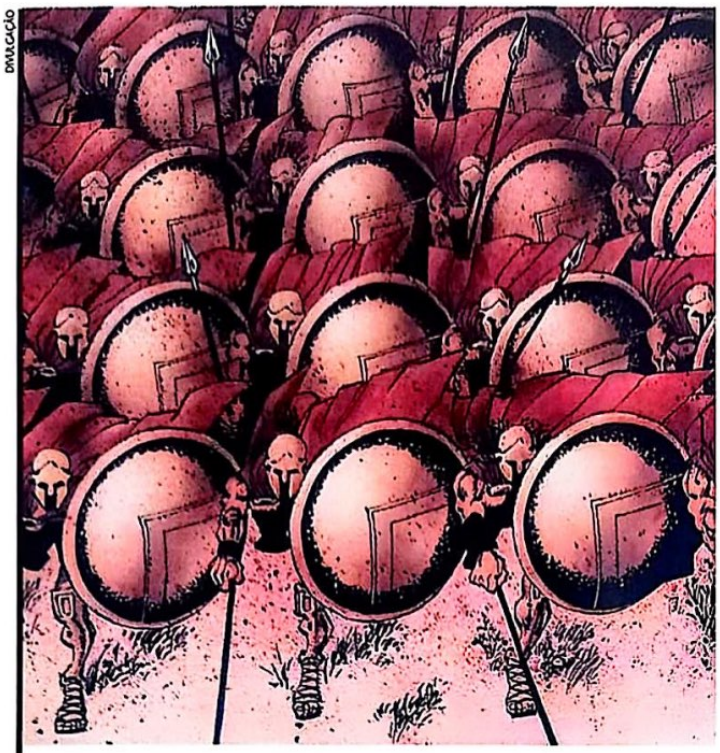
THE SONS OF CUBA – BUENA VISTA NEXT GENERATION. EMI

No fim dos anos 90, Wim Wenders desenterrou o passado musical de Cuba e apresentou ao mundo um grupo de velhinhos para lá de bom. Compay Segundo, Ibrahim Ferrer, Rubén González e vários outros reviveram o melhor de seus dias nos palcos do mundo inteiro. Agora, Wenders volta à carga e produz um documentário sobre a nova geração de músicos da ilha. Sob a direção do argentino German Kral, especialista em documentários musicais, *The Sons of Cuba – Buena Vista Next Generation* apresenta os sucessores de Segundo, Ferrer, González e companhia.

O filme, que mistura documentário e ficção, começa com o encontro do maestro Pio Leiva, um dos integrantes do Buena Vista original, e um motorista de táxi, que lhe propõe formar uma banda juntando duas gerações de músicos. O encontro, claro, dá certo e o que se vê no palco são novos nomes, como Elmer Ferrer, Luis Frank, Telmary e Osdálgia, interagindo com Leiva e o que restou da velha guarda. Uma mistura nem sempre tão saborosa quanto o prato original. ***A.Gn.***

NOTA: 6,5

REPRODUÇÃO



VIOLÊNCIA GREGA

Minissérie de Frank Miller é compilada em álbum "widescreen" no Brasil *Por Rodrigo Salem*

OS 300 DE ESPARTA. DE: FRANK MILLER E LYNN VARLEY; EDITORA DEVIR; 88 PÁGS.; PREÇO: R$ 58,00

Quem não sabe o que esperar de *300*, filme do diretor Zack Snyder (*Madrugada dos Mortos*), pode partir para a fonte. E em ótimo estilo. A Devir coloca no mercado a famosa (e inédita) versão widescreen da história de Frank Miller, lançada como minissérie em formato americano no Brasil, nos anos 90. A edição ganha novo impacto com capa dura, papel de luxo e "deitada". Os quadrinhos viram verdadeiras obras de arte – não foi à toa que Snyder aplica a mesma tecnologia usada em *Sin City* para recriar a ambientação desenhada por Miller.

A trama é um retrato romantizado e violento da famosa Batalha das Termópilas, travada em 480 a.C., quando o rei de Esparta, Leônidas, reuniu 300 homens e enfrentou o poderio do império persa, sob o comando do megalomaníaco Xerxes. Miller, que sabe criar homens durões como ninguém, dá voz a um imponente Leônidas e a um Exército obstinado, sem falhas na rígida doutrina espartana. A trama rende cenas de batalhas antológicas, reviravoltas magníficas para quem nunca estudou as conseqüências do ato grego e lições de heroísmo arquétipas – Heródoto, quem primeiro romanceou a batalha, contava de 300 homens contra 4 milhões de persas. Obviamente, não estamos falando de um livro histórico ou preocupado com cada detalhe realista, mas com um olhar ainda mais floreado de um confronto que salvou a Grécia e os valores que ela plantou até hoje.

NOTA: 9,5

MARIA ANTONIETA

DE: ANTONIA FRASER; EDITORA RECORD; 571 PÁGS.; PREÇO: R$ 67,90

Principal referência de Sofia Coppola na criação de *Maria Antonieta*, a biografia da última rainha da França debruça-se sobre um dos mais importantes mitos do século 18. A escritora e historiadora inglesa Antonia Fraser praticamente destrói a imagem, perpetuada especialmente por uma esquerda que via na Revolução Francesa um ícone, de uma monarca altiva e arrogante. No lugar dela, restabelece uma nova verdade, defendida no filme de Sofia, de que ela era apenas uma adolescente rica e mimada, cujo único objetivo na vida foi servir à mãe dominadora e encontrar refúgio em uma corte hostil. ***Alessandro Giannini***

NOTA: 8

METAL GEAR SOLID – VOL. 1

DE: KRIS OPRISKO E ASHLEY WOOD; EDITORA PIXEL; 148 PÁGS.; PREÇO: R$ 32,90

Games nunca renderam bons filmes. Pelo menos, tiveram melhor sorte nos quadrinhos. Apesar de seguir um roteiro completamente batido para quem passa algum tempo com o joystick nas mãos, *Metal Gear Solid*, inspirado numa das franquias eletrônicas mais bacanas e duradouras da produtora Konami, não deve ser deixado de lado. Já aposentado, o agente Solid Snake precisa retornar à ativa e invadir uma ilha infestada por mercenários em busca de cadáveres para experimentos genéticos. A arte de Ashley Wood (*Spawn*) é estilosa, mas ainda não é interativa. Pena. ***R.Sl.***

NOTA: 7

FORA DO NORMAL

MUNDO BIZARRO. DE: VÁRIOS AUTORES; ÓPERA GRAPHICA; 200 PÁGS; PREÇO: R$ 79,00
OS PERDEDORES. DE: ANDY DIGGLE E JOCK; ÓPERA GRAPHICA; 157 PÁGS.; PREÇO: R$ 69,00
O COMPLÔ. DE: WILL EISNER; CIA. DAS LETRAS; 160 PÁGS.; PREÇO: R$ 36,00

As livrarias brasileiras abarrotam-se de títulos luxuosos e vários deles tratam os super-heróis com descaso ou ironia. *Mundo Bizarro*, por exemplo, reúne um bando de autores de HQs underground para reinterpretar alguns dos uniformizados da DC Comics – o projeto é o segundo no estilo da editora. Nas mãos de Mo Willems, a Mulher-Maravilha vive uma teen insegura. Já Aquaman, ganha ares emo como um músico frustrado.

Bem diferente do humor, a Ópera Graphica lança o primeiro volume de *Os Perdedores*, thriller militar moderno ágil e atual. Neste arco do novo superstar Andy Diggle, o grupo da força especial do Exército americano busca uma maneira de se vingar de um homem obscuro da CIA que tentou matá-los. Ainda na onda da conspiração, Will Eisner, deixa *O Complô* como seu último trabalho. Mas o álbum sobre os famigerados Protocolos dos Sábios de Sião é didático demais e decepciona. ***R.Sl.***

MUNDO BIZARRO: 8
OS PERDEDORES: 8,5
O COMPLÔ: 6,5

VALDIVAR CUNHA

AS TRÊS MARAVILHAS DA DIVERSÃO

Os novos consoles de última geração invadem o mercado, escolha o seu *Por Fábio Santana*

Não há como escapar: uma nova geração de videogames está entre nós. A Microsoft saiu na frente com seu Xbox 360 em novembro de 2005 – que agora ganha uma versão (cara) nacional. Um ano depois, Sony e Nintendo lançaram seus competidores nos EUA e Japão: PlayStation 3 e Wii. Para facilitar a escolha, preparamos um guia comparando as principais características dos três concorrentes.

PREÇO

Xbox 360: o console brasileiro sai a 2.999 reais. No pacote estão inclusos um controle sem fio, um controle remoto para filmes, uma frente removível e três jogos.

PlayStation 3: importado dos EUA, o console pode ser encontrado por aqui a preços entre 4.000 e 5.000 reais. Está disponível em dois pacotes: o básico (499 dólares), que inclui controle sem fio e disco rígido de 20 Gb, e o completo (599 dólares), com HD de 60 Gb, conexão com a Internet wireless e conectores para cartões de memória.

Wii: o modelo nacional é vendido a 2.399 reais (nos EUA, 250 dólares). A caixa inclui controles e também um jogo, *Wii Sports*, que oferece cinco modalidades: tênis, golfe, beisebol, boliche e boxe.

Wii

GRÁFICOS

Xbox 360: Um ano depois do lançamento, os desenvolvedores estão mostrando do que o console é capaz. Basta testemunhar *Gears of War*, o jogo mais bonito já criado.

PlayStation 3: está sofrendo do mesmo problema que o console da Microsoft apresentou inicialmente, o que certamente será remediado conforme os estúdios dominarem a máquina. Seus processadores foram concebidos para fazer o console mais poderoso no mercado.

Wii: definitivamente, não espere gráficos revolucionários. O console não foi construído com esse objetivo. Ao longo de seu ciclo veremos jogos mais bonitos que os da geração passada, mas nem aos pés dos dois monstros de alta definição da Microsoft e da Sony.

CONTROLES

Xbox 360: apenas uma evolução do controle do primeiro Xbox. Funciona sem fios.

PlayStation 3: segue o design consagrado pelo DualShock, porém, com três importantes diferenças: 1) funciona sem fios; 2) tem sensores de movimento e inclinação para uma maior imersão nos jogos; e 3) perdeu a função de vibração.

Wii: a Nintendo abandonou os padrões e criou um dispositivo em forma de controle remoto com sensores de movimento, inclinação e pontaria, além de uma extensão com alavanca analógica.

PlayStation 3

Xbox 360

FOTOS: DIVULGAÇÃO

INTERNET

Xbox 360: a rede Xbox Live oferece listas de amigos, rankings de jogos, demos e trailers de games, filmes e seriados baixáveis, jogos antigos e muitos outros recursos. Para jogar online, é preciso pagar pela assinatura Gold (49,99 dólares ao ano).

PlayStation 3: a Sony tem a PlayStation Network, que oferece demos e trailers de jogos e partidas online gratuitamente. Porém, o serviço não tem a mesma facilidade de uso e disponibilidade de recursos da Microsoft.

Wii: O grande recurso é o WiiConnect24, que mantém o console funcionando mesmo quando desligado. É possível, desde já, baixar jogos antigos.

MULTIMÍDIA

Xbox 360: o console nacional roda DVDs da Região 4, ou seja, brasileiros. Nos EUA, foi lançada uma expansão para rodar filmes em HD-DVD (200 dólares), mas dificilmente o periférico chegará aqui. Pelo menos não este ano.

PlayStation 3: roda filmes em DVD e até na novíssima mídia Blu-Ray, mas apenas na região de origem do aparelho. Nada de DVDs brasileiros.

Wii: não roda nenhum tipo de filme.

JOGOS

Xbox 360: tem a biblioteca mais vasta e variada dos três, já que foi lançado um ano antes. No final de 2006, ganhou adições de peso, como *Gears of War* e *Viva Piñata*. Comprar agora é diversão bem mais segura que no começo.

PlayStation: seu acervo inicial de jogos é decepcionante. Isso deve mudar em breve com *MotorStorm*, além de hits chegando no final deste ano (*Metal Gear Solid 4*) e em 2008 (*Final Fantasy XIII*). A compra pode esperar.

Wii: teve muitos jogos bobinhos no lançamento, mas *The Legend of Zelda: Twilight Princess* justifica a compra imediata. Futuramente, terá sucessos como *Metroid Prime 3: Corruption* e *Super Mario Galaxy*.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

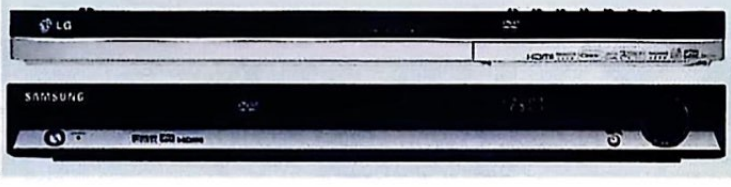
O MARAVILHOSO MUNDO DO HDMI

Equipamentos que oferecem conexão digital de alta definição já são realidade no Brasil, mas pouca gente sabe disso *Por Ricardo Matsumoto*

Enquanto a maioria das pessoas discute se o sistema japonês de transmissão de TV em alta definição a ser adotado pelo Brasil foi a melhor escolha ou não, pouca gente fala de algo que já se tornou uma realidade no mercado: o HDMI. A sigla, que significa High-Definition Multimedia Interface (ou Interface Multimídia de Alta Definição), dá nome ao tipo de conexão criada para explorar ao máximo a nova geração de aparelhos de televisão, especialmente os modelos de cristal líquido (LCD) ou plasma, e também com os novos equipamentos dos formatos Blu-Ray e HD-DVD. Sua função é substituir os velhos cabos RCA (aqueles coloridos usados para transmitir imagem e som) ou de Super VHS, oferecendo qualidade incomparável de imagem e som. O que muita gente não sabe é que é possível aproveitar as vantagens do HDMI antes mesmo da chegada da TV em alta definição.

Para começar, praticamente todas as TVs vendidas hoje, tanto de LCD como plasma, oferecem essa entrada. O mesmo não se pode dizer dos aparelhos de DVD. Outro problema é o preço do cabo, que chega a custar mais de 200 reais. Nos últimos meses, entretanto, o mercado brasileiro começou a receber alguns players com HDMI. Para atrair o consumidor, os fabricantes resolveram incluir na embalagem o tão famoso cabo (que aparece em todos os manuais como opcional). O preço (em média 500 reais, valor igual aos equipamentos de alguns anos atrás) pode parecer alto, mas vale cada centavo. A pergunta é: qual é a vantagem do HDMI para ver um filme convencional? O truque é o entrelaçamento. Apesar de o DVD ter muito menos resolução que o HD, o aparelho duplica as linhas antes de enviar para a TV. O resultado é uma imagem mais nítida, com mais detalhes, que usa todo o poder das telas de LCD ou plasma. Para tirar a prova, experimente assistir a um filme como *Carros*, da Disney. É assombroso.

A Philips (DVP5965K), LG (DN1F0H), Samsung (HD-860) e Gradiente (D-860) possuem modelos com HDMI. Além do cabo, eles trazem outros recursos, como entrada USB (exceto no Samsung) e leitores de cartões de memória (usados geralmente em máquinas fotográficas digitais e aparelhos MP3, e que não estão presentes no DVD da Philips e da Samsung). O modelo da LG tem um atrativo extra: sua conexão USB não se limita apenas a exibir fotos e tocar MP3 como nos aparelhos similares. Ela possibilita até rodar arquivos de vídeo no formato DivX (bastante popular em computadores pessoais e entre cinéfilos que não têm paciência para esperar os longas ou séries chegarem ao país). A empresa também foi pioneira em lançar um gravador de DVD com o mesmo recurso (DR1F9H). Bem-vindo ao maravilhoso mundo do HDMI.



Três boas opções para quem busca qualidade de imagem: o modelo DVP5965K da Philips (acima), o DN1F0H da LG e o HD-860 da Samsung

PRÓXIMAS ATRAÇÕES

MOTOQUEIRO FANTASMA

Um dos heróis mais sombrios da Marvel ganha vida na pele (e caveira flamejante) de Nicolas Cage

300

300 gregos contra milhões de Persas liderados por Rodrigo Santoro em épico baseado na HQ de Frank Mille

O CHEIRO DO RALO

Selton Mello mostra seu lado negro nesta premiada comédia de humor negro

NICOLE KIDMAN

(Ganhadora do OSCAR® por 'As Horas')

ROBERT DOWNEY JR.

(Indicado ao OSCAR® por 'Chaplin')

Uma mulher insatisfeita.

Um desejo incontrolável.

Uma paixão proibida.

Baseado em uma história real.

UM FILME DE
STEVEN SHAINBERG

A PELE

MARÇO NOS CINEMAS

NEW LINE CINEMA
A TimeWarner Company

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

PlayArte
PICTURES
www.playarte.com.br

robert de niro

Quando Robert De Niro ganhou seu primeiro Oscar, pelo papel do jovem Vito Corleone, em *O Poderoso Chefão 2*, toda a geração atual ainda engatinhava. Mais cinco indicações e uma nova vitória (por *Touro Indomável*, com seu parceiro preferido, Martin Scorsese) transformaram o ítalo-americano num dos maiores atores da história do cinema. Em *O Bom Pastor*, De Niro atua por alguns minutos na pele do general Bill Sullivan, um dos criadores da CIA, mas é por trás das câmeras que o astro procura reconhecimento. O longa sobre as origens da Agência de Inteligência Americana é seu primeiro projeto como diretor desde *Desafio no Bronx*, de 1993, e quase o colocou frente a frente com Scorsese na briga por uma estatueta do Oscar. Humilde e homem de poucas palavras, Robert De Niro apenas "espera que Martin receba esse prêmio que já deveria ter sido entregue" e fala sobre uma produção que persegue há sete anos.

A realização de *O Bom Pastor* causou alguma mudança em sua postura política?

Não mudou tanto, porque sempre presto bastante atenção ao que está acontecendo ao meu redor. Acho que mudei apenas a minha idéia a respeito das pessoas que conheci da CIA, pessoas inteligentes e dedicadas. Quando topei fazer o filme, não queria fazer uma declaração contra ou a favor da CIA, mas focar no ponto de vista do personagem, da família e de como suas ações impactam em suas vidas.

Você ficou famoso por seus papéis de mafiosos. Há alguma semelhança entre a máfia e a CIA?

Bem, as duas trabalham sempre em segredo, mas acho que isso é óbvio (*risos*). Claro que há toda essa mitologia em volta da CIA, KGB, o que essas agências fazem. Vemos as notícias sobre Alexander Litvinenko (*ex-espião russo, morto por envenenamento radioativo na Inglaterra, no final de 2006*) e quem sabe o que foi praticado ali? Na verdade, filmamos algumas cenas de execução e assassinatos mais diretos, mas ninguém sabe ao certo a forma de agir desses órgãos. Apenas temos uma percepção de que possa ser parecido com o método da máfia. No entanto, o que me interessava mesmo na trama eram as mortes complexas, planejadas de maneira muito mais inteligente.

Você trabalhou com grandes diretores. Algum ponto em comum entre eles?

Qualquer bom diretor precisa dar aos atores e a todos os envolvidos num filme a liberdade de explorar e se sentirem confortáveis em arriscar e colaborar. Eles precisam saber que estão num projeto coletivo.

Seu modo de preparação para dirigir um filme é diferente de quando vai atuar?

Você é sempre inundado por questões durante todo o dia. Pessoas perguntam o que devem fazer o tempo todo. É como uma reflexão do que estou construindo. Preciso pensar rápido, principalmente quando estamos filmando; e esse longa foi tão complexo, repleto de pequenas partes desconectadas, que precisava confiar em diversas pessoas para não me deixarem esquecer de algum detalhe.

***O Bom Pastor* é um projeto que está em Hollywood há dez anos. Como você teve contato com ele?**

Tomei conhecimento desse filme há sete anos e sempre quis dirigi-lo. Mas ficava cada vez mais difícil de fazê-lo. Mais difícil do que pensei.

Por isso demorou treze anos para voltar à direção?

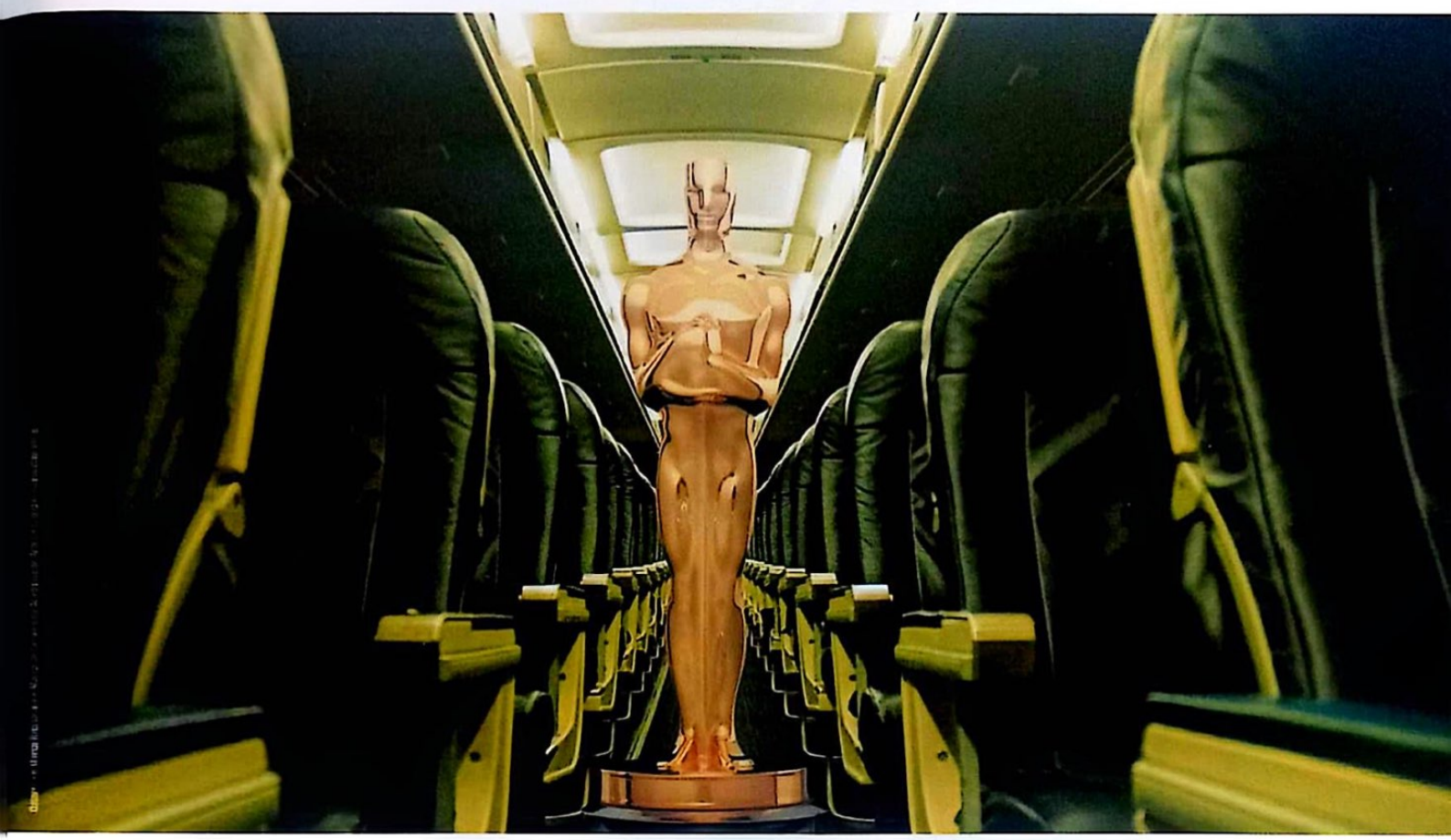
Talvez. Estava trabalhando em outro projeto similar a *O Bom Pastor*, mas não focando no mesmo período de tempo. Depois de ler o roteiro, pedi para Eric Roth (*roteirista do longa*) se ele poderia escrever o script desse outro filme. A princípio, ele não estava inclinado a isso, mas chegamos a um acordo que, se eu dirigisse *O Bom Pastor*, ele faria essa espécie de continuação, porque essas histórias vão longe. Porém, veremos se vamos ter a sorte e o desejo de podermos continuar em frente.

O que houve com essa mudança de DiCaprio por Damon?

Ia fazer com Leonardo primeiro, mas ele estava em *Os Infiltrados* e eu estava com toda a produção engatilhada. Leo queria esperar para estudar mais o personagem. E, com medo de tudo ir água abaixo mesmo com o nome dele por trás, disse a ele que precisava seguir em frente por causa do cronograma. Falei com Matt, que me respondeu em uma semana. Graças a Deus ele fez isso, porque não sabia o que aconteceria. Tive muita sorte de ele ter subido a bordo.

Rodrigo Salem, de Nova York

SENHORES PASSAGEIROS, BEM-VINDOS AO VÔO FOX 2007 PARA HOLLYWOOD.



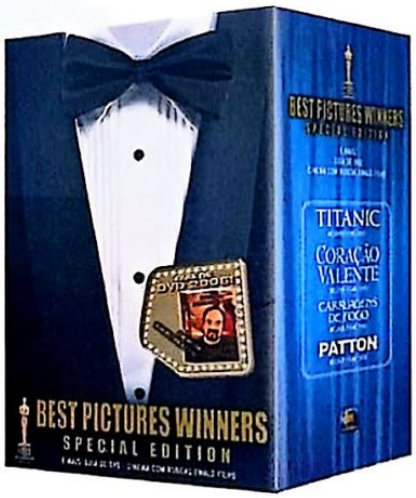
100 ANOS DE GRANDES FILMES.

UMA FESTA COM OS GRANDES VENCEDORES DA ACADEMIA A PREÇOS ESPECIAIS PARA VOCÊ COMPLETAR SUA COLEÇÃO E AINDA CONCORRER A UMA SUPERVIAGEM PARA HOLLYWOOD.

COLEÇÃO OSCAR®. SÃO MAIS DE 20 TÍTULOS A PARTIR DE R$ 19,90

Consulte regulamento e todos os títulos da coleção no site: www.foxfilms.com.br/100anos

COLEÇÃO
BEST PICTURE WINNERS
SPECIAL EDITION



TITANIC, CORAÇÃO VALENTE, CARRUAGENS DE FOGO E PATTON MAIS GUIA DE DVD E CINEMA DE RUBENS EWALD FILHO

R$ 79,90

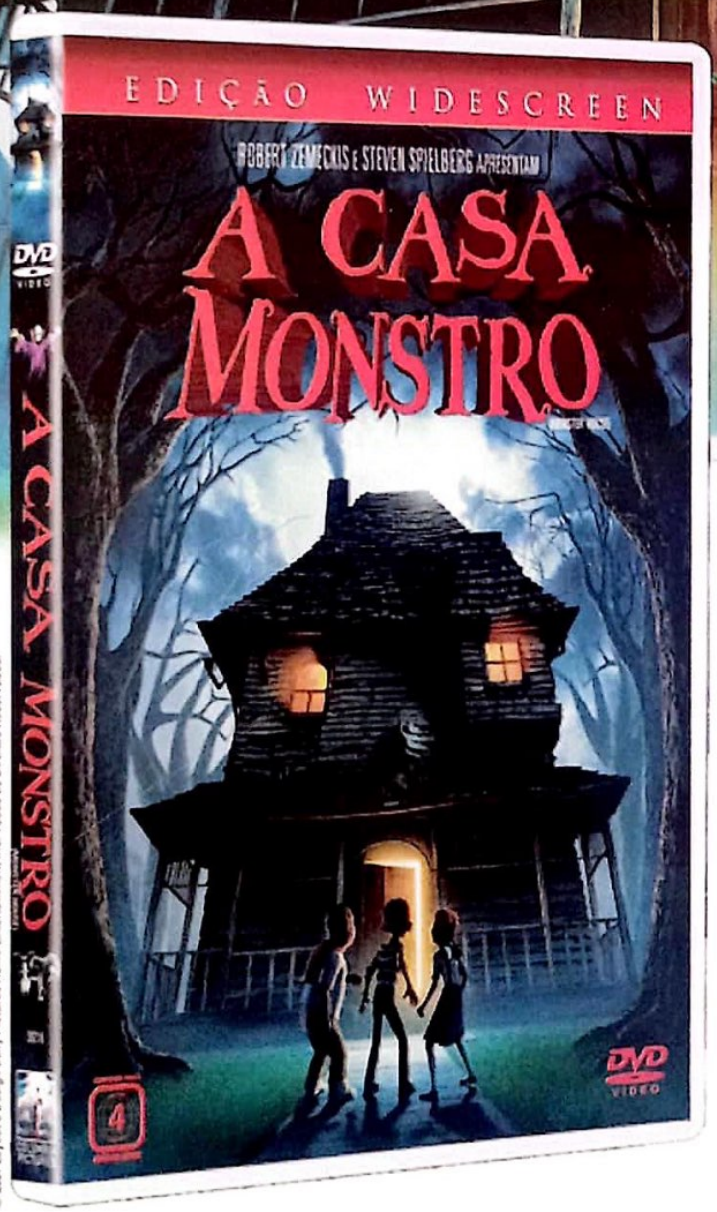
©2007 Twentieth Century Fox Film Corporation. Todos os Direitos Reservados. ©2007 Twentieth Century Fox Home Entertainment LLC Todos os Direitos Reservados. "Twentieth Century Fox", Fox e seus logos associados são propriedades da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença. Consulte a Classificação Indicativa destes Filmes.

www.foxvideobrasil.com.br

ROBERT ZEMECKIS E STEVEN SPIELBERG APRESENTAM

A CASA MONSTRO

TODA CASA GUARDA UM SEGREDO.



COMPRE EM DVD

COLUMBIA PICTURES APRESENTAM EM ASSOCIAÇÃO COM RELATIVITY MEDIA UMA PRODUÇÃO IMAGEMOVERS / AMBLIN "MONSTER HOUSE"
STEVE BUSCEMI NICK CANNON MAGGIE GYLLENHAAL KEVIN JAMES JASON LEE CATHERINE O'HARA KATHLEEN TURNER FRED WILLARD
DOUGLAS PIPES RUTH MYERS JAY REID SONY PICTURES IMAGEWORKS INC.
ADAM P SCOTT GABRIELLE RAWLEY ED VERREAUX XAVIER PEREZ GROBET
ROBERT ZEMECKIS STEVEN SPIELBERG JASON CLARK DAN HARMON & ROB SCHRAB
DAN HARMON & ROB SCHRAB E PAMELA PFERLER STEVE STARKEY JACK RAPKE GIL KENAN
Leia o Livro da Simon Spotlight e Insight Editions
Trilha Sonora disponível pela Varèse Sarabande

DVD VIDEO · COLUMBIA PICTURES · IMAGEMOVERS · AMBLIN ENTERTAINMENT · SONY PICTURES

© 2006 Columbia Pictures Industries, Inc. e GH One LLC. Todos os Direitos Reservados.
© 2007 Layout e Design Sony Pictures Home Entertainment Inc. Todos os Direitos Reservados.